

"Fazedores" de cidades mostraram outra Lisboa

Num passeio em Lisboa, realizado ontem, à tarde, integrado nas comemorações do primeiro Dia Mundial da Arquitectura, a Associação dos Arquitectos Portugueses mostrou «novas vistas» da capital.

Págs. 10 e 11

Morte de estudante angolano causa estranheza em Aveiro

Pág. 9

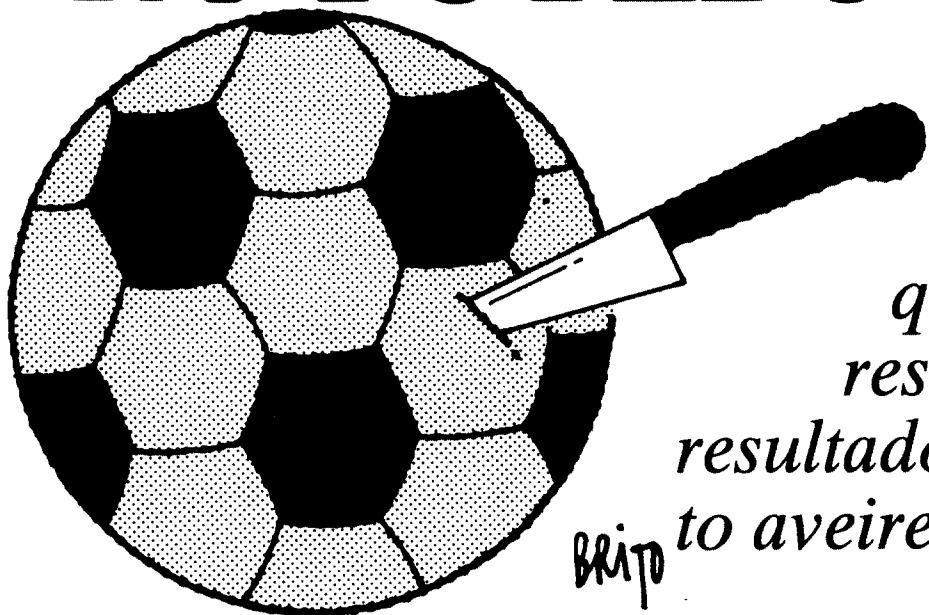
Diário de Lisboa

N.º 22 401

Quinta-feira, 2 de Julho de 1987

Preço 40\$00

CORRUPÇÃO CONFIRMADA NO FUTEBOL PORTUGUÊS



Brito

Cinco clubes despromovidos, quatro dirigentes e trinta e sete jogadores irradiados, inquéritos a três arbitragens: primeiro resultado daquela insólita dupla de resultados (32-0) verificada no campeonato aveirense.

Pág. 24

BOLSAS DE LISBOA E PORTO

Tendência altista acentua-se



Transacções atingiram 88 milhões no primeiro semestre deste ano

As Bolsas de Valores de Lisboa e Porto movimentaram, no primeiro semestre deste ano, a quantia de 88 milhões de contos quando, em período homólogo do ano passado, o volume transaccionado se ficou pelos 19 milhões de contos. A tendência altista do mercado de títulos é bem visível se se acrescentar que, num período de um ano, apenas 11,8 milhões de títulos trocados de mãos nos mercados oficiais e não oficiais foram responsáveis pela diferença agora registada.

Pág. 14

"DL" NA CAMPANHA ELEITORAL

A reportagem dos nossos enviados nas págs. 3 a 6

MACAU

Carlos Melancia será o próximo governador

Carlos Melancia aceitou o convite formulado pelo presidente Mário Soares e será o próximo governador de Macau, confirmou o «DL». Esta manhã, em Macau, Carlos Monjardino presidiu a uma reunião do Conselho do Governo na qual comunicou questões acordadas com Soares quanto à gestão do território no período de transição que mediará até a posse do futuro governador.

Pág. 2



O «DL» no TROFÉU JOAQUIM AGOSTINHO com o patrocínio

TOITORRES

Banix



TOYOTA

pelo prazer de conduzir MOTOCICLOS

Jardim inaugura na Madeira "Monumento à Autonomia"

O presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim, afirmou ontem que a autonomia «nasceu da luta e hoje até os nossos inimigos podem assistir ao seu triunfo».

Jardim falava na cerimónia de inauguração do «Monumento à autonomia», realizada em Santa Cruz, a Oeste do Funchal, próximo do aeroporto da Santa Catarina. No seu discurso, o líder madeirense prestou homenagem aqueles que, «injustamente acusados de separatismo», e disse: «Há 12 anos eles batiam-se operacionalmente para que este percurso autonómico do nosso povo na história seja hoje irreversível e para que todo o Portugal seja um regime de direitos, liberdades e garantias». Alberto João Jardim disse também que «quando Portugal soçobrava na maior irresponsabilidade, quando tantos fugiam ou se calavam, a autonomia política da Madeira não só era afirmada como emancipação, mas sobretudo como opção assumida

para ajudar a sobreviver a democracia em todo o território nacional».

«Arriscámos cabeças para salvar muitos dos que hoje nos pagam com a incompreensão, a hostilidade e a inveja», afirmou Jardim para acrescentar: «Arriscámos cabeças para que muitos que andaram fugidos possam de novo ter a pátria, e para que muitos dos que então erraram ou trairam, possam viver hoje reabilitados».

Na sua intervenção, o chefe do Governo da Madeira classificou a autonomia como «uma expressão crescente de liberdade construída e conquistada dia a dia». Recordou que «a uma manhã de Abril, maculada por tantas esperanças traídas, ficou-lhe ao menos este gesto de amor, o de propiciar finalmente o assumir da liberdade

pelos povos insulares».

Apagar áreas de conflito

Entretanto, discursando na sessão comemorativa do dia da Região Autónoma da Madeira, o presidente do Parlamento Regional, Nélcio Mendonça, afirmou que «é imperioso e urgente banir das relações entre a República e as regiões autónomas todas as áreas de conflito». No seu discurso, Nélcio Mendonça considerou também necessário que «a desconfiança não perdure mais em espíritos receosos de desintegração da pátria quando pressentem que o poder não mais poderá estar centralizado nos órgãos do aparelho político sediados na capital do país».

«A autonomia como forma de desenvolvimento visa alcançar a igualdade entre todos os portugueses e é agora um importante meio para que a região se aproxime cada vez mais da Europa livre e desenvolvida», concluiu o presidente do Parlamento madeirense.

MELANCIA SERÁ O FUTURO GOVERNADOR DE MACAU

Carlos Melancia será o novo Governador de Macau, mas não deverá assumir o cargo antes de Setembro, confirmou esta manhã o «DL» na sequência de uma notícia divulgada ontem pela «Rádio Macau» dando como certa a escolha do antigo ministro do Equipamento Social (X Governo constitucional) para chefiar a Administração daquele território.

Carlos Melancia está desde há alguns dias a efectuar contactos com vista a formar a sua equipa de secretários-adjuntos, tendo já decidido enviar para Macau alguns elementos da sua confiança, designadamente antigos colaboradores no seu Ministério, com vista a fazerem um levantamento da situação e prepararem a sua instalação.

Segundo a «Rádio Macau», o futuro Governador poderá assegurar também a pasta da Coordenação Económica, actualmente pertencente a Carlos Monjardino.

A escolha de Melancia segue-se a um período de intensas consultas por parte do Presidente da República, na sequência da demissão de Joaquim Pinto Machado. Nomes como os Silva Pinto, Veiga Simão Conceição e Silva e Rocha Vieira chegaram a ser falados, bem como o de Carlos Monjardino. Veiga Simão manifestaria a sua indisponibilidade para o cargo, enquanto Silva Pinto,

acabaria por ser excluído depois de um primeiro «sim». Quanto a Conceição e Silva e Rocha Vieira, não terão sequer sido contactos dado o facto de os chineses se mostrarem pouco receptivos à escolha de um militar. Por último, terá sido também a posição dos chineses que excluiu a hipótese Monjardino.

Para além destes factos, contudo, era evidente, desde o início, a inclinação de Mário Soares por Carlos Melancia e, depois das consultas realizadas em Macau pelo enviado especial do Presidente, Gomes Mota, a escolha definitiva ficou apenas dependente da aceitação do próprio. Esta surgiria a semana passada.

Carlos Melancia teria, no entanto, algumas condições a Soares, nomeadamente quanto à forma como deveria ser feita a transição para a sua administração. Esta situação levou a que Carlos Monjardino fosse chamado a Lisboa, bem como o presi-

dente da Assembleia Legislativa de Macau, Carlos Assunção, que ontem mesmo se avistou com o Presidente da República.

Mário Soares terá encarregado ambos de tomarem as medidas necessárias neste período de transição e Carlos Monjardino, que ontem regressou a Macau, reuniu hoje mesmo o Conselho de Governo para examinar a situação.

No acordo estabelecido entre Soares e Melancia, ficaria assente que alguns nomes da confiança do Presidente, que ocupam postos destacados na administração de Macau, permaneceriam nas suas funções, embora a formação da equipa de secretários-adjuntos ficasse directamente dependente do futuro Governador.

Monjardino terá manifestado interesse em permanecer mais alguns meses no território, designadamente até à adopção definitiva de alguns projectos como o do aeroporto de Macau. Desconhece-se, no entanto, se a sua pretensão terá sido aceite. Em caso afirmativo, Monjardino permaneceria em Macau até Março/Abril do próximo ano, passando nessa altura a sua pasta da Coordenação Económica para a dependência de Carlos Melancia.

Com a eventual compra de petróleo

Portugal e Angola reforçam relacionamento económico

A compra de petróleo a Angola poderá ser uma via para o reforço do relacionamento económico entre Lisboa e Luanda, se as comissões mistas chegarem a acordo sobre os processos de abertura de créditos e formas de distribuição.

O acordo está a ser analisado pelas delegações dos dois países, reunidas desde ontem na capital angolana, em trabalhos preliminares da terceira comissão mista Angola-Portugal, que se realiza amanhã. No seu contexto global, o acordo inclui formas de cooperação mútua nos domínios da Energia, Indústria, Comércio Externo, Finanças, Saúde, Ensino e Cultura.

Segundo um representante português, «o diálogo tem sido franco e aberto, sendo possível ultrapassar divergências». O mesmo responsável afirmou que as conversações preliminares têm sido positivas, sublinhando que as aberturas de crédito em

Angola, por parte de Portugal, terão necessariamente de passar por «encontro de vontades» entre os dois países.

Para além da questão considerada de «fundo» (petróleo), estão a ser estudados projectos em diversas áreas que vão beneficiar relações bilaterais. Responsáveis por ambas as delegações manifestam-se convencidos de que a terceira reunião da comissão mista Angola/Portugal irá constituir «marco histórico» no relacionamento económico e melhoria da imagem e do diálogo político entre os dois países. Por outro lado, os delegados à reunião mista estudam novas formas de contratos com técnicos portu-

gueses, no sentido de melhorar condições de trabalho e financeiras.

Portugal coopera com Guiné-Bissau

Portugal e a Guiné-Bissau assinaram um acordo de cooperação bilateral nas áreas da formação profissional, emprego, e apoio à conservação do património e ao artesanato para o biénio 87/88, implicando o custo global de 56.834 contos.

Rubricaram o acordo o ministro português do Trabalho e Segurança Social, Mira Amaral, e a ministra guineense da Função Pública, Trabalho e Segurança Social, Henriqueta Godinho Gomes.

O documento contempla uma série de projectos, que vão do apoio à organização e funcionamento do Instituto Técnico de Formação Profissional na Guiné-Bissau à formação de pessoal de hotelaria.

"Coragem" apela ao voto na esquerda

O movimento «Coragem» distribuiu ontem um comunicado através do qual apela ao eleitorado «para cumprir o dever cívico e patriótico de votar maciçamen-

te nos partidos e coligações de esquerda, dando assim expressão eleitoral à maioria sociológica que tem sido uma constante desde o 25 de Abril».

Este documento foi divulgado já depois de a «Coragem» ter sido recebida, a alto nível, por delegações da CDU, MDP/CDE, PRD, PS, PSR e UDP.

Contra O PSD, SÓ O PS

tempo de antena
do Partido Socialista

com Vítor Constâncio,
Helena Roseta e Nuno Portas.

Onde se explica que a Direita fugiu
e o Governo não é o que parece.

Francisco Soares faz as contas ao seu voto.

Filmes de:
António Pedro
de Vasconcelos
Joaquim Leitão
e Nuno Teixeira.
Colaboração de:
Francisco Mano
e Jorge Rodrigues.

tempo de antena
do Partido Socialista

com Maria de Lurdes
Pintasilgo e António Guterres.

Como ninguém sabe ao certo
o que é a CEE e como o
dinheiro vai parar a quem
já o tem.

Hoje na Televisão



ELEIÇÕES

SIC

José Manuel Tengarrinha (MDP/CDE):

«Como reagiria a direcção do PCP se dissessemos que os bons do PC são os que estão nas listas do MDP e os maus são os da actual direcção — incluindo o Dr. Cunhal?».

«Nenhum partido ex-APU se pode reclamar herdeiro da coligação».

Adriano Moreira (CDS):

«Quando chego aqui (Trás-os-Montes) e quero falar tenho que pedir licença ao meu pai».

«A única preocupação que tenho tido é saber se sou aprovado por este humilde agricultor (o pai)».

«Gandhi é o único santo laico que conheci».

«Mário Soares tem exercido de maneira exemplar o cargo que lhe foi entregue».

«Às vezes o PSD faz-me confusões».

Lucas Pires (CDS):

«Sou pecador».

Ramalho Eanes (PRD):

«Chegamos àquele ponto em que só nos resta procurarmos na nossa terra e no nosso povo as soluções que durante séculos procurámos noutras terras e noutros povos».

«Acho que somos um povo demasiado velho para só vivermos o dia a dia».

«Como é possível construir um país com mais de 20 por cento de analfabetos?».

«Eu não quero revoluções, porque tudo queimam e muitas injustiças fazem».

Manuela Eanes (PRD):

«O insucesso es colar é uma chaga dolorosa».

«Em Portugal as mulheres são um pouco heroínas todos os dias».

Luis Filipe Madeira (PS):

«O Algarve não tem que se envergonhar de Cavaco Silva. Tem que escolher melhor».

Vítor Constâncio (PS):

«O programa do PS libertou-se de todos os arcaísmos do passado».

«Conosco não haverá aventuras irresponsáveis».

«Não se queixem depois de 19 de Julho senão se mobilizarem agora para combater as forças do passado em Portugal».

«Disse não ao comodismo vegetativo de um lugar de tecnocrata bem sucedido para me empenhar na política».

«Nunca fui resignado como ministro das Finanças e como Governador do Banco de Portugal».

«Não negociarei politicamente com o Partido Comunista para fazer Governo».

«Quero transformar o PS numa maioria sociológica que existe em Portugal e que diz não à Go vernos conservadores de direita».

José Apolinário (PS):

«O PS propõe-se eliminar o acesso a universidades... e o númeru clausus».



"SE OS GRANDES GANHAM..."

CDU

Eugenio Alves

As trabalhadoras mais novas tratam-na por «Ti Guida». Aparenta boa idade para a reforma e tem 57 anos, três filhos, marido em parte incerta e desemprego à vista. É a mais antiga operária da Eurofil, empresa de fibras têxteis criada no fim dos anos sessenta em Alverca, junto ao rio. Começou nos teares, passou para a secção de plásticos reforçados (em vias de extinção), depois pediram-lhe para fazer a limpeza para, finalmente, na passada segunda-feira, receber a ordem de trabalho na cozinha da cantina.

«Disse logo que não. Farta de cozinhar estou eu», de sabafou «Ti Guida» para o repórter do «DL», durante a visita guiada pelos candidatos da CDU por Lisboa, José Luís Judas, Jerónimo de Sousa e Jorge Lemos, a algumas empresas da zona de Alverca-Sacavém com salários em atraso. A administração da empresa, presidida pela condessa da Covilhã («é uma senhora muito bem apresentada, passa aí toda gaitreira, mas só fala c'os graúdos...», desabafou outra operária), não permitiu a entrada dos candidatos na empresa.

Por isso o diálogo com dois membros da Comissão de Trabalhadores foi no exterior, sob um sol de

brasa. A empresa pagou há dias o salário de Maio aos 1.050 trabalhadores e deve-lhes ainda 50 mil contos de retroactivos. Desintervencionada há 10 anos, assinou há seis meses um contrato de viabilização mas a administração, ligada ao Grupo Quina, nada investiu. Há o risco de encerramento. Descrentes ou cépticos, os trabalhadores pouco ou nada esperam destas eleições. Um dos membros da CT confia porém que no dia 19 «acabarão por votar com medo da direita».

Debruçada no pequeno gradeamento da entrada, «Ti Guida» não chega a ouvir a conversa entre os jornalistas, os candidatos e a CT. Fala-me do trabalho feito e espalhado pelo chão na encerrada secção de plásticos. Já andou na limpeza e queriam-na agora na cozinha. Só que tudo tem limites. Espera agora a carta do Fundo de Desemprego para ir «à vida». Mas não parece distraída do mundo e das eleições. Fala da subida das rendas, do seu emprego perdido. A despedida: «se os grandes ganham, mal da gente...».

Convencer

Na empresa seguinte, Argibay, estaleiro naval, também junto ao rio, a mesma cena. Membros da CT à porta. Gestores não querem candidatos lá dentro. «Se o Cavaco quisesse cá entrar, não havia problemas...», sublinha um. Os 400 trabalhadores da Argibay (já foram 700 há não muito tempo) receberam há dias o salário de Maio e têm parte

do subsídio de Natal atrasado. Desde há um ano que não falta trabalho no estaleiro. «Eles dizem que o passivo engole a massa toda», conta, num tom desconfiado, um membro da CT.

A empresa pertence também ao grupo Quina. A anterior administração (1976-83), ligada ao conde Botelho, funcionava de outra maneira. «Eram duros mas competentes. Os de agora falam muito mas são incompetentes», diz outro membro da CT, ao descrever a inflação, desnecessária, de quadros técnicos e de engenheiros, a par da saída de operários qualificados.

Dos membros da CT que recebem os trabalhadores à porta da empresa, um ostenta o autocolante do MDP. Um outro, ex-MDP, confessa estar já na CDU. Não há ressentimentos ou dúvidas entre eles. Um outro, comunista, mais falador, comenta sorrindo a situação. «A gente — diz, referindo-se ao MDP — ainda o vai convencer...».

Da necessidade de convencer outros trabalhadores hesitantes, da área dos partidos de esquerda e até dos que eventualmente estejam «iludidos» por Cavaco, falou-lhes José Luís Judas. «Vocês têm que trabalhar, falar aos colegas e vizinhos. Têm de aproximar-se deles. Falar dos vossos interesses de classe. Não podemos deixar o Cavaco ganhar, senão é a lei dos despedimentos, é mais desemprego e mais salários em atraso».

O candidato e dirigente da CGTP recorda-nos, momentos depois, no regresso a Lisboa, com passagem ainda na «Loiça de Sacavém» (igualmente de porta fechada para os candidatos) como, durante o ano passado e primeiros meses de 87, período da governação Cavaco, se degradou a situação social do distrito de Lisboa, agora com 121 mil desempregados, 80 empresas encerradas, 16 mil postos de trabalho destruídos, outros 15 mil em perigo e 22 mil trabalhadores com salários em atraso!

88 contos por cabeça?

Hoje, Cunhal faz passagem meteorológica por Coimbra, Viseu e Vila Real, distritos onde a APU não elegeu deputados, tendo perdido até o que antes elegia por Coimbra. Vai marcar posição e ajudar à consolidação da nova sigla. De sexta a domingo, o líder da CDU percorrerá boa parte dos distritos de Braga (com salto a Viana) e Porto, onde a coligação poderá garantir os seis deputados de 1985.

Ficarei, hoje ainda, por Lisboa, onde a campanha CDU tem sempre surpresas e o confronto dos cartazes e tarjetas com o PSD parece não ter fim. Porém, e segundo os responsáveis da CDU, a força da propaganda de rua do partido governamental «passa por muitas notas». E garantem ter uma cópia de um contrato do PSD com os jovens propagandistas. «Pagam 88 contos a cada um». Verdade?

UMA TESE NO ALENTEJO

PSD

Aurora Sampaio

Cavaco Silva começou ontem a desenvolver no distrito de Portalegre uma tese curiosa: a apresentação do voto no seu partido não como uma opção partidária, mas como «uma escolha nacional».

Em abono do seu raciocínio, o líder social-democrata argumenta como momento histórico dominado pela integração europeia. A exigência de respostas nacionais ao desafio comunitário implica, na sua perspectiva, credibilidade e força para as constantes negociações em curso, estabilidade política e a confiança dos agentes económicos.

E é sobre a capacidade das diversas forças partidárias de gerarem estas condições que ele interroga as suas plateias.

«Peço-vos que analisem os outros partidos e comparem com o que o Governo fez.» «Se não for o PSD a formar governo é preciso saber quem vai ser o primeiro-ministro.» «Um outro governo tinha de resultar do entendimento de três partidos. Que programa seria então aplicado? O do PS? O do PRD, ou o do PCP?».

Sem memória

Cavaco Silva apresenta, sempre, a oposição como um todo, mas introduz sinuosamente o discurso por forma a acentuar bem as suas divisões. Fala do passado como se o seu partido não existisse há mais de 18 meses. Lembra as palavras crise e austeridade como as predominantes no léxico político dos portugueses antes do seu governo tomar posse.

Ninguém recorda já que o Primeiro-Ministro de então era o eloquidíssimo Presidente da República de hoje. As memórias não registam também que esse governo era de coligação PS/PSD e que os sociais-democratas têm participado ou estado à frente de sucessivos ministérios desde 1979. Que há responsáveis neste governo cessante que têm transitado de uns para outros...

Mas ontem, Cavaco Silva decidiu não falar só dos seus «éxitos». Considera ter irradiado do País a crise e a austeridade, mas confessa não ter «ainda» conseguido fazer o mesmo em relação à pobreza. «Eu não tenho o comportamento da avestruz e sei que há muitos portugueses pobres. É para esses que eu estou aqui».

A assistência gostou e as gargantas

soltam-se vibrantes: «Vitória só há uma, a do Cavaco e mais nenhuma».

«O amor à camisola»

Mas se o momento histórico pressupõe a rejeição do «amor à camisola», exige também uma atitude de Estado. É nesta perspectiva que o presidente do PSD promete: «Nunca distinguirei os portugueses pelas suas ideias, chamarei sempre os mais capazes». E para de algum modo demonstrar a sua predisposição para o diálogo diz do seu «orgulho» em ter promovido a concertação social. «Todos tentaram mas o meu governo foi o primeiro que conseguiu um acordo».

Na mesma linha e no mesmo objectivo deve ser entendida a atitude que tomou em Elvas ao referir os apupos com que a assistência do comício brindou a simples nomeação dos partidos da oposição. «Eu não tenho nada contra os que votaram nesses partidos.» Ou então: «Recusamos ser governo de classes ou de clicks».

A lógica de tudo isto acaba por desembocar na constatação de que só o PSD pode ser a «alternativa coerente, credível». Cabe aos eleitores, faz subentender Cavaco, assumir isso e transformar em votos a maioria sonhada.

Caso contrário, adverte, «cada português coloca um ponto de interrogação no seu futuro».

Diferenças

Que longe está este Cavaco Silva da imagem que apresentou em 85! Então aparecia despojado; hoje, com carro blindado, muitos seguranças e um total distanciamento personifica o poder. Há dois anos uma certa simplicidade e a evidência dos seus medos humanizavam-no; agora a pose da conversão ao espectáculo político gera histerias.

Até este momento, o líder social-democrata abandonou o intimismo do

contacto de rua e privilegiou a subida ao palco dos comícios, optou por falar muito e ouvir pouco.

será possível que a popularidade o «condene» a esta estratégia de «marketing» eleitoral? O dr. Mário Soares aí está para provar que as multidões nunca o esmagaram.

Posições relativas

Portalegre é um distrito em que a força política mais votada em 85 foi a ex-APU. O PSD ficou em terceiro lugar, sendo o PS a segunda força.

Mas os sociais-democratas aspiram a ultrapassar os socialistas à custa dos votos do PRD que garantem «vai cair no distrito».

Seja como for, só há três deputados em disputa e é praticamente seguro que serão distribuídos pelos mesmos partidos. O que se joga são apenas as posições relativas.

Distrito predominantemente rural, Cavaco só se deslocou a duas cidades: Elvas e Portalegre.

Muita gente nesta última, mais que em 85; mais fraco o de Elvas. Sobre isto diria João Maçãs, primeiro candidato do distrito, que o PS e o PRD «passaram aqui há dois dias e não tiveram mais do que escassas dezenas de pessoas».

O dirigente social-democrata ia prevenido e levava em carteira alguns dados que os presentes gostaram de ouvir. «Investimos mais dinheiros públicos na agricultura que qualquer outro Governo». «No ano que terminou, esse investimento foi cinco vezes superior a 85». Prometeu ajudas aos jovens empresários porque «é preciso injectar sangue novo na agricultura»; falou na recente cimeira dos ministros da CEE, em Bruxelas, que desbloqueou verbas importantes para novos investimentos e reafirmou o seu empenhamento na concretização do Plano Integrado do Alentejo.

A JSD deu um ar da sua graça aparecendo em força.

O reparo: o que aconteceu ao hino da campanha que ninguém o toca?

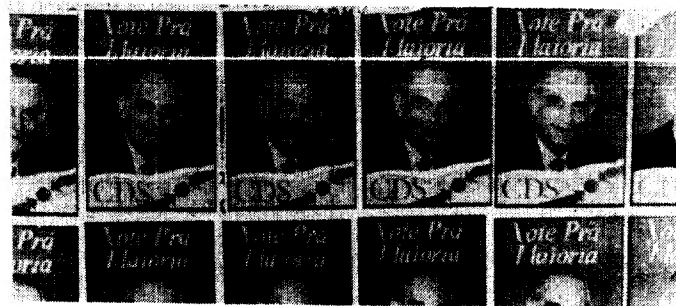
O risco e a sorte

Duas breves paragens no percurso entre Elvas e Portalegre, causaram algum «frisson» na caravana que acompanhou ontem Cavaco Silva.

Uma aconteceu quando um dos carros da segurança se incendiou devido à obstrução do respectivo tubo de escape por um plástico. Travagens bruscas, em espinha, impediram 'in extremis' alguns choques.

Mas outra, foi mais grave e quase pôs em prigo o Primeiro-Ministro. É que Cavaco saiu do carro pelo lado da estrada quando resolveu parar numa localidade chamada S. Vicente. Nesse momento, o repórter da Rádio Renascença arrancou da fila de carros e quase o ia apanhando.

São os riscos da campanha e a sorte parece estar definitivamente ao lado do líder do PSD.



"Quatro paredes caídas ou as migalhas do Poder"

CDS

Ribeiro Cardoso

Com um veemente apelo aos portugueses para não se absterem, um pedido aos reformados e retornados para votarem CDS e uma mensagem a todos os militantes e simpatizantes centristas para se manterem fiéis ao partido no dia 19, Adriano Moreira terminou ontem cerca das 23.30 h o primeiro comício público desta campanha dos democratas-cristãos.

Num pequeno ginásio de uma escola secundária de Bragança praticamente cheio — aí umas quinhentas pessoas, entre as quais muitos jovens, a maioria em idade sem direito a voto — o CDS viveu ontem à noite os seus primeiros momentos de algum entusiasmo, com vivas a Adriano, ao partido, a Trás-os-Montes e a Portugal. De resto ontem foi também a primeira vez que o líder centrista, levado certamente pela emoção, perdeu a sua habitual e irritante compostura, dando murros sincopados no tampo da mesa quando falava, acabando de microfone em punho a cantar a «Portuguesa».

O dia de ontem, aliás, foi um dia feliz para o líder centrista: almoçou em Macedo de Cavaleiros rodeado do seu velho pai (89 anos) e de vários conhecidos e amigos, visitou a sua terra natal (Grijó), aí tendo sido filmado por uma equipa da RTP na casa onde nasceu e em vários locais da aldeia, e à noite, no comício, pôde falar longamente de Trás-os-Montes e das virtudes dos trasmontanos, sendo interrompido numerosas vezes pelos aplausos da assistência.

Quanto ao resto, tudo foi mais ou menos igual; a caravana passou a toda a brida na maior parte dos locais previstos pelo programa do dia, sem que ninguém a esperasse, e até em Vinhais, onde o CDS tem maioria absoluta na Câmara, a recepção foi minúscula.

Claro que para tudo se pode arranjar explicação, e a isso se prestou Ernâni Moutinho candidato número um pelo círculo de Bragança, ao dizer que em Trás-os-Montes as pessoas trabalham e não fazem greves... e por isso não aparecem nas estradas ou nas praças para ouvirem líderes partidários.

Escândalo

Adriano e Moutinho bateram ontem numa tecla curiosa: ambos falaram do abandono a que a região de Trás-os-Montes tem sido votada pelos nossos governantes (na verdade basta passar pelas estradas para se ver como viver nestas bandas é complicado) e mostraram-se indignados com «as revoadas»

de membros do Governo que nestes dias têm aparecido por esta zona a fazerem promessas e a distribuir milhares de contos «numa caça vergonhosa ao voto, como se o voto fosse uma mercadoria que se compra e vende».

Ernâni Moutinho, a propósito deste escândalo, chegou mesmo a dizer que «os trasmontanos não podem aceitar ser o receptáculo das migalhas do Terreiro do Paço», sublinhando depois «a falta de dignidade e de respeito» que tais actos dos nossos governantes significam.

Afinando pelo mesmo diapasão, o professor Adriano foi mais longe, mostrando como os seus conterrâneos «são pobres em bens materiais, mas ricos em valores espirituais» — spraiando-se depois por considerações tipo «o que o CDS quer para Portugal é pão na mesa para todos, esperanças concretas no espírito dos jovens, e alegria em todos os que tiveram a sorte de nascer portugueses». Só faltava cantar «quatro paredes caídas, um cheirinho a alecrim...»

A imaginação ao poder

Durante a tarde, na escapada à sua terra natal, Adriano Moreira falou durante alguns minutos com os jornalistas que o acompanham. Desancou nos tecnocratas, acusou mais uma vez a casta de gestores públicos que constituem um poder paralelo e a quem ninguém pede responsabilidades (confessou aliás que os gestores são escolhidos por compadrio partidário e não pela sua competência), contou a história das péras francesas que o pai tem na quinta e dá a comer aos animais porque em Portugal não há montada qualquer rede de comercialização digna desse nome, defendeu a privatização de toda a economia e manifestou a sua certeza de que nenhum partido sozinho conseguirá a maioria absoluta em 19 deste mês. Pelo meio foi explicando que apesar das críticas que faz ao PSD é com este partido que quer aliar-se para uma maioria porque... «estes são os portugueses que eu tenho!»

Para surpresa de quem o ouvia, Adriano Moreira disse-se então defensor dos estudantes de Maio de 68 quando escreviam nas paredes «a imaginação ao poder», classificando-se como «radical em algumas coisas», defensor apaixonado da concretização do sonho e adversário irredutível do culto da personalidade. Por fim uma nota insólita: o mocho que no domingo havia sido oferecido ao líder centrista na freguesia de Cerdal, Valença, e que a comitiva havia apelidado de «CDS», morreu na madrugada de ontem. Foi um acontecimento triste, evidentemente — apesar de toda a gente o aproveitar agora para gozar e dizer em voz alta que o CDS morreu.

DEPOIS DO VAU A MARÉ SUBIU

PS

Augusto Vilela

Uma quase indiferença das populações, da parte da manhã, quando percorreu o Barlavento algarvio, e um entusiasmo como ainda não se tinha visto, da parte da tarde, na zona do Sotavento, foram duas faces distintas do dia de campanha que ontem viveu o líder socialista Vitor Constâncio, e que chegou a ser marcado por algum desânimo. Depois tudo mudou, e ao fim da noite, em Faro, depois de um comício largamente concorrido, onde o entusiasmo ultrapassou tudo o que o que se tem visto até agora, Vitor Constâncio reflectia um estado de espírito completamente diferente, um sorriso mais aberto, uma satisfação justificada.

De manhã, o secretário-geral do PS encontrou-se com Mário Soares no Vau. Foi uma visita de cerca de meia hora, com uma parte inicial a que os jornalistas não puderam assistir. Depois foram convidados a entrar mas o Presidente da República recusou-se a qualquer tipo de declaração de natureza política. Disse apenas tratar-se de um encontro de amigos e que o convite para a sua casa é extensivo a outros que o queiram visitar. Aparentemente, Mário Soares procurava retirar qualquer significado político a este encontro.

Não se sabe pois o tema da conversa que mantiveram durante aqueles minutos a sós, mas é fácil ima-

ginar que dificilmente poderiam ter ficado apenas pela temperatura da água do mar ou por uma dissertação sobre as praias algarvias.

Aos jornalistas, Soares disse que é natural o fenómeno de, à medida que a democracia avança, os espectadores serem menos nos comícios. Idêntica reflexão poderá ter feito com o seu sucessor no PS. De qualquer modo esta visita, guardada em segredo até à última hora, para evitar, diz-se, pressões sobre Belém, não deixa de ter algum significado. Pelo menos que Mário Soares, embora por força do cargo que ocupa se mantenha fora e distanciado, não rejeita a «família socialista», a que aliás se refere com frequência na sua vida pública.

Corrigir a pontaria

Coincidência ou não, a passagem pelo Algarve marcou também uma certa inflexão da campanha de Vitor Constâncio, quer ao nível do discurso, quer em outros aspectos.

Em diversos meios socialistas existiam dúvidas se a «gestão» do discurso ao eleitorado dos restantes partidos de esquerda estaria a ser bem orientada e se os ataques a Cavaco Silva estariam também a produzir dividendos.

Polémico também foi o último tempo de antena do PS. Sabe-se que Constâncio mandou introduzir algumas alterações aos seguintes.

Pela primeira vez o nome de Cavaco Silva não aparece no discurso do líder socialista, que parece ter preferido referir-se ao PSD na sua globalidade, considerando que os sociais democratas «são em Portugal um instrumento político de mui-

tos grupos de pressão e de muitos lobbies», que «o PSD não tem hoje capacidade para oferecer aos portugueses um projecto político de construção social na modernização e no progresso», como afirmou em Faro, ao mesmo tempo que salientava que o o partido governamental era «a causa do desdopamento do CDS, um partido reconhecido na Europa, porque a direita se esconde a colhe atrás da sua bandeira».

Grande parte do seu discurso foi no entanto dedicada a críticas ao Governo, cujo partido, sublinha o líder socialista, «defende uma concepção de desenvolvimento de política económica baseada na estabilização dos salários tendo em vista a criação no nosso País de uma reserva de mão de obra barata na Europa».

Como contraponto, Vitor Constâncio diz que os socialistas não querem que Portugal seja o parente pobre da Europa e não aceitarão «a precarização do trabalho nas empresas», e adianta que a criação de condições que conduzam à liberalização dos despedimentos individuais «é uma questão que não pode ser posta».

Quando se circula entre o público é fácil apancharmos-nos de que este é um dos argumentos que mais toca as pessoas. Geralmente não provoca aplausos mas expressões de reflexão e apreensão. É o mesmo que dizer: «Eu garanto-vos a segurança no emprego, Cavaco Silva dá-vos a insegurança. Agora escolham». É esse de resto convite que o líder socialista faz com frequência quando se dirige aos que o ouvem.

Mais suavidade também se pôde

verificar nas referências ao PRD, acusado no Algarve de ter frustrado a expectativa dos socialistas desiludidos» que em 1985 alteraram o seu sentido de voto.

Em relação à CDU, Constâncio diz simplesmente que dela faz parte «um partido comunista do passado, igual a si próprio neste final de século vinte», pelo que o voto na CDU «é um voto que não decide nada».

A regionalização foi um tema abordado igualmente com bastante amplitude e que suscitou as reacções mais quentes da audiência. Na opinião de Vitor Constâncio a regionalização do Algarve «é tão simples» que «deve ser a primeira a arrancar», e deu garantias de desencadear imediatamente este processo caso o seu partido vença as eleições.

Carvalho Afonso, secretário coordenador do PS de Faro, com outra intervenção vibrante condenou o «Estado centralizador» nos seus numerosos ministérios no Terreiro do Paço. Arrancou alguns dos mais fortes aplausos da noite quando afirmou, dirigindo-se ao PSD: «Eles querem um País obediente e domesticado, mas nós não. Eles, a direita, querem fingir o esquecimento do passado, mas nós não».

Luis Filipe Madeira e José Apolinário foram outros dos oradores participantes.

Até nisto houve uma alteração estrutural e inteligente na campanha. Discursos muito curtos, numa linguagem muito directa que, logicamente, estabelece muito maior comunicação.

Depois do Vau

Não queremos tirar nenhuma conclusão. Até porque não houve tempo para o facto ser muito conhecido. É apenas uma imagem. Mas depois do abraço do Vau nada ficou como antes.

Se Vitor Constâncio teve uma manhã muito próxima do decepção no Barlavento algarvio e entre Lagos e Loulé quase não se deu pela sua presença, depois tudo se alterou. Passou a encontrar pequenas multidões à sua espera, num crescendo que terminou em Faro com alguns milhares de pessoas.

Mas, muito mais significativo que isso, foi a maneira como foi saudado pelas pessoas que, desprevenidamente, eram surpreendidas pela caravana socialista.

Aqui e ali alguns queixumes, como o de um homem que se lamentava de viver há sete anos numa barraca havendo casas desabitadas num bairro social. Ou o comentário de um digno e bem vestido representante do lumpen algarvio que, sentado numa esplanada, à espera da hora para o seu trabalho noturno, protestava contra a «mocracia», dizendo que só servia para «chatear os estrangeiros».

Mas neste campo o anedotário não tem limites.

As mulheres e os jovens foram no entanto os grandes animadores da ronda algarvia de Vitor Constâncio, designadamente no comício de Faro, realizado em frente à sede do Partido Socialista, com o largo quase cheio e os vizinhos instalados nas varandas e nas janelas, como quem assiste a uma festa numa quente noite de verão.

DE NORTE A SUL

• Em Loulé, Vitor Constâncio foi toniar a bica a um estabelecimento onde logo lhe contaram que Mário Soares toma café no mesmo sítio sempre que vai aquela vila. Comentário de Vitor Constâncio: «Então, esta é uma bica histórica».

• Nem todas as pessoas se aproximam da comitiva socialista para obter folhetos e autocolantes. Em Olhão, quando a comitiva seguia a pé, uma mulher aproximou-se de Vitor Constâncio, meteu a mão no bolso da camisa de um fotógrafo que se encontrava atrás do líder socialista, e disse: «só quero um cigarro».

• Maria José Constâncio provou mais uma vez que é uma mulher de resposta rápida. Estava a distribuir propaganda e aproximou-se de uma rapariga para lhe entregar os folhetos. Vendo a sua juventude, perguntou-lhe: «A menina já vota?». «Não, só tenho 14 anos», respondeu a jovem. «Não faz mal. Leia e prepare-se para o futuro», aconselhou prontamente a mulher do líder socialista.

• João Constâncio, 16 anos, tem tido um papel activo na campanha eleitoral do pai. Ontem, em Vila Real de Santo António, por exemplo, João Constâncio distribuía autocolantes a um grupo de jovens quando o pai subiu ao palco e começou a falar. João Constâncio

fez-se ouvir prontamente: «calem-se, deixem ouvir aquele gajo». Já em Castro Mari, estava João Constâncio na mesma azafama, foi a vez do pai comentar junto a um grupo de jornalistas: «Um potencial líder em formação».

• Vitor Constâncio teve especial empenho em visitar em Loulé a livraria do filho do poeta popular António Aleixo. Depois de ter utilizado o telefone para contactar os elementos do seu tempo de antena, Constâncio recebeu do filho de António Aleixo um medalha com uma quadra do pai: «O mundo só pode ser / melhor do que até aqui / quando consigas fazer / mais p'los outros que por ti».

• Cavaco Silva está com azar nas suas saídas para contactar com directos com a população. Primeiro foi o «apertão» de Ponte de Lima. Ontem, no Alentejo, por duas vezes o perigo espreitou. Depois de ter sofrido um memorável «apertão» em Ponte de Lima, Cavaco Silva tinha prometido nunca mais se misturar com a população. Mas no Alto Alentejo, entre Elvas e Portalegre, o líder do PSD decidiu fazer uma derrogação a essa regra e saiu do seu automóvel blindado em Santa Eulália e São Vicente. Os perigos desta vez não vieram da escassa dezena de populares que a cada saída se aproximou dele, mas

sim de uma origem inesperada: a Comunicação Social que faz a cobertura da campanha. Em Santa Eulália, Cavaco saiu pela porta direita e o automóvel da RTP passou no mesmo momento em alta velocidade, rentinho ao líder do PSD. Em São Vicente, Cavaco já saiu pela porta esquerda, mas nem por isso o perigo não espreitou: foi a vez do carro de reportagem da «Renascença» fazer uma apertada tangente ao passar rente ao automóvel de Cavaco Silva.

• O CDS vai encerrar a sua campanha com um comício no Porto em local ainda não definido, disseram quarta-feira elementos da comitiva de Adriano Moreira.

Em Lisboa, acrescentaram, o CDS vai fazer um comício no dia 8 de Julho, no Pavilhão dos Desportos.

O comício vai impedir Adriano Moreira de estar em Aveiro nesse dia como estava inicialmente programado, informou também a organização.

A caravana eleitoral do CDS, na quarta-feira a percorrer terras transmontanas, tem entretanto um novo director, António Nicolau.

• «Era muito estudioso, estava sempre agarrado aos livros», contou o pai de Adriano Moreira, António Jose Moreira, um transmontano de 89 anos. António José, cu-

ja ocupação principal continua a ser os dois hectares de terra que possui em Grijó, Macedo de Cavaleiros, pensa que a função política do filho é determinada «pelas coisas da vida» porque «é preciso que alguém faça alguma coisa pelo país».

Adriano Moreira, sobre o pai, diz que é mais conhecido em Trás-os-Montes do que ele próprio, apesar de «latifundiário de dois hectares».

• Hernâni Moutinho, cabeça de lista do CDS por Bragança, disse que um número nunca vista de secretários de Estado passou pelo distrito de Bragança nos últimos dias, oferecendo milhares de contos. Hernâni Moutinho referiu o nome do secretário de Estado Silva Peneda, que — disse — ofereceu «quarenta e tal mil contos» para associações culturais, algumas das quais nem existem.

• «Espero que não fiquem com inveja das vacas transmontanas», rematava Adriano Moreira, depois de contar o destino das peras francesas do pai. Segundo explicou, técnicos agrícolas convenceram o pai de que o ideal era fazer um pomar de peras francesas nas suas terras. «Gastamos muito tempo, dinheiro e esforço nisso», mas o pomar ficou a produzir peras óptimas. Mas não há bela sem senão: a falta de uma rede de comercialização, as pe-

ras em vez de irem para os mercados vão para as vacas.

• Manuela Eanes defendia ontem em Portimão a sua qualidade de independente até que acabou por dizer: «Eu nem sequer sei onde é a sede do PRD». Foi quanto bastou para que os jornalistas em serviço lhe fizessem chegar à mesa um papel com a seguinte indicação: «Informamos vossa excelência de que a sede do PRD é na travessa do Fala Só, número 21». Manuela riu-se. Eanes também.

• Uns pedregulhos atravessados na estrada entre Sines e Cercal foram fonte de perturbação para a caravana do PRD, que foi obrigada a parar. Eanes tentou acalmar a sua comitiva, alegando que deveria tratar-se de pedregulhos caídos de uma camioneta. Mas nem mesmo assim os homens do ex-Presidente desistiram das suas suspeitas relativamente a um carro do PS que se encontrava parado nas imediações.

• Mário Cristóvão, militante do PSD, chefe-adjunto dos operadores da Rádio Comercial, foi contratado por 7.200 contos pela CDU para montar o som de 36 espectáculos da coligação. Mário Cristóvão anda feliz porque diz que ao menos a CDU paga. Cristóvão tinha feito anteriormente espectáculos do PSD.

EANES LEVA PRINCÍPIOS AO EXTREMO

PRD

Jose Antonio Cerejo

Depois de um dia fraco, do ponto de vista da adesão popular, a caravana do presidente do PRD concluiu a jornada de ontem com uma demonstração inequívoca de que Ramalho Eanes não está disposto a sacrificar os seus princípios em nome de quaisquer estratégias eleitorais.

Por isso mesmo, o discurso ficou no bolso, e Eanes improvisou um comício sobre uma matéria totalmente distinta daquela que tinha previsto. Os presentes não ouviram a explicação detalhada da razão de ser destas eleições, e o líder do PRD optou por lhes falar dos desafios que Portugal enfrenta e dos grandes objectivos do seu partido.

Não incomodar os veraneantes

Tudo isto aconteceu em Portimão, ontem à noite, e Ramalho Eanes iniciou a sua intervenção explicando porquê: «Gostaria de estar num local em que pudesse falar com quem lá estivesse a falar comigo; como aqui há esplanadas onde estão outras pessoas, não lerei o que trago comigo, talvez por isso não agrade a uns nem a outros, mas tentarei o possível por mais uma vez ser verdadeiro».

Aplaudido mesmo por alguns que estavam por acaso no principal largo de Portimão, Eanes marcava assim o seu desacordo com a escolha de um local onde, em sua opinião, iria obrigar a ouvi-lo pessoas que estavam ali por outros motivos.

Apesar dos argumentos invocados pelo cabeça de lista renovador de Faro, António Feu — «este é o local onde tradicionalmente se fazem os comícios em Portimão; nós avisámos toda a gente de que fomos estar aqui, as esplanadas estão um bocado afastadas, por isso não se incomoda ninguém» — Ramalho Eanes não se deixou convencer.

No final do seu improviso, e insistindo nesta questão, sublinhou: «Porque estou num ambiente em que não estão apenas militantes e simpatizantes do meu partido não apelo ao voto no PRD, peço-vos que votem em consciência, em quem entendam que melhor possa gerir o nosso presente e o nosso futuro».

Longo no início da sua intervenção, referindo-se às múltiplas bandeiras e faixas de Cavaco Silva, da CDU e do PRD que flutuavam entre as árvores, frente ao palco, Eanes disse «satisfeito». «Desde 1975 que tenho tentado que a sociedade portuguesa seja tolerante, que todos os homens, indepen-

dentemente das suas ideologias, sejam irmãos. Olhando para este cenário que aqui está vejo o que se avançou».

«Vai votar em mim? Pense bem, pense bem»

Antes do comício, Eanes manifestava também às estruturas locais do partido o seu desagrado pela utilização de um cantor de «rock», antes das intervenções políticas, sustentando que a música não deve ser usada como chamariz para os comícios.

A passagem por Lagos, ao fim da tarde, já Eanes assumira posição da mesma índole. Atravessando um largo repleto de veraneantes, mas apercebendo-se que não se tratava de pessoas que estivessem à sua espera, cumprimentou de passagem meia dúzia deles, entrou num café, tomou uma bebida e regressou ao automóvel no mesmo passo. A escala da caravana limitou-se praticamente a isto, quando é certo que, àquela hora, bastaria ficar por ali um pouco para suscitar um ajuntamento de curiosos e forjar um minicomicício.



Mas Eanes é assim. Por vezes desconcertantemente, chegou a observar a um velho homem que lhe dizia ir votar no PRD: «Pense bem, pense bem».

Enquanto na sua caravana os ecos do tempo de antena do PS, de anteontem, continuam a provocar a mais veemente indignação — «nós não entraremos na calúnia nem aproveitaremos os tempos de antena para ridicularizar nem denegrir seja quem for», disse António Feu no comício de Portimão — Ramalho Eanes repete que «Vitor Constâncio é um homem sério e digno» e recusa-se a acreditar que ele subscreva na mensagem daquela emissão. Entretanto, na comitiva há quem garanta que o desastroso tempo de antena do PS originou diversos telefonemas de demarcação,

por parte de dirigentes socialistas, para a sede de Coimbra do PRD. Entre eles cita-se Manuel Alegre.

Quanto ao relacionamento com as outras forças políticas, os dois últimos dias de campanha proporcionaram dois exemplos da posição de Ramalho Eanes. Na terça-feira, na Venda Nova, subscreveu integralmente os elogios feitos por um conterrâneo seu ao presidente, socialista, da Câmara de Idanha-a-Nova. Ontem, em conversa com os jornalistas, não poupou aplausos para se referir à acção do presidente, comunista, da Câmara de Odemira. Nesta vila alentejana, onde a população não acorreu para o saudar, Eanes inaugurou a sede local do PRD e disse a um dos responsáveis locais pelo partido: «Espero que passem aqui a receber as pessoas dos outros partidos para com elas dialogarem, até porque o presidente da Câmara é um homem tolerante e de diálogo».

Dia fraco

Enquanto Ramalho Eanes insiste na afirmação de princípios, que por vezes são vistos como um «exagero» ou até uma «ingenuidade» e causam algumas dificuldades aos responsáveis operacionais da campanha, os problemas organizativos do PRD continuam a manifestar-se. Desde Sacavém até Lagos e passando designadamente por Vila Franca de Xira, Alcácer do Sal, Grândola, Sines, Odemira e Vila do Bispo a caravana raramente encontrou uma adesão semelhante, à que na segunda-feira suscitou nos distritos de Évora e Portalegre.

Para além das deficiências de organização uma outra explicação foi avançada por alguns dirigentes do PRD: «É possível que depois da nossa campanha de Évora a pressão do PCP sobre os seus militantes e simpatizantes se tenha acentuado em todas as regiões do Alentejo por onde passámos».

No Algarve, porém, onde o PRD elegeu dois deputados e teve 40 mil votos em 1985, António Feu considera normal o que se passou e é da opinião que o comício de Portimão foi até «um êxito» com as centenas de pessoas que lá estiveram.

Um outro dirigente local, Inácio Marques, vereador do PRD em Lagoa, diz que «nenhum outro partido se atreve actualmente a fazer um comício naquele largo só com gente de Portimão». Recorda que em 1985 o PRD não arriscou um comício em Portimão e que o comício de encerramento da campanha foi num cinema em Faro. «Ontem, o Vitor Constâncio andou por cá e fez bem menos que o Eanes», conclui um outro responsável local.

Outros partidos

UDP: campanha para os pescadores

A «chamada reconversão do sector das pescas» significa a liquidação da pesca artesanal em Portugal, ao lançar 20 mil pescadores no desemprego, acusou ontem, em conferência de imprensa, realizada em Lisboa, o secretário-geral da UDP.

Mário Tomé, que estava acompanhado de Joaquim Piló, pescador e membro da comissão distrital da União dos Sindicatos de Lisboa, denunciou ainda os efeitos poluentes sobre o rio Tejo e que afectam a normal actividade piscatória.

«Repudiamos a poluição do rio Tejo, que tem lesado o equilíbrio ecológico sob a complacência das autoridades», disse Mário Tomé para acrescentar que «o desaparecimento de algumas espécies prejudica o sustento dos pescadores e suas famílias e limita uma faina que deve ser preservada».

Para o líder da UDP, os culpados desta situação «são os sucessivos governos em que o PSD esteve presente» e que conduziram à «liquidação das maiores empresas de pesca nacionalizadas», citando, a propósito, a Gelmar, Snapa e a

ra branca, estiveram ontem durante uma hora no largo da Misericórdia, em Setúbal.

Segundo afirmou à «Lusa», o cabeça de lista do PSR por aquele círculo, José Falcão, «esta forma de estar a fazer campanha é um protesto contra a indiferença». «As pessoas juntam-se, perguntam, falam - e os que não estão mascarados respondem».

Muitas centenas de transeuntes pararam e rodearam os candidatos, admirados com o estilo inédito desta campanha.

MRPP contra os militares

O MRPP criticou ontem a situação dos trabalhadores da Manutenção Militar que estão «submetidos ao regime de disciplina militar». Segundo o mesmo partido, o pessoal desta empresa foi impedido de dispor da sua organização sindical, além de carecer de «condições mínimas de segurança, o que tem sido causa de vários acidentes».

Numa acção de campanha que teve como cenário os portões da entrada da Manutenção Militar, Carlos Paisana e José Machado insurgiram-se contra «as gravíssimas consequências que irão advir da entrada em vigor do Acto Único Europeu». O MRPP pretende a revogação do tratado de adesão e a realização de um referendo nacional sobre a integração de Portugal na CEE.

MDP apalpa o pulso

Uma acção de campanha para «sentir o pulso» de um concelho predominantemente da ex-APU foi como o presidente do MDP, José Manuel Tengarrinha, classificou a visita a Loures da candidatura do seu partido à Assembleia da República. «Estes contactos é que são a prova da verdade», acrescentou.

Em declarações à «Lusa», Tengarrinha disse que as pessoas não foram iludidas pela posição «que o PCP pôs a circular de que a CDU é igual à APU», já que «nenhum partido ex-APU se pode reclamar herdeiro da coligação». O líder do MDP concluiu que «muitas pessoas iam votar CDU convencidas de que iam votar em nós», e tudo isso devido à alegada campanha que o PCP tem feito em redor da coligação.



CCP. «Trata-se de empresas de dimensão suficiente para modernizar a frota pesqueira e competir com as frotas de outros países da CEE», disse.

PSR de máscara branca

Catorze candidatos do PSR, em posição estática e com uma máscara

Parlamento Europeu

Pedro Santana Lopes, cabeça de lista do PSD nas eleições para o Parlamento Europeu, afirmou ontem no Porto que «quem for para o Parlamento Europeu tem de assumir, defendendo Portugal, a reconstrução europeia».

Santana Lopes, juntamente com os cabeças de lista do PRD e PPM, respectivamente Medeiros Ferreira e Miguel Esteves Cardoso, participou num debate, organizado pelo Fórum Portucalense, sobre as eleições para o Parlamento Europeu, sob o tema «Que pode esperar o Norte».

Ausentes do debate Lucas Pires e Maria de Lurdes Pintasilgo, respec-

tivamente no CDS e do PS, o primeiro por se encontrar em Estrasburgo (tendo enviado telegrama) e a segunda por impossibilidade pessoal.

O candidato social-democrata referiu ainda que o seu partido «é apoloquista de uma postura dialogante perante os seus parceiros» e acenou que «não se deve ir para o Parlamento Europeu criticar o Governo ou as oposições, mas sim para trabalhar na defesa dos interesses nacionais».

Santana Lopes, para quem o norte «deve ser o motor da integração europeia», acentuou ainda a importân-

cia das actuais eleições para o Parlamento Europeu, «porque inovação e por estarmos num período de transição».

Medeiros Ferreira, o cabeça de lista renovador, referiu que o norte «pode esperar maior atenção dos deputados europeus desde que os seus agentes económicos e sociais também saibam agrupar-se em grupos de pressão e colocar, directamente aos deputados, os seus problemas».

«Isto, de forma independente dos partidos políticos, tal como acontece nos restantes países da Comunidade», acrescentou.

O candidato do PRD declarou que

o norte «é já a região mais beneficiada em termos das ajudas do FEDER e do Banco Europeu de Investimentos» e considerou que essa situação «deve continuar».

«São necessárias regiões, ricas mas a entrada na CEE também deve servir para disciplinar alguns aspectos selvagens do crescimento económico», alertou Medeiros Ferreira.

Miguel Esteves Cardoso, cuja intervenção arrancou aplausos e muitas gargalhadas às cerca de 350 pessoas que encheram a sala do debate, num hotel, defendeu que «os deputados ao Parlamento Europeu devem todos trabalhar em conjunto, com

os mesmos objectivos».

«devemos trabalhar em estilo de embaixada, todos os 24 deputados, depois seria um luxo desperdiçar esforços», acrescentou o candidato monárquico.

Para Miguel Esteves Cardoso deveria ter havido mesmo, antes do acto eleitoral, «uma plataforma de entendimento prévio».

O candidato do PPM acentuou ainda, na sua intervenção, que a candidatura monárquica «é a que mais tem defendido o desenvolvimento regional, a concepção atlântica», para demonstrar o seu apoio ao desenvolvimento do norte.

Solidariedade Social

"GOVERNO QUER TRANSFORMAR IPSS EM INSTITUIÇÕES POLICIAIS"

— diz o presidente da União de Lisboa

Julio Rodrigues

As Instituições Particulares de Solidariedade estão, uma vez mais, ameaçadas de «estrangulamento e asfixia» em resultado do despacho normativo n.º 41/87, que actualiza as participações financeiras, às IPSS. Se este último aspecto é aplaudido pelos dirigentes das IPSS por aparentemente ter em conta o crescendo de dificuldades que se lhes depara, o facto de as tentar transformar em «instituição policial de segurança social» é claramente rejeitado por todos eles.

Com efeito, o despacho normativo em questão exige «uma intervenção cuidada dos serviços regionais de acção social» (...) «com a finalidade de se avaliar a capacidade económica-financeira das instituições particulares» (...) «bem como as condições económicas e sociais dos utentes e dos agregados familiares em que se inserem».

O despacho determina a caracterização, caso a caso, através do preenchimento de ficha informativa, «a qual possibilitará ainda a obter um conhecimento global dos utentes» participados.

Ora, onde é que o Ministério do Trabalho e da Segurança Social quer chegar com o despacho normativo n.º 41/87?

O presidente da Delegação Distrital de Lisboa da União das Instituições Particulares de Solidariedade Social (UIPSS) opina que se pretende transformar cada IPSS em «Instituição Policial da Segurança Social, não se respeitando a intimidade da vida privada dos utentes». Além disso — acrescenta José Álvaro Vidal —, «burocratiza-se e avoluma-se o

trabalho administrativo nas IPSS».

As IPSS estão, segundo aquele responsável, a «viver um momento particularmente difícil», o que não é novidade no seu quotidiano. «Confrontam-se as nossas casas com problemas de especial melindre, os quais só terão solução conveniente com o empenhamento comum e uma actuação que tenha em devida conta os legítimos interesses das IPSS, dos seus trabalhadores e utentes», acrescenta José Álvaro Vidal.

«Estado tem de ser superior garante»

Nesse sentido, as IPSS do distrito de Lisboa tiveram uma primeira reunião, há dias, no Salão Paroquial da Penha de França, para travarem a aplicação do aludido despacho que «põe em causa o respeito e a preservação do princípio de que a acção das IPSS é fundamental para a própria consecução dos objectivos do desenvolvimento social de que o Estado tem de ser superior garante», segundo posição que a UIPSS exprimiu em carta remetida ao secretário de Estado da

Valências	Capacidade económico-financeira da instituição			
	Média		Fraca	
	Zona de instalação e tipo de utentes		Zona de instalação e tipo de utentes	
	Não degradada e ou não carenciados	Degradada e ou carenciados	Não degradada e ou não carenciados	Degradada e ou carenciados
Creche familiar	7 400\$00	7 600\$00	7 480\$00	7 680\$00
Creche	7 400\$00	7 600\$00	7 480\$00	7 680\$00
Jardim-de-infância	5 120\$00	5 260\$00	5 180\$00	5 320\$00
Creche e jardim-de-infância	6 330\$00	6 500\$00	6 410\$00	6 580\$00
Actividades de tempos livres	1 880\$00	1 930\$00	1 900\$00	1 950\$00
Lar de crianças e jovens	12 820\$00	13 180\$00	12 960\$00	13 310\$00
Lar de idosos	12 890\$00	13 240\$00	13 030\$00	13 370\$00
Centro de dia para idosos	4 590\$00	4 720\$00	4 650\$00	4 770\$00
Apoio domiciliário a idosos	7 240\$00	7 440\$00	7 330\$00	7 520\$00
Centro de convívio para idosos	1 880\$00	1 930\$00	1 900\$00	1 950\$00

Os valores das participações a pagar este ano pelos CRSS's às IPSS com as quais tenham celebrado acordos de cooperação

Segurança Social.

No documento, aquela estrutura comenta o facto de no preâmbulo do despacho normativo acima citado se afirmar ser «imperioso que se combatam os desperdícios, se evitem estruturas pesadas, necessariamente mais onerosas, e se opte por respostas inovadoras e mais simples, responsabilizando mais as famílias e as comunidades» (sic).

Os custos utente/mês em cada um dos estabelecimentos integrados nos Centros Regionais de Segurança Social devem ser conhecidos da própria Secretaria de Estado, que sobre eles exerce uma administração directa. No entanto, é aquela SESS que estabelece para as Instituições Particulares de Segurança Social (IPSS) cerca de trinta por cento daquilo que gastam nos seus estabelecimentos integrados por utente/mês.

comparticipações financeiras da segurança social sejam pautadas pelos valores despendidos, por falência e por utente, nos estabelecimentos integrados nos Centros Regionais de Segurança Social (CRSS)», sustenta o presidente da Delegação de Lisboa da UIPSS.

Não é só pelas razões atrás expostas que as IPSS exigem a «imediata revogação» do despacho normativo 41/87, o qual estabelece ainda, com a finalidade de facilitar o estrangulamento e asfixia destes estabelecimentos de educação infantil, a aplicação do «esquema das deduções». Em causa estão quatro normas do despacho da SESS.

As receitas próprias das IPSS passam de novo «a ser passíveis da dedução», o que os dirigentes das IPSS consideram como um

«castigo à criatividade e à iniciativa de cada instituição». Em seu entender, «estas deduções — como se diz na carta enviada ao secretário de Estado da Segurança Social — são absolutamente inadmissíveis».

A norma III do despacho deve ser, de imediato, revogada, já que o art.º 5.º do Decreto-Lei n.º 119/83 estabelece, nomeadamente, que «os beneficiários devem ser respeitados na sua dignidade e na intimidade da vida privada».

A «ficha de caracterização do utente» ocupa essa norma, com cinco pontos, o primeiro dos quais determina que para efeitos de actualização da participação financeira a conceder às IPSS, será preenchida obrigatoriamente uma ficha, de modelo próprio, relativa aos utentes



SEDE: AV. ALMIRANTE REIS, 115 — LISBOA
CAPITAL SOCIAL: 3 900 000 000\$00

(Inscrita na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, sob o n.º 85, com data de 23.11.79)

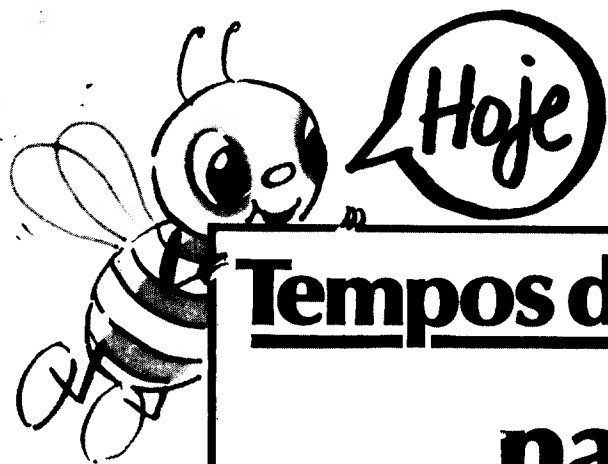
TÍTULOS DE PARTICIPAÇÃO 1986

CONVOCATÓRIA DA ASSEMBLEIA DE PARTICIPANTES

- Nos termos do art.º 24.º do Dec.-Lei n.º 321/85, de 5 de Agosto, e do Despacho n.º 11/SECI/87, de 2 de Junho, fica por este meio convocada a Assembleia Anual de Participantes dos TÍTULOS DE PARTICIPAÇÃO emitidos ao abrigo da Portaria de 30 de Outubro de 1986, publicada no «Diário da República» de 30 do mesmo mês, II Série, n.º 251 (Suplemento), em 1.ª convocatória no dia 24 de Julho de 1987, pelas 15 horas, no Auditório da Feira Internacional de Lisboa, Praça das Indústrias, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:
 - Ponto 1 — Exposição do Conselho de Gerência da Empresa sobre a situação e actividade desta durante o exercício anterior.
 - Ponto 2 — Tomar conhecimento das contas respectivas, atento o disposto na Resolução do Conselho de Ministros n.º 21/86, de 22 de Fevereiro, e, bem assim, do parecer que sobre elas emitiu o Órgão de Fiscalização.
 - Ponto 3 — Tomar conhecimento de parecer do ROC da emissão, nos termos do n.º 1 do art.º 31.º do citado Dec.-Lei.
- Se não tiver sido atingido o «quorum» exigido pelo n.º 1 do Art.º 20.º do Decreto-Lei n.º 321/85, convoca-se a Assembleia Geral de Participantes para reunir, em 2.ª convocação, no dia 10 de Agosto de 1987 pelas 15 horas no mesmo local, com a mesma ordem de trabalhos, com qualquer número de participantes, em conformidade com o n.º 2 do mesmo art.º.
- A participação na Assembleia que ora se convoca fica subordinada à apresentação, até ao 2.º dia útil anterior à realização da Assembleia, para depósito na sede da Empresa, das cautelas de subscrição representativas dos títulos ou da declaração, devidamente emitida por qualquer instituição bancária, no sentido de se acharem nela depositadas aquelas cautelas. Com a mesma antecedência, os participantes pessoas colectivas, e bem assim as pessoas singulares que o desarem, indicarão o nome e o domicílio dos seus representantes.

Lisboa, 22 de Junho de 1987.

O CONSELHO DE GERÊNCIA
(Assinatura ilegível)



Tempos de antena

na RTP 1 a seguir ao telejornal



na Rádio

Antena 1 e Rádio Comercial — às 18.00 h
Rádio Renascença — às 22.00 h
RFM — às 20.00 h

TENTARAM APAGAR A MEMÓRIA DO "JOÃO BOMBEIRO DOS MIL FOGOS"

Manuel Geraldo

João dos Santos, o «João Bombeiro» ou o «João Bombeiro dos Mil Fogos», uma figura carismática, quase lendária, dos Voluntários de Campo de Ourique, onde quase analfabeto atingiu o posto de chefe, morreu aos 75 anos, mas a hierarquia da corporação, representada pela respectiva direcção, não se fez representar no seu funeral.

Face ao sucedido, companheiros e familiares do extinto fizeram chegar ao «DL» o seu espanto e indignação, avançando como porta-voz António Augusto Resende, também ele um abnegado, e idoso membro da corporação (é o n.º 17 na escala de antiguidade). Foi dele que recebemos em mão a carta, que, porque suficientemente esclarecedora, passamos a transcrever na íntegra. Pasmemo-nos, então, face à narrativa:

«No passado dia 23 foi a enterrar no talhão dos Bombeiros Voluntários, no Cemitério do Alto de S. João, um homem que em meio século da sua vida a dedicou em prol da comunidade. Trata-se do chefe João dos Santos, o «João Bombeiro dos Mil Fogos», o qual granjeou pela sua coragem, qualidades de comando e desprezo pela própria vida, dezenas de louvores e inúmeras condecorações, actuando em todas as calamidades que assolaram a zona de Lisboa e não só. Incêndio no Palácio de Queluz, desastre ferroviário da Gibalta (Linha de Cascais), catástrofe da serra de Sintra (31 soldados calcinados), desabamento da cobertura da estação ferroviária do Cais do Sodré, incêndio na Igreja de S. Domingos foram uma ínfima parcela das milhares de acções em que interveio.

Com extraordinária dedicação pela causa que abraçou, nos momentos mais difíceis, conseguia sempre com o seu exemplo galvanizar e levar o pessoal a enfrentar as situações mais adversas. Foi em boa verdade um símbolo de coragem, que muito honra a corporação de Campo de Ourique. No entanto, com a sua morte, o Corpo Activo e a Velha Guarda interrogam-se: de que serve uma vida dedicada ao bem comum, quando os Corpos Directivos da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique, por mais incrível que pareça, quando do seu funeral, lhe deram o mais completo desprezo, perante o espanto dos colegas e familiares?

Senão vejamos: dia 22 de Junho, pelas 11 horas, é comunicado ao secretário da Direcção o falecimento do «João Bombeiro dos Mil Fogos» e que os

seus restos mortais iriam nessa tarde para a Igreja do Santo Condestável, de onde saíria o préstito, na manhã do dia seguinte. Pois para um sócio benemérito da Associação, com um palmarés de serviços, difícil de igualar, ninguém da dita Direcção compareceu no seu funeral. Se com esta indigna atitude pensaram que iriam amesquinhar a memória de um homem que sempre dignificou o nome da corporação, foi um total engano, pois o Corpo Activo e a Velha Guarda sempre souberam cerrar fileiras, para apoiar os que honradamente dedica-



Chefe João dos Santos: em quase meio século de actividade esteve presente em todos os grandes incêndios, e tragédias, que enlutaram zona de Lisboa

ram o seu tempo livre em prol da comunidade.

«Será necessário dizer que de facto o Corpo Activo e a Velha Guarda têm sim vergonha daqueles que não possuindo coragem para amesquinhar as qualidades de João dos Santos, enquanto vivo, o tentaram fazer depois de morto. Que descanse em paz quem tanto lutou e dignificou o nome dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique.»

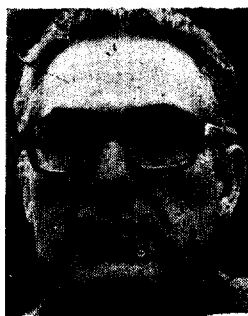
Vigilante no Bairro Alto

As circunstâncias que rodearam a morte, e o funeral, de João dos Santos, são assim tristemente significativas de uma forma característica de actuar, de uma certa burocracia de «penacho e caldeira» (gravata e casaca), sobrevivente, e de algum modo remanescente, neste País.

Sobretudo quando o que está em causa são cidadãos com a estrutura humana e cívica de um «João Bombeiro» que, em 2 de Agosto de 1983, tivemos o privilégio de entrevistar para o «DL», tornando possível que ele tivesse recordado, com um misto de humildade e orgulho que o definia, alguns dos grandes incêndios e tragédias em que actuou. Não perdendo sequer a oportunidade de realçar o louvor que recebeu pelo facto de, em 1 de Outubro de 1937, e tal como narrava a ordem de serviço da corporação, ter «com serenidade, sangue frio e verdadeira abnegação, procedido ao salvamento de um gato, que devido à situação em que o animal se encontrava lhe produziu um fermento, pelo qual teve de receber tratamento».

Mecânico de profissão ajudou na montagem do primeiro veículo motorizado utilizado pelos Voluntários de Campo de Ourique) recebia à data do seu falecimento uma pensão de cerca de dez contos. Embora revoltado contra as injustiças sociais, mas humana e profundamente solidário, ainda assim cruzámos com ele muitas vezes no Bairro Alto, onde morava, surpreendendo-o a vistoriar portas e janelas, em permanente vigilância contra os riscos dos sinistros de vária ordem sempre latentes na zona.

Que poderá então contra um homem desta estrutura moral e cívica a pequenez inqualificável (e mesquinha) dos que fizeram «ponto de honra» em estar ausentes no seu funeral? Definitivamente nada, pois João dos Santos nunca procurou honrarias fáceis e efémeras nem um lugar na história. Viveu e resistiu de espinha erguida. E isso bastou-lhe. Guardemos-lhe a memória!...



Mário Castrim

É preciso ser insensível para não ver como elas nos mordem.
É preciso ser formiga para entender como o trabalho custa.
É preciso conhecer música para avaliar a importância dos silêncios.
É preciso ser criança para ver como tudo acontece pela primeira vez.
É preciso ser crítico de televisão para merecer o título de herói, de mártir e de infeliz.
É preciso ser ingénuo para acreditar na isenção da RTP.
É preciso ser árbitro de futebol para entrar no céu.
É preciso (já é preciso!) ser Valadares para ir ao Telejornal.
É preciso querer ser burro para ver muita televisão.
É preciso ir à TV para ter «status» social.
É preciso amar para encontrar Deus face a face (esta é profunda!).
É preciso conhecer os seus limites para compreender que não há limites para nada.
É preciso amar a poesia como prova de que se não é besta.
É preciso perdoar para se ser político.
É preciso ser implacável para se ser político.
É preciso ser político para saber que a Terra é redonda e são milhões de cada lado.
É preciso ser fraco para ver como é bom ter um sindicato forte.
É preciso saber ler para poder recusar certos livros.
É preciso ser progressista arrependido para ser entrevistado na televisão portuguesa.
É preciso ter vivido 1974 para ver bem o que representa viver em 1987.
É preciso precisar para dar o valor a quem precisa.
É preciso ter uma casa para compreender o que sofre uma dona de casa.
É preciso chorar para ver como a dor é salgada.
É preciso ter o tempo todo ocupado para aparecer todas as noites na televisão.
É preciso ser cão para ladrar com eficácia.
É preciso amar para nada mais ser preciso.
É preciso usar o Poder para ser usado pelo Poder.
É preciso mandar na televisão para dizer que a televisão é independente.
É preciso ser cego para não ver como o Governo na TV se mete pelos olhos dentro.
É preciso reflectir bem para bem inflectir.
É preciso ser do Governo para dizer que o governo é bom.
É preciso ser inteligente para não cair sempre nas mesmas tolices.
É preciso voar alto para ter a noção da queda.
É preciso rezar para que Deus exista.
É preciso muitas vezes amar o próximo para estar longe dele.
É preciso atravessar o deserto para podermos provar que somos homens.
É preciso ser guarda-redes para saber como as balizas são largas.
É preciso viver para não envelhecer.

Brigada de Trânsito da GNR promete «melhoria operacional»

A Brigada de Trânsito da GNR, que ontem comemorou os 17 anos no seu quartel nas Janelas Verdes, em Lisboa, irá procurar uma melhoria na sua actividade operacional para aspectos que constituem riscos, como sejam as manobras perigosas, o excesso de velocidade, as altas taxas de alcoolemia e o carregamento imoderado dos veículos.

Ao usar da palavra, o comandante da brigada, coronel Sousa Vicente, referiu também a necessidade de aperfeiçoar a utilização das redes rádio e outros meios de comunicação interna, e de continuar a investir na formação do pessoal.

«É constante -disse- a degradação das condições económicas, especialmente do pessoal patrulheiro, que exercendo a sua acção longe do quartel e habitação, vê os encargos básicos extraordinariamente acrescidos e não compensados». Segundo o coronel Sousa Vicente, tal situação deve-se à «escassa gratificação de especialidade» não ser actualizada há muito e também ao facto de outras compensações legalmente devidas não estarem sendo integralmente abonadas por «insuficiência da verba atribuída à GNR».

Devido a notícia sobre envolvimento no «Processo DOPA»

Miguel Sousa Tavares indemnizado em 300 contos por «O Jornal»

O semanário «O Jornal» irá pagar uma indemnização de 300 contos a Miguel Sousa Tavares devido à inserção de uma notícia em que aquele jornalista da RTP era referido como estando envolvido no Processo DOPA (tráfico ilegal de divisas), em que o réu principal é Queirós de Andrade, à revelia ao que consta no Brasil.

Miguel Sousa Tavares disse que a sentença do 1.º Juízo Cor-

recional de Lisboa refere que «não houve dolo», mas que houve culpa por negligência pelo facto de a notícia não ter sido confirmada e pelo «Processo DOPA» se encontrar em segredo de Justiça, embora o seu autor afirmasse na Boa Hora ter consultado o mesmo.

Os réus eram o director de «O Jornal», José Silva Pinto, e o redactor da notícia, Rogério

Rodrigues, que foram absolvidos, embora o juiz tivesse arbitrado o pagamento de uma indemnização ao queixoso de 300 contos (Miguel Sousa Tavares tinha pedido 3000 contos).

José Silva Pinto afirmou que, em princípio «O Jornal» não irá apresentar recurso, embora essa decisão só possa ser tomada pelo advogado do semanário que dirige, neste momento ausente de Lisboa.

Incêndio seguido de explosões destruiu fábrica de pirotecnia

Três operários ficaram feridos, embora sem gravidade, num incêndio, seguido de três fortes explosões, que ontem destruiu uma fábrica de pirotecnia em Ponte Velha, no concelho da Lousã.

Dos feridos apenas Paulo Jor-

ge Pratas França, de 21 anos, e Henrique Carvalho, de 52 anos, tiveram de ser internados no Hospital da Universidade de Coimbra.

Segundo os bombeiros locais, o incêndio, de origem ainda não

determinada, teve origem na secção da fábrica que menos perigo oferecia, estando os prejuízos avaliados em milhares de contos. «Num raio de cerca de dois quilómetros houve telhados levantados e vidraças partidas», precisou a mesma fonte.

MORTE DE ESTUDANTE ANGOLANO LEVANTA DÚVIDAS EM AVEIRO

A Associação de Estudantes da Universidade de Aveiro enviou ao Ministério da Saúde um pedido de averiguação das circunstâncias da morte de um aluno angolano daquela Universidade. Vasco Benedito André, de 26 anos, natural do Muxito, frequentava como bolseiro do governo angolano o terceiro ano do curso de Engenharia Electrónica da Universidade de Aveiro.

No dia 9 de Junho o jovem angolano sofreu um acidente de viação e foi transportado ao Hospital Distrital de Aveiro, ao que se julga, com traumatismo craniano.

De lá foi transferido para os Hospitais da Universidade de Coimbra onde ficou internado uma semana, após o que regressou ao Hospital de Aveiro no dia 17. Na sexta-feira, dia 19, foi-lhe dada alta e aí começou um penoso calvário que culminou na morte do jovem na segunda-feira, dia 22.

Só nessa sexta-feira, 19, a reitoria teve conhecimento de que o aluno estava internado, devido a um telefonema dos Serviços So-

ciais de Aveiro aos serviços sociais universitários comunicando que o doente ia ter alta. Como não tinha família em Portugal e vivia sozinho num quarto alugado naquela cidade, aventava-se a hipótese de ser alojado pelos serviços sociais universitários.

Apesar de a assistente social dos SSU ter feito ver que as residências universitárias não tinham condições para assistir o doente, este teve mesmo de abandonar o hospital e ficou, de facto, numa residência universitária, instalada, aliás, na cama de um residente que se sujeitou a dormir no chão para que o colega doente pudesse ter uma cama.

Mas o estado de Vasco Bene-

dito André era preocupante dado que, segundo julgamos saber, a própria encarregada da residência se apercebeu de que o doente tinha dificuldade de controlar as funções fisiológicas, não conseguia articular frases completas e tinha perdas de memória.

Preocupado com o seu estado, o reitor da Universidade de Aveiro, prof. Joaquim Renato de Araújo, cuja acção a Embaixada de Angola reconhece ter sido relevante, decidiu interceder pessoalmente junto da equipa médica do Hospital de Aveiro no sentido de o doente voltar a ser ali internado e observado.

Na manhã de sábado, o estudante angolano apresentou-se no hospital, foi visto pela equipa em questão e ficou internado para observação.

Na segunda-feira seguinte, uma outra equipa médica que estava de serviço voltou a dar-lhe «alta» às 11 horas da manhã, não tendo o doente saído por se encontrar a dormir. Três horas depois Vasco Benedito André

falecia no Hospital Distrital de Aveiro, ao que se julga saber, em consequência de derrame cerebral. O resultado oficial da autópsia não foi ainda divulgado.

Na manhã do dia 24 o corpo foi autopsiado e nessa mesma tarde foi transportado para Lisboa onde seguiu para Angola.

Contactado telefonicamente pelo «DL», o director do Hospital Distrital de Aveiro, dr. Abílio Oliveira, escusou-se a dar informações por essa via, garantindo, no entanto, que da parte do hospital que dirige não houve negligência.

Tal opinião não é exactamente compartilhada por outras entidades, embora a verdade dos factos só possa ser apurada se o assunto for averiguado até ao fim.

O reitor da Universidade de Aveiro afirmou que a reitoria não assumia posição sobre o caso mas como cidadão tinha de estranhar que um doente tivesse falecido depois de ser observado em dois hospitais e de ter tido

alta em pelo menos um deles.

O prof. Joaquim Renato Araújo manifestou já a sua preocupação junto da Direcção-Geral de Cooperação do Ministério dos Negócios Estrangeiros — entidade através da qual são recebidos aqui os bolseiros dos países africanos de expressão portuguesa — pelo sucedido e pela situação em que se encontram os bolseiros que vivem aqui sozinhos.

«O que se passou com ele pode passar-se com qualquer outro e eu julgo que eles devem ser apoiados por outros esquemas de segurança social», comentou.

A Embaixada de Angola, que enviou uma delegação a Aveiro para se inteirar do caso e fez participar da equipa de autópsia um estudante de medicina angolano que é aluno da Universidade de Coimbra, reservou a sua opinião ou posição — caso tenha de assumir — para quando tiver conhecimento do resultado oficial da autópsia.

Reformado atirou-se da ponte de Santa Clara

Um homem de 59 anos morreu ontem afogado no rio Mondego, ao atirar-se, ao que tudo indica, da ponte de Santa Clara, em Coimbra. Segundo os Bombeiros Municipais daquela cidade, a vítima, António Pama Martins, reformado e residente na freguesia de S. Martinho do Bispo, «apresentava um golpe na cabeça, pelo que o seu falecimento, quase instantâneo, deverá ter sido provocado pelo choque com as pedras existentes no leito do rio».

Menina de 20 meses afogada num tanque

Uma criança do sexo feminino, com a idade de 20 meses, morreu ontem afogada num tanque da sua residência, no lugar de Salgueirinhos, freguesia de Lustosa, no concelho de Lousada.

Quando os pais deram pela falta de Virginia Luísa Machado Teixeira já esta se encontrava submersa na água do tanque destinado a regas, de nada valendo o seu transporte para o Hospital de Lousada.

SEMANA GASTRONÓMICA GREGA

29 DE JUNHO A 3 DE JULHO/87
ALMOÇOS E JANTARES

COZINHA TÍPICA GREGA

MESTRE COZINHEIRO — DIONISSIOS GKARIS
PREÇO POR PESSOA — 2400\$00

HOTEL TIVOLI RESTAURANTE ZODÍACO

AV. DA LIBERDADE, 185 TELEF. P/RESERVAS (PORTARIA) — 530181 — 521101

ANIMAÇÃO

DANÇAS E MÚSICA TRADICIONAL GREGA TODOS OS DIAS POR UM CONJUNTO DE 3 MÚSICOS E 3 BAILARINOS GREGOS

EXPOSIÇÃO

PELARIAS • LANIFÍCIOS • LACTICÍNIOS • ARTE-SACRA • TAPEÇARIAS • BIJUTERIA MODERNA E CÓPIAS ANTIGAS • BEBIDAS • APERITIVOS, «TARAMAS», ETC.



EMBAIXADA
DA GRÉCIA

ORGANISMO GREGO
DE PROMOÇÃO E EXPORTAÇÃO

1x1 MULTIPLAS
SÓ NESTE CONJUNTO

Antes de preencher o bilhete, leia as instruções no verso do bilhete.

Preço de cada aposta 15 Esc. Máximo admitido 2 apostas

50 para MULTIPLAS
Autêntico e válido até 31 de Julho de 1987

7541696

17 281 82138 1 26

SETUBAL 21900

ESTA É A FOTOCÓPIA DUMA APOSTA QUE GANHOU O PASSAPORTE PARA A FORTUNA!

ANÓNIMO DE SETÚBAL RECEBE SOZINHO MAIS DE 61000 CONTOS, DO TOTOLOTO

O concurso n.º 26/87, fez de um anónimo de Setúbal, alguém particularmente feliz. Mais um multimilionário que, ao acertar nos 6 números, ganhou uma fortuna de 61023609\$00.

Anónimo a quem não conseguimos convencer a divulgar a sua identidade, preferindo ser rico em segredo.

Jogar no Totoloto é uma aventura semanal, cujo saldo pode ser e é uma aposta segura e para sempre.

Neste concurso foram ainda distribuídos:

5 2.º prémios no valor de 2440944\$00 cada um (neste fabuloso concurso n.º 26/87 até os 2.º prémios fizeram milionários), 389 3.º prémios no valor de 94123\$00 cada, 27208 4.º prémios no valor de 1973\$00 cada, e 526694 5.º prémios do valor de 152\$00 cada.

Jogue você também uma aposta no futuro — é fácil, é barato, dá milhões.

Nota: Estes resultados são provisórios, como de costume.

ÀS VOLTAS NUMA CIDADE VISTA PELOS

Nuno Ribeiro

Uma cidade é feita de pessoas, casas, ruas, praças e jardins cujo ordenamento não surge por acaso, espontaneamente. Razões políticas e sociais, culturais e técnicas, determinam a construção da urbe. E, ontem, durante perto de três horas, os homens que constroem a cidade fizeram uma leitura interpretativa, demonstrando que, no Dia Mundial da Arquitectura, o seu papel não é o de apenas gisarem formas e definirem riscos. São criadores, têm a imaginação suficiente para inovarem, a técnica necessária para, num circuito que escapou aos cânones turísticos, darem a conhecer novas vistas de uma cidade.

Das Avenidas Novas à Marquês, com referência obrigatória ao Bairro Alto, do Areeiro aos Olivais, da zona ribeirinha à Estrada da Luz, das vilas operárias aos palacetes, Lisboa é rica de num cruzamento de influências, de história.

Observada pela ponte 25 de Abril, quando do Sul se ganha a capital, Lisboa espregueia-se junto ao Tejo, sobe as sete colinas com marcas importantes na Sé, São Pedro de Alcântara, Castelo..., ganha verde e frescura em Monsanto para, sinal dos tempos se expandir. Primeiro em harmonia e graça. Mais tarde, contemporaneamente, gerando formas que rompem um sábio equilíbrio, uma escala própria.

«Em Lisboa não há grandes conjuntos monumentais, a grande riqueza da cidade está na sua escala, no seu arranjo no terreno», comenta

um dos arquitectos que acompanhou os jornalistas. Esta característica não tem sido respeitada e, depois da visão da Ponte, penetrando nas vias tornadas canais de escoamento de trânsito, a graça está ausente, a escala humana da cidade acabou por perder-se.

Uma história com jardins suspensos

As áreas ainda não danificadas possibilitam uma multiplicidade de referências. Têm a sua história, fruto do crescimento da cidade, do desenvolvimento do país nas suas múltiplas direcções.

E, se do anfiteatro dedicado a Nero, situado entre as actuais ruas de S. Mamede e da Saudade, resta o conhecimento pelos estudos, outras mantêm ainda os traços originais.

É o caso do Bairro Alto,

construído a partir do século XVI, quando o centro da urbe passou a ficar polarizado entre o Rossio e o Terreiro do Paço, depois da revogação da proibição da construção fora da muralha fernandina, quando a Corte se instalou no Paço Real.

Mas, mais importante é o seu significado, pois a construção no Bairro Alto é resultante da primeira grande operação de loteamento em áreas rurais, com vias em quadrícula definindo os quarteirões.

Menos conhecido actualmente, e também com o mesmo tipo de construção, está a Madragoa, no século XVI denominado bairro do Mocambo, onde viviam os negros vindos de Angola e da costa oriental de África.

Do traçado original pouco resta, pois o terramoto de 1755 abalou consideravelmente a área. No entanto, lembrando outros tempos, e histórias de saudade e tristeza dos seus habitantes, Poço dos Negros, então cemitério dessas populações.

Só mais tarde, a partir do século XIX, o bairro passa a ser ocupado por gentes ligadas ao mar e à pesca, com edifícios importantes: o chafariz da Esperança, obra de Carlos Mardel e os Conventos da Trina do Mocambo e das Bernardas, ambos do século XVII.

Delimitando um episódio da história do Império, está

S. Bento, um projecto dos frades Beneditinos, com projecto posterior de adaptação a Parlamento de Ventura Terra, realizado no princípio do século, e todo o aterro iniciado em Santos e que se prolonga pela Avenida 24 de Julho.

Na Praça de Santos, construções mais recentes, quarteirões do princípio do século XIX, com o antigo Cinearte, do risco de Rodrigues Lima, a constituir um outro polo de atracção. História curiosa a deste espaço que de cinema, destruído o interior, passou a armazém de bananas e, agora ganha novas formas para poder albergar «A Barraca».

Paralelamente ao Tejo, junta-se a preservação e a degradação, com o «chalet» de Jorge Segurado a ser mantido em bom estado pela Carris, e o antigo Instituto do Pão de Trigo e Cereais, totalmente esvaziado.

Nas traseiras, escondidos dos olhos dos passantes, inúmeros jardins suspensos fazem a ligação da 24 de Julho à Rua das Janelas Verdes.

Vilas operárias e ferro em Alcântara

Sempre à beira Tejo, cuja vivência com a cidade é cortada pela linha da CP e pela jurisdição da Administração Geral do Porto de Lisboa, chega-se a Alcântara.

Espaço de trabalho, fornecido pelo porto e por uma série de indústrias a Lisnave,

exemplo da arquitectura de ferro, a Central Tejo, futuro Museu da Indústria, e a Cordoaria Nacional que, após a Feira Internacional de Lisboa, com os seus cem metros, é um dos edifícios mais compridos de Portugal, era também local obrigatório de vida, quando a habitação e a fábrica estavam próximas.

Junto à estação da CP, no Vale de Alcântara, a Vila Cabrinha e, mais acima da encosta, do lado esquerdo da Rua Maria Pia, inúmeros pátios e vilas operárias albergavam a população trabalhadora. Espalhados pela cidade consoante as manufacturas, por vezes ligados aos proprietários das indústrias, como ocorria com o bairro da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonenses, à Rua 1ª de Maio.

Antes da partida para outros horizontes, uma referência. A Associação dos Arquitectos Portugueses vai participar no centenário dos Descobrimentos, fazendo um concurso de ideias para devolver o rio à cidade, embora a magnitude do problema, o número de entidades e de interesses envolvidos não favoreçam a adopção de uma solução. Será trabalhar na utopia que, paradoxalmente, poderá despertar consciências e ganhar vontades.

Três homens e um destino

Acompanhar a implantação das zonas operárias e dos

quarteirões é uma forma de estudar também os regimes políticos. Em Lisboa, tal situação é fácil, pois no tecido da cidade existem ainda inúmeros exemplos de bairros.

Da proximidade com a fábrica, do final do século passado, aos primeiros bairros sociais construídos em plena República, com núcleos diferenciados na Ajuda e no Arco do Cego, destinados respectivamente às classes mais pobres e médias.

Com o Estado Novo, no mesmo ano em que o Estatuto Nacional do Trabalho é aprovado, sete anos depois da marcha que de Braga ganhou Lisboa derrubando a República, aparecem os «bairros económicos» numa designação que fez escola no léxico salazarista. Era então politicamente necessário afastar os núcleos habitacionais operários dos centros de produção, separar a habitação, que o Estado Novo queria tranquila e pacífica, do bulício da fábrica, da contestação. Não eram aspirações ambientalistas que levaram os operários para o bairro do Alvíto, de linhas modernas, para o Alto da Ajuda, Caselas, Belém, Encarnação, Madre de Deus. Era a «ghetização» que, entre outras «vantagens», tinha a de ser de mais fácil policiamento...

Fortalecido o regime, ganha a aposta da sobrevivência após a vitória dos Aliados, torna-se possível o «Plano do Sítio de Alvalade», da autoria do arquitecto

Visite **FEIRA DO ARTESANATO**



FIARTIL

ESTORIL * 2/7 ~ 30/8

Aberta das 17 às 24 horas

PORTUGAL NÃO PODE PARAR

COMÍCIOS com CAVACO SILVA

SEXTA-3

11.00 — Rio Maior — Lg. da República
12.00 — Caldas da Rainha — Pç. da República
15.30 — Alcabça — Pç. D. Afonso Henriques
16.15 — Nazaré — Pç. Sousa Oliveira (Picadeiro)
17.00 — Marinha Grande — Pç. Diogo Stephens
21.30 — Leiria — Pç. Rodrigues Lobo

PSD

PSD PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA

AUTO BOLSA, SERVIÇOS E COMERCIALIZAÇÃO DE VEÍCULOS, LIMITADA

CERTIFICADO, narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de 16.6.87, lavrada de fls. 20 a fls. 22, do livro de notas para escrituras diversas n.º 237-D, do 15.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada em Direito Amélia Josefina de Queirós Lopes, foi constituída entre: — ANTONIO DINIS ZACARIAS CAIXADO; MARIA ANTÓNIA MARQUES DOS SANTOS BALTAZAR NUNES e HORÁCIO MANUEL PEREIRA VERÍSSIMO DE MIRA, uma sociedade comercial por quotas com a denominação em epígrafe, nos termos constantes do artigo a seguir fotocopiados em três laudas, na parte que para aquele efeito interessa.

PRIMEIRO

A sociedade é constituída sob a forma de sociedade comercial por quotas, adopta a denominação de «AUTO BOLSA, SERVIÇOS E COMERCIALIZAÇÃO DE VEÍCULOS, LIMITADA», tem a sua sede em Lisboa, na Rua Francisco Sanches, número setenta e cinco, primeiro andar, freguesia de São Jorge de Arroios, e durará por tempo indeterminado.

SEGUNDO

Por deliberação dos sócios poderão ser criadas sucursais, agências, delegações ou outras formas locais de representação, no território nacional ou no estrangeiro.

TERCEIRO

O seu objecto consiste na Promoção de Vendas e comercialização de veículos automóveis e respectivos serviços de apoio.

QUARTO

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de QUATROCENTOS E CINQUENTA MIL ESCUDOS e corresponde à soma de três quotas iguais de cento e cinquenta mil escudos cada, pertencendo uma a cada um dos sócios António Dinis Zacarias Caixado, Maria Antónia Marques dos Santos Baltazar Nunes e Horácio Manuel Pereira Veríssimo de Mira.

QUINTO

A cessão, total ou parcial de quotas, depende do consentimento da sociedade quando feita a estranhos, sendo, neste caso, conferido aos sócios direito de preferência.

SEXTO

A sociedade poderá amortizar qualquer quota nos casos previstos na lei e, ainda: a) — por acordo com o respectivo titular; b) — em caso de falência ou insolvência do titular, penhora, arresto ou apreensão judicial.

PARÁGRAFO ÚNICO

Sem prejuízo de disposição imperativa da Lei, a contrapartida da amortização será o valor da quota segundo o último balanço aprovado.

SÉTIMO

A sociedade é administrada e representada por um ou mais gerentes, que podem ser pessoas escolhidas de entre estranhos à sociedade.

PARÁGRAFO PRIMEIRO

Os gerentes ficam dispensados de caução.

PARÁGRAFO SEGUNDO

Ficam desde já nomeados gerentes os três sócios.

PARÁGRAFO TERCEIRO

Para obrigar a sociedade bastam as assinaturas de dois gerentes.

OITAVO

A sociedade poderá adquirir participações em sociedades com objecto diferente do seu, em sociedades reguladas por leis especiais e em agrupamentos complementares de empresas.

NONO

A convocação das Assembleias Gerais deve ser feita por meio de carta registada dirigida a cada um dos sócios e expedida com a antecedência de dez dias, a não ser que a lei exija outras formalidades ou estabeleça prazo mais longo.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL

Lisboa, vinte e três de Junho de Mil Novecentos e Oitenta e Sete.

O Ajudante,
Maria Celeste Soares Pais Basílio

«DL» 2/7/1987

OLHOS DE ARQUITECTOS

camarário Faria de Almeida, combinando habitação com indústrias, escolas com espaços verdes, abastecimentos com centros de convívio.

«Não foram fáceis os primeiros tempos, e a Avenida da Igreja foi durante muito tempo conhecida como o cemitério dos comerciantes», sublinha o arquitecto Silva Dias, numa clara referência à população originária.

Toda a área era bordejada por símbolos do Estado Novo, arquitectonicamente marcada pela Praça do Areeiro, cópia do que na Espanha de Franco se fazia, e pelas Praça de Londres, numa glorificação do Império.

A frente do Município e do Ministério das Obras Públicas estava Duarte Pacheco, «um fascista iluminado que nalguns aspectos ia contra o regime», como sublinhou Silva Dias. Sob o seu impulso, os terrenos foram comprados e expropriados e, a sua obra marcou profundamente a cidade, criando zonas que hoje são ainda arquitectonicamente equilibradas.

«Outros dois homens marcaram a cidade», prosseguiu

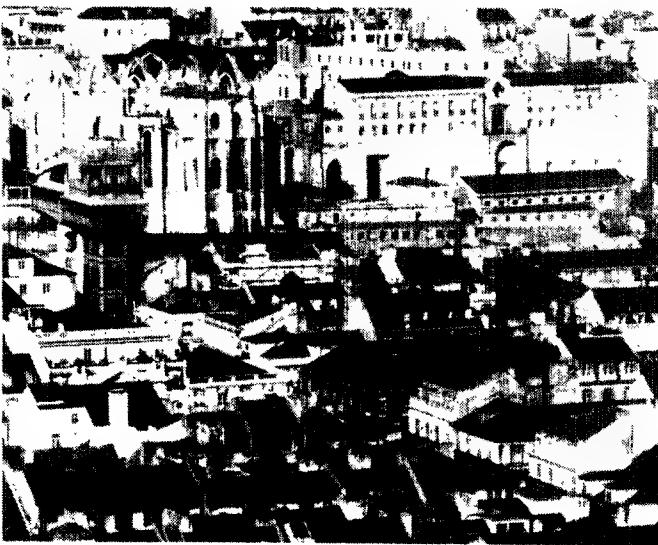
Silva Dias. «O Marquês de Pombal que após 1755 tinha três hipóteses para a reconstrução: edificar uma cidade nova na zona ocidental de Lisboa, reconstrução do que estava danificado, e a solução iluminista, a mais difícil, a que foi seguida e que deu como resultado a baixa, com uma hierarquização das vias, diferentes entre si no dimensionamento e que obedeciam a modelos arquitectónicos mais ou menos ricos conforme os casos».

Um terceiro personagem assumiu importância na definição da cidade:

«foi Rosa Araújo, um pasteleiro que fez fortuna com uns afamados bolos, e gastou-a a abrir a Avenida da Liberdade». A Lisboa romântica, a do passeio público, dos jardins da Estrela e Príncipe Real tinha encontrado o seu financiador.

A periferia ameaçada

Aceleremos o percurso, passemos por alto sobre a Avenida Duarte Pacheco, aberta nos anos 50, com o trabalho dos arquitectos Alberto Pessoa e João Abel



Manta, e equipas importantes de artistas plásticos, Carlos Botelho e Lagoa Henriques, com a alternância dos pilares que deixam passar uma mancha verde e as fachadas até abaixo dos anos 30.

Um pouco mais acima está Campo de Ourique, bairro muito povoado por edifícios dos anos 30 e 60, com o mercado estilo «português

suave» a ser recuperado pelo atelier do arquitecto José Santa Rita, e que hoje constitui um pólo importante de habitação.

Mas, no ordenamento da cidade, atravessadas áreas tão distintas como o Parque Eduardo VII, com contributos de Ressano Garcia e Ventura Terra, o Bairro Azul, as Avenidas Novas, alternando moradias, palacetes, prédios de arrendamento, hoje irrecu-

nhável, e chegemos à «revolta do estilo»: os Olivais.

«Trata-se da aplicação do pensamento urbanístico moderno, seguindo os princípios da Carta de Atenas, em ruptura com a cidade tradicional resultante da Revolução Industrial», explica Silva Dias.

Os novos cânones determinam que os edifícios devam estar isolados, no meio de espaços verdes, e ao abolir o código de leitura da cidade, introduziu um novo elemento e, traz uma vez mais à memória o nome de Duarte Pacheco que, 20 anos antes da sua construção, expropriou os terrenos.

Dos exemplos bem sucedidos aos fundados receios e aos temores vai um passo.

Lisboa é assim: cobijada, oscilando entre o bom e o mau, com um futuro que suscita interrogações.

As ressalvas justificam-se quando em Carnide a Rua da Fonte vai conhecer a demolição de toda a sua faixa direita, uma malha do século XVIII, para dar lugar a edifícios de 13 pisos. «O património não pode ser visto apenas na unidade, é neces-

sário olhar para o tecido», adverte um arquitecto, sublinhando a importância da escala.

Os temores existem também em Monsanto e, se em 1973 estava prevista a construção na encosta do Alvito de um hotel com 40 pisos... que faria companhia ao «dedo» de betão implantado na Avenida de Ceuta, é preocupante o futuro do que é o «pulmão da cidade». A Universidade Técnica de Lisboa, o aumento das instalações militares, a hipótese de uma cadeia de alta segurança, o tribunal, o avanço de algumas urbanizações, como o bairro do Ministério da Justiça, contribuem para um quadro negro.

«A continuar assim, Monsanto não chega ao século XXI» e não será apenas a Avenida República, que está à mercê da estética do automóvel, com a mancha de asfalto cinzenta, os traços brancos, os passeios que deixam de ter forma para ganharem os contornos do automóvel, a merecer as críticas.

A periferia também está ameaçada.

Guia diferente

«Este guia é a visão da cidade pelos que a fazem, os arquitectos», afirmou ontem um membro da direcção da Associação dos Arquitectos Portugueses na apresentação de um Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa.

A obra ontem apresentada representa, assim, um salto, pois se a feitura de guias começa em finais do século XIX, e se estas edições se desenvolveram com a implantação do Estado-Novo, os guias tinham uma característica turística-monumental.

Ao longo de 311 páginas, com resumos em francês e inglês, é dado conhecimento público ao trabalho de quatro equipas de arquitectos, Fátima Cordeiro Ferreira, Francisco Silva Dias, José Silva Carvalho, Nuno Teotónio Pereira e Teresa Nunes da Ponte que, dividida a cidade em quatro áreas, fizeram um levantamento das construções, do ponto de vista arquitectónico, mais importantes.

Profusamente ilustrado, o volume editado pela Associação dos Arquitectos Portugueses, contém ainda capítulos dedicados a uma leitura sobre o desenvolvimento da cidade onde, de forma sumária e com apoio em fotografias, se ilustra a evolução de Lisboa.

Obra tornada importante, porque inédita, e porque factos recentes da vida da cidade aconselham a sua consulta cada vez que os camarelos, em nome de uma falsa noção de progresso, destroem marcas importantes.

Manifesto da AAP

"Portugal precisa do trabalho dos arquitectos"

«Portugal precisa do trabalho dos arquitectos», refere o manifesto divulgado pela Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP) a propósito da comemoração do Dia Mundial da Arquitectura.

Esta verdade axiomática tem tido no caso português algumas objecções, «com a reduzida participação dos arquitectos na transformação e conformação do espaço edificado no nosso país». Segundo o texto, a reduzida intervenção dos arquitectos tem raízes históricas ligadas ao atraso da sociedade portuguesa. «Durante muito tempo em número reduzido, concentrados nas grandes cidades e trabalhando apenas em obras

de excepção, os arquitectos só lentamente vêm conseguindo alargar o seu campo de intervenção».

No entanto, «este alargamento mostra-se claramente insuficiente face às instantes necessidades do país e tendo em conta o número de profissionais já disponíveis e a sua crescente distribuição pelo território».

A situação interna que, por imperativos legais ainda não revogados permite a outros, que não apenas os arquitectos, gisarem planos, traduz-se pelo empobrecimento e falta de qualidade do parque construído, associando arquitectura a projectos vultuosos, mesmo de luxo. Em

contrapartida, técnicos formados não encontram trabalho e, é a custo, que as autarquias começam agora a absorver uma pequena percentagem dos formados.

«Perante esta situação pode afirmar-se que a Arquitectura vive hoje uma crise de inserção na sociedade portuguesa», apesar da actividade «desempenhar um papel primordial como arte cívica e disciplina ordenadora do espaço edificado», sublinha o Manifesto. E, como faltam

habitações, escolas, hospitais, equipamentos de desporto, lazer, turismo, cultura, edifícios ligados à produ-

ção e serviços, acções integradas de requalificação urbana em vastas áreas das cidades e periferias, estratégias, regras e planos que assegurem uma correcta implantação destas acções, o trabalho não falta.

Mas, à «concorrência» nacional, no limiar da integração de Portugal na CEE, o mercado vai ser aberto aos profissionais estrangeiros e «o país corre o risco de ser invadido por uma produção alheia, ora portadora de modelos desenraizados, ora procurando interpretar uma arquitectura vernácula, através de formalismos grosseiros», alerta a Associação.

PRECISA-SE

Auxiliar de impressão, com experiência em rotativa.

Entrada imediata.

Resposta a este jornal ao n.º 2701

COOPERATIVAS DIA MUNDIAL DA COOPERAÇÃO/87

SÁBADO 4/JULHO

15.00 HORAS

HOTEL ROMA (SALA MILÃO) / LISBOA

DEBATE COM AS FORÇAS POLÍTICAS CONCORRENTES ÀS ELEIÇÕES

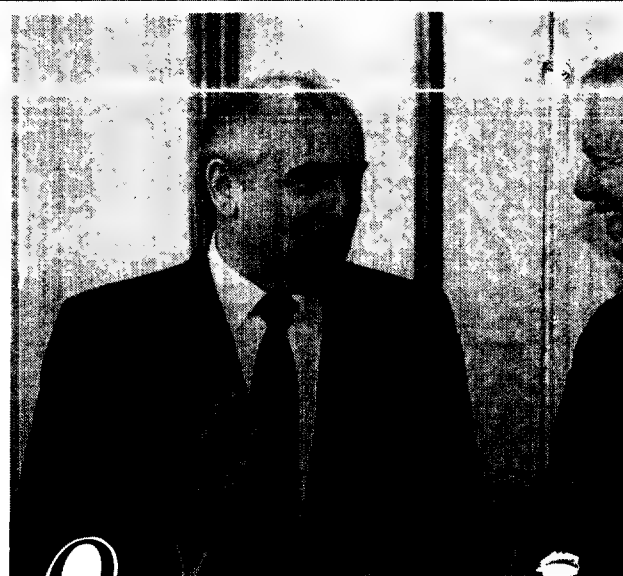
«RELAÇÕES ESTADO/COOPERATIVAS; PROPOSTAS DE POLÍTICAS PARA O SECTOR COOPERATIVO»

CP
CONFEDERAÇÃO
COOPERATIVA PORTUGUESA. CCRL



O jovem John Kevin Hill, de 11 anos de idade, posando junto do seu pequeno avião, a bordo do qual se tornou no mais novo piloto a voar através dos Estados Unidos.

Dois por cento de crianças em idade escolar apresentam desvios na coluna vertebral de tipo escoliótico e 70 por cento dos pais desconhecem este facto, revela um estudo divulgado em Madrid pelo jornal «El País». O relatório diz que a escoliose verificada tende a aumentar progressivamente pelo menos em 10 por cento das crianças. Os desvios da coluna surgem, na maioria das vezes, por volta dos 11 e 13 anos (escoliose ou cifosis) e existe um perigo potencial de agravamento até aos 16 ou 17 anos. As melhores idades para detectar e corrigir uma alteração são, por volta dos seis anos ou, posteriormente, entre os 11 e 13 anos. A detecção precoce revela-se como uma prática muito rentável dado o escasso custo económico, os benefícios que traz e o pouco tempo utilizado nas consultas de revisão.



O antigo Presidente dos EUA, Jimmy Carter, é recebido pelo líder soviético, Mikhail Gorbachev, durante a visita à capital da URSS. Embora o porta-voz de Carter se tenha informado sobre os assuntos tratados no encontro, a questão da questão do Médio Oriente foi largamente abordada.

Droga em cooperativas soviéticas

Mais de 1500 leiras com plantações de ópio e marijuana foram descobertas em cooperativas agrícolas e propriedades estatais na República soviética do Uzbequistão, na Ásia Central, informou um jornal local. A última edição do «Pravda Vostoka» afirma que a Polícia, numa série de «raids» nos primeiros 5 meses do ano, encontrou plantações de droga em 33 hectares e confiscou 700 quilos de droga a redes envolvidas no cultivo ilegal. As áreas com maiores plantações situam-se nas montanhas Babatag, onde 50 leiras (pequenos terrenos de cultivo) foram detectadas em apenas três dias, e nas montanhas Nuratin, onde foram encontradas 200. Numa quinta estatal das montanhas Nuratin, o director da exploração agrícola procurou justificar a plantação dizendo que os velhos usavam as drogas para combater a dor, diz o jornal. Uma comissão de inquérito foi constituída e o primeiro-ministro da República soviética do Uzbequistão, Gayrat Kadyrov, apelou aos seus membros para que combatam a produção ilegal de droga. O Uzbequistão tem sido objecto de severas críticas por parte da nova administração da URSS devido a casos de corrupção e muitos dos líderes daquela República foram saneados.

Brasil: situação normalizada

A normalidade voltou ontem ao Rio de Janeiro depois dos graves confrontos ocorridos na terça-feira entre a Polícia e manifestantes que protestavam contra o aumento dos preços dos transportes públicos.

Os contingentes militares destacados para controlar os motins retiraram-se durante a madrugada para os seus quartéis a pedido das autoridades do estado do Rio, que desejam evitar um recrudesimento da violência.

Os incidentes, que duraram quase dez horas, provocaram 40 feridos, 82 detenções e o incêndio de 60 autocarros.

O Governo decidiu, entretanto, anular o aumento de 49 por cento nas tarifas dos transportes públicos por forma a prevenir a eclosão de mais protestos.

Todos os transportes recomençoaram a funcionar esta manhã enquanto a Polícia libertava 60 pessoas. As restantes ficaram detidas sob a acusação de participarem na perturbação da ordem pública.

Em Brasília, os deputados à Assembleia Constituinte dividiram-se na análise da situação: uns culpam o Governo pela sua política económica, enquanto os mais moderados atribuem todas estas acções a um plano para desestabilizar o regime.

Papa canoniza dominicanos

O Papa João Paulo II vai distinguir o ardor missionário da Ordem dos Dominicanos com a canonização de mais de cem «mártires» da evangelização do Japão e do Vietname, anunciada na semana passada pela Santa Sé.

João Paulo II escolheu o «Dia Mundial das Missões», que a Igreja Católica comemorará a 18 de Outubro próximo, para a cerimónia solene de elevação aos altares dos 16 dominicanos «martirizados» no Japão, e que tinha beatificado durante uma visita a Manila em Fevereiro de 1981.

Entre os 16 dominicanos mortos no Japão durante as grandes perseguições contra a Igreja católica nos séculos XVII e XVIII, nove japoneses, quatro espanhóis, um italiano, um francês e um filipino, figura o primeiro santo desta última nacionalidade, Frei Lorenzo Ruiz, e as duas primeiras santas japonesas.

Os 117 mártires dominicanos do Vietname, que serão canonizados por João Paulo II em Junho de 1988 incluem 37 religiosos e 59 cristãos laicos vietnameitas, 11 espanhóis - seis bispos e cinco sacerdotes - e 10 franceses - dois bispos e oito sacerdotes.

Ataque contra embaixada dos Estados Unidos

WASHINGTON ACUSA O GOVERNO PANAMIANO DE "ENVOLVIMENTO INDESMENTÍVEL" NOS INCIDENTES

Os Estados Unidos acusaram hoje o Governo panamiano de «envolvimento indesmentível» em manifestações que culminaram com um ataque à embaixada norte-americana. Os protestos anti-americanos dos últimos dias contra sedes diplomáticas na Cidade do Panamá intensificaram-se na terça-feira, segundo informações policiais.

O Departamento de Estado norte-americano anunciou que, na sequência do incidente de ontem, encerrará a secção consular e a biblioteca dos EUA na Cidade do Panamá «até que o Governo panamiano ofereça protecção apropriada».

Cerca de 3.000 pessoas participaram nos protestos de terça-feira, lançando pedras e garrafas às janelas do edifício da embaixada, depois de no dia anterior o embaixador dos Estados Unidos na Cidade do Panamá, Arthur Davis, ter sido declarado «persona non

grata», devido ao que a assembleia legislativa panamiana considerou «intervenções contra o país».

A resolução da assembleia panamiana surgiu, por seu turno, em resposta a uma petição apresentada na sexta-feira no Senado norte-americano, apelando para o retorno da democracia no Panamá e para a demissão do chefe de Estado-Maior do Exército e dirigente do país, general Manuel António Noriega.

Os Estados Unidos acusam o general Noriega de estar envolvido em casos de corrupção, burla eleitoral e as-

sassinio político.

Os incidentes

Testemunhas oculares do ataque de terça-feira à sede diplomática norte-americana disseram que milhares de apoiantes governamentais, encabeçados pelo ministro do Interior, Rodolfo Chiari de Leon, e outros sete ministros, integraram a marcha de protesto.

Depois de os ministros e a maioria dos manifestantes terem dispersado, um grupo de cerca de 500 pessoas lançou pedras e garrafas com tinta

verm
baix
teste

Os
ram
-se p
tados
des, c
destr
serva

Os
xime
da se
vari
os ac
nife
«Ya
(Yan

EUA e URSS discutem em Londres sobre relações com África

O subsecretário de Estado para os Assuntos Africanos, Chester Crocker, e o vice-ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Anatoly Adamishin, reunem-se hoje na Embaixada dos Estados Unidos em Londres, para discutir a política africana dos respectivos países.

Este encontro, o segundo de uma série sobre assuntos regionais, organizado após a primeira entre os líderes soviético e norte-americano de 1985 em Genebra, abordará os problemas da África do Sul, Angola e outros países da Linha da Frente.

A visita de Crocker a Londres visa simplesmente a reu-

nião com Adamishin, e não se fará qualquer conferência de Imprensa ou comunicado, disse a embaixada dos Estados Unidos.

Moscovo está a procurar melhorar a sua posição no Zimbabwe, após ter apoiado Joshua Nkomo em vez de Robert Mugabe, durante a guerra da independência, negociando neste momento a entrega de 12 aviões «Mig-29», além de ter já oferecido o equivalente a cerca de 14 milhões de contos para o fundo dos Estados da Linha da Frente.

Por outro lado, a União Soviética não pretende reduzir o seu apoio a Angola.

Por sua vez, os Estados Unidos continuam a auxiliar a Unita e querem ligar a independência da Namíbia à retirada das tropas cubanas de Angola.

Segundo fontes diplomáticas londrinas, a reunião de hoje constitui uma tentativa de coordenação da respectiva política para a África Austral.

Os assuntos em agenda, acrescentaram, devem ser o auxílio e apoio aos países da Linha da Frente, evitara que a violência alastre na África do Sul e, para tal, tentar conter as actividades dos guerrilheiros do Congresso Nacional Africano (ANC).

Itália

DC em dificuldade para formar Go

O líder do Partido Democrata Cristiano de Mita, reconheceu a existência de um novo Governo, que é o de mais uma legislatura.

Os dirigentes da DC e do Partido Socialista consideraram o novo Governo ainda é uma possibilidade.

O encontro entre Mita e o antigo socialista, Bettino Craxi, conduziu os dois principais protagonistas da «Agora vamos colocar as nossas mãos a falar», disse Mita ao entrar.

Contudo, e na véspera da primeira reunião da comissão de 14 e líderes não parecem próximos de alcançar a formação do novo executivo.

Tal acordo é imprescindível para a governamental que exclua o poder do PCI, o segundo maior partido italiano há 40 anos.

Oliver North promete dizer a verdade sobre o Irangate

O ex-adjunto da Casa Branca tenente-coronel Oliver North compareceu quarta-feira perante os investigadores do Congresso e afirmou tencionar contar «a verdade», terminando sete meses de silêncio relativamente ao caso «Irangate».

Envergando o seu uniforme da Marinha, com seis filas de condecorações, North sorria quando entrou na sala do Congresso onde será questionado, em privado, pelos membros da Câmara dos Representantes e advogados do Senado.

Ao ser interrogado por um jornalista sobre o que tencionava dizer aos seus interlocutores do Congresso, North respondeu: «A verdade», desejando «um bom dia» aos homens da Informação.

A seguir, o ex-assessor da Casa Branca para a segurança nacional, despedido em consequência do escândalo «Irangate», sentou-se entre o conselheiro-chefe da comissão de investigação do Senado, Arthur Liman, e John Nields, o principal advogado da Comissão da Câmara dos Representantes.

EUA aceitam revelação islâmica

Adoptando um tom conciliatório para com o Irão, um alto diplomata norte-americano disse quarta-feira que os Estados Uni-

dos aceitam a revolução islâmica do «ayatollah Khomeini».

O vice-secretário norte-americano de Estado, Richard Murphy, disse que, em troca, o seu país pede que o Irão reconheça o direito dos Estados Unidos de defender os seus interesses na região do golfo.

Murphy fez estas declarações durante uma conferência de Imprensa transmitida em directo pela televisão.

O vice-secretário de Estado respondia a perguntas de jornalistas de quatro países do golfo, e os seus comentários vieram na sequência da declaração do presidente Reagan de que os Estados Unidos tencionam colocar sob a sua bandeira 11 petroleiros do Kuwait e fornecer-lhes a protecção da Marinha norte-americana, contra possíveis ataques iranianos.

Guerra das Estrelas

Numa outra intervenção televisiva os sete candidatos à nomeação pelo Partido Democrático às eleições presidenciais norte-americanas atacaram quarta-

feira o sistema antimisséis vulgarmente conhecido por «guerra das estrelas», no mais importante debate de campanha na corrida à nomeação partidária de 1988.

A sua oposição unânime indicou que a implantação do sistema de defesa designado oficialmente por Iniciativa de Defesa Estratégica (IDE) poderá não se concretizar caso o Partido Republicano de Ronald Reagan não ganhe as eleições de 1988 para a Casa Branca.

O reverendo Jesse Jackson, o único candidato negro a concorrer e o melhor colocado dentro do Partido Democrático, conforme indicam as sondagens, declarou a inviabilidade de se canalizarem três biliões de dólares para o IDE.

O ex-governador do Arizona, Bruce Babbitt, referiu que o sistema era «apenas gasolina na corrida aos armamentos».

Participaram ainda no debate o senador Joseph Biden, de Delaware, o governador Michael Dukakis, do Massachusetts, o representante Richard Gephardt, do Missouri, o senador Paul Simon, do Illinois, e o senador Albert Gore, do Tennessee.

Atacaram ainda a política externa de Reagan na América Latina, designadamente a ajuda que a Casa Branca concedeu aos rebeldes «contras» que combatem o governo da Nicarágua.

China relança campanha sobre reformas políticas

A Imprensa chinesa dedica largas manchetes a um discurso que o líder Deng Xiaoping proferiu há sete anos, anunciando reformas políticas destinadas a promover a democracia e a descentralização.

O discurso de 1980 foi agora reeditado a propósito do 66º aniversário da fundação do PC chinês.

Um editorial no jornal oficial «Remnin Ribao» («Diário do Povo»), descreveu-o como o «documento director da reforma estrutural da política» a ser implantada durante o congresso do partido, no próximo Outono.

O editorial afirmava que as reformas incluem uma separação entre as funções partidárias e governamentais, garantem maior autonomia aos corpos governativos regionais, incrementam a democracia e melhoram o sistema legal.

O discurso de Deng sucedeu-se a meses de incerteza quanto à forma que tomariam as re-

formas políticas, há muito esperadas.

Deng e o secretário-geral do Partido Comunista, Hu Yaobang, tinham anunciado no Verão de 1986 que importantes reformas estavam previstas para o Outono deste ano, desenhando debates calorosos nos círculos intelectuais e as manifestações estudantis exigindo maior abertura e verificadas nos finais de 1986.

O «Diário do Povo» defendeu que as reformas no sistema de liderança são necessárias para acelerar o desenvolvimento e evitar a reinstauração de condições existentes na Revolução Cultural, observada entre 1966-76, durante a qual milhares de pessoas foram perseguidas.

Deng já pôs em prática várias reformas, designadamente o restabelecimento dos corpos administrativos e a substituição de funcionários idosos por jovens tecnocratas.

No julgamento de Barbie

Defesa recorda crimes cometidos pela França na Argélia

Jacques Vergés, principal advogado do ex-chefe da Gestapo em Lyon, Klaus Barbie, acusou ontem a França de discriminação racial por acusar o réu de crimes contra a humanidade e ignorar a morte de milhares de argelinos por tropas francesas.

«Será que os crimes contra a humanidade só merecem esse nome quando são cometidos contra europeus?», interrogou o controverso Jacques Vergés, um advogado especialista em tornar o acusado em acusador.

Vergés continuou a argumentar que os crimes cometidos por Barbie enquanto esteve à frente da Gestapo em Lyon, de 1942 a 1944, não diferem dos que foram cometidos pela França durante o conflito colonial que a opôs à Argélia.

O advogado lembrou ainda o levantamento contra o regime colonial francês ocorrido na cidade argelina de Setif em 1945 e salientou que cerca de 15 mil argelinos, incluindo mulheres e crianças, foram abatidos durante a rebelião em que morreram apenas 104 europeus.

O «carniceiro de Lyon» tem ainda dois outros advogados, que assistem em Vergés, um congolês e um argelino. Este, Nabil Buaita, causou ontem um incidente com os advogados de acusação, obrigando o presidente do Tribunal a interromper a sessão, ao aludir ao que designou por «verdugos de Israel» em relação ao povo palestino.

Barbie, que se tem recusado a comparecer em Tribunal, deverá fazê-lo na próxima sexta-feira, dia em que é ditada a sentença.

24 HORAS

Chile: jornalista condenado

O director da revista da oposição chilena «Analisis», o jornalista Juan Pablo Cardenas, foi quarta-feira notificado pelos Tribunais de que deverá cumprir uma pena de detenção nocturna de 541 dias. A sentença não pode ter recurso, já que foi pronunciada pelo Supremo Tribunal, na sequência de um processo lançado pelo Governo, que acusou Cardenas de «injuriar e ofender» o chefe de Estado chileno, general Augusto Pinochet, nos editoriais que publicava semanalmente na revista.

Cubanos descontentes com guerra

Os militares cubanos, sobretudo os de alta patente, estão de tal forma desiludidos com a guerra em Angola, que já lhe chamam o «Vietname cubano», segundo o general dissidente Rafael Del Pino, que recentemente fugiu para os EUA. Del Pino, que, com a mulher e os seus dois filhos chegou aos Estados Unidos há dois meses, fugindo de Havana numa avioneta «Cessna», declarou, numa entrevista emitida pela Rádio Marti, que o exército cubano esta convencido que a «guerra está perdida».

Nigéria: eleições em 1992

O Conselho Militar nigeriano, no poder, vai devolver o poder aos civis, em eleições a realizar em 1992, anunciou o presidente Ibrahim Babangida. Numa mensagem pela radiotelevisão, Babangida revelou um programa de cinco anos de transição política, culminando na entrega do poder aos civis em 1992. O programa, que arranca em finais deste ano, terá o seu início com a realização de eleições locais não partidárias e será constantemente supervisionado pelos militares, acrescentou o presidente.

Irão convida Waldheim

O ministro iraniano dos Negócios Estrangeiros, Ali Akbar Velayati, entregou ao presidente austríaco, Kurt Waldheim, um convite do seu governo para visitar oficialmente o Irão. Em conferência de Imprensa realizada ontem, em Viena, onde se encontra em visita oficial, Velayati defendeu o presidente austríaco das acusações sobre a alegada participação em crimes de guerra nazis. «As críticas estrangeiras ao presidente da Áustria — disse — são uma ofensa para com a nação austríaca que elegeu livremente Waldheim».



CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO

SERVIÇOS TÉCNICOS

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA «OBRAS DE ÁGUA EM DIVERSAS URBANIZAÇÕES (PINHAL DA AROEIRA — 1.ª FASE)»

Faz-se público que se encontra aberto concurso público para arrematação da empreitada acima referida, sendo de trinta dias o prazo para apresentação das propostas, o qual será contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no Diário da República.

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 10 horas do primeiro dia útil que se seguir ao prazo de trinta dias fixado neste anúncio, na sala de reuniões dos Serviços Municipalizados de Almada.

O respectivo caderno de encargos encontra-se patente ao público na Secretaria dos Serviços Técnicos dos Serviços Municipalizados de Almada.

A base de licitação é de 6 931 306\$00.

O depósito provisório, que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência ou nas suas respectivas filiais, é de 173 300\$00, e o definitivo de 5% sobre o valor da adjudicação.

Os concorrentes deverão ser titulares do alvará de empreiteiros de Obras Públicas da V categoria, 3.ª subcategoria e da classe correspondente ao valor da proposta apresentada.

Almada, 2 de Junho de 1987

O Presidente do Conselho de Administração
António da Encarnação Medeiros

Idades do Governo

ata Cristão Italiano (DC), Ci-
stência de dificuldades na
rno, quando se aguarda o inf-

Partido Socialista (PSI) encon-
ez desde as eleições de Junho,
eram que a formação de um
possibilidade distante.

o antigo Primeiro-Ministro
nduziu a uma paz frágil entre
istas da política italiana.

nossas pistolas na mesa e co-
o entrar para a reunião.

primeira sessão do novo Par-
de 14 e 15 de Junho, os dois
os de alcançar um acordo para

vel para formar uma coligação
o poderoso Partido Comunista
partido italiano, na oposição há

"Tesouro Familiar/87" lançado hoje

O «Tesouro Familiar-87», um instrumento financeiro criado por decreto-lei há cerca de um mês, é a partir de hoje colocado à disposição do público.

O «Tesouro Familiar-87» é um empréstimo interno com características semelhantes aos FIPS e aos «Bilhetes do Tesouro», distinguindo-se deles por ter um prazo de duração mais curto — cinco anos — e por ser um instrumento não titulado.

O empréstimo, até ao montante de 100 milhões de contos, é representado por obrigações com um valor nominal de 10 mil escudos cada, sendo a sua colocação e posterior movimentação feitas de forma escritural, entre contas-títulos, abertas nas instituições de crédito.

A taxa de juro do «Tesouro Familiar-87» é de 14,25 por cento, indexada à taxa de referência para obrigações, fixada pelo Banco de Portugal, mas subindo em cada semestre um quarto de ponto até ao máximo de 1,75 por cento.

Os juros são pagos semestralmente aos dias 15 de Janeiro e 15 de Julho e estão isentos de impostos.

Indústria consumiu menos electricidade

O consumo de energia eléctrica pela indústria portuguesa atingiu em Março deste ano 1682 gigawatts/hora, menos 0,9 por cento que em igual período de 1986, revelam dados estatísticos divulgados hoje pelo Departamento Central de Planeamento.

O boletim sobre «informação económica» daquele departamento informa ainda que, em Fevereiro último, o consumo de energia, referido à produção, foi de 1750 gigawatts/hora, correspondendo a mais 3,8 por cento relativamente ao mesmo período de 1986.

Nesse ano, o consumo de energia eléctrica pela indústria portuguesa ascendeu a 20.573 gigawatts, contra 19.680 gigawatts no ano anterior.

Quanto ao consumo de fuel, com a exclusão da EDP, em Março deste ano o seu montante elevou-se a 120 000 metros cúbicos, inferior em 7 por cento face a idêntico período de 1986, enquanto em Fevereiro, o seu consumo rondou os 119 000 metros cúbicos, tendo relativamente ao mesmo mês de 1986 registado igual variação percentual.

No ano passado, o consumo de fuel, com a exclusão da EDP, totalizou 1,4 milhões de metros cúbicos, enquanto no ano anterior foi de 1,7 milhões de metros cúbicos.

O boletim do Departamento Central de Planeamento indica que no mês de Março a indústria portuguesa consumiu 190 000 metros cúbicos de gasóleo, mais 16,6 por cento que no mesmo período de 1986.

Só no primeiro semestre deste ano

BOLSAS DE VALORES DE LISBOA E PORTO MOVIMENTAM 88 MILHÕES DE CONTOS

As Bolsas de Valores de Lisboa e Porto movimentaram, no primeiro semestre deste ano, mais de 24,9 milhões de títulos, o correspondente a um valor superior a 88 milhões de contos transaccionados nos mercados oficiais e não oficiais.

Comparativamente ao período homólogo do ano passado, o movimento de títulos nas duas bolsas de valores rondou os 13,1 milhões num valor de aproximadamente 19 milhões de contos, tendo-se registado assim, entre os dois períodos, um acréscimo no movimento e nos montantes transaccionados, respectivamente, de 91 e 463 por cento.

No mercado de títulos da capital, esta tendência foi mais nítida, correspondendo a um crescimento de cerca de 11 milhões de títulos para 16,5 milhões com um acréscimo de valor movimentado de 38,3 milhões de contos, relativo a 16,2 milhões de contos em 1986 e 54,5 milhões de contos em 1987.

Na Bolsa de Valores do Porto, os 8,9 milhões de títulos que se transaccionaram renderam cerca de 34 milhões de contos, acompanhando a tendência alista já mencionada e visível comparativamente aos valores registados no primeiro semes-

tre de 1986, quando 1,8 milhões de títulos totalizaram cerca de 2,9 milhões de contos.

Na Bolsa de Valores de Lisboa, e particularmente no mercado oficial — referente ao mercado de obrigações, acções e títulos de participação — mudaram de mãos cerca de 13,4 milhões de títulos, movimento que o mercado não oficial — relativo a transacções de cautelas de obrigações, acções, cautelas de acções e de títulos de participação — não acompanhou, totalizando cerca de três milhões de «papéis», num valor de aproximadamente 14 milhões de contos.

O mercado obrigacionista movimentou um número superior de títulos ao do mercado de acções — 7 021 775 títulos contra 5 849 397 — o que parece ter se ficado a dever à apetência dos fundos de investimento por aquele tipo de «papéis», justificado pela sua segurança apesar de auferir um rendimento menor comparativamente às acções.

Na Bolsa do Porto, o mercado oficial foi o responsável pelo maior número de operações, cerca de metade das verificadas no período em análise, envolvendo um total de 9,6 milhões de contos. A impulsão destes valores esteve o mercado de acções que registou um volume cerca de 200 vezes superior ao primeiro semestre do ano passado.

Nesta praça, o valor transaccionado no mercado não oficial de acções cresceu cerca de oito vezes, enquanto que o volume de operações tenha sido inferior.

Evolução no semestre

O primeiro semestre deste ano não teve uma evolução contínua, como assinala o indicador BPA/Lusa a partir de agora utilizado pela agência. Com efeito, este indicador — recém utilizado para os movimentos de Lisboa e com base numa amostra de 7 empresas, representando um quarto das empresas admitidas até fins de 1986 — registou em Janeiro, relativamente à oferta de títulos verificada em Dezembro do ano passado, uma alta que já vinha se manifestando nos últimos dias de 1986.

Na base dessa tendência al-

tista pode se encontrar a abundante liquidez existente no mercado e que nos primeiros meses do ano foi acrescida pela libertação de fundos provenientes de juros e amortizações de obrigações.

Nos primeiros dias de Fevereiro, manteve-se a alta das cotações, ocorrendo nos dias 12 e 13 uma baixa técnica, seguida de posterior esyabilização até ao fim do mês. Em Março, possivelmente reagindo ao anúncio de excedentes de grande número de empresas, as cotações sofrem novo impulso, quebrado em finais desse mês e princípio de Abril com a aprovação da moção de censura ao Governo.

Porém, a quebra não se prolongou por muito tempo e no dia 4 de Abril retoma o sentido ascendente, apenas interrompido por um período de quinze dias no mês de Maio.

A realização em Junho de diversas Ofertas Públicas de Venda — que totalizaram 14 milhões de contos — e o impacto que provocou no mercado secundário de acções veio a reflectir-se nos indicadores de cotação que registaram uma baixa com ligeiras oscilações pontuais.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44\$50	50\$50
ALEMANHA FED. (marco)	77\$40	78\$60
ÁUSTRIA (xelim)	10\$95	11\$95
BÉLGICA (franco)	35\$30	35\$70
BRASIL (cruzado)	2\$100	3\$600
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106\$30	108\$80
(notas de 5 a 1000)	106\$80	109\$30
DINAMARCA (coroa)	20\$45	20\$85
ESPAÑA (peseta)	1\$088	1\$208
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	141\$55	145\$05
(notas de 5 a 1000)	142\$05	145\$55
FINLÂNDIA (marka)	31\$80	32\$40
FRANÇA (franco)	23\$20	23\$90
HOLANDA (florim)	68\$75	69\$85
IRLANDA (libra)	208\$50	212\$50
ITÁLIA (lira)	\$097	\$112
JAPÃO (iene)	\$921	\$976
NORUEGA (coroa)	21\$10	21\$60
REINO UNIDO (libra)	229\$60	234\$10
SUÉCIA (coroa)	22\$15	22\$65
SUIÇA (franco)	93\$35	94\$85
VENEZUELA (bolívar)	4\$20	5\$20

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

AMSTRAD PC 1512

AGORA COM TRATAMENTO DE TEXTO EM PORTUGUÊS, MANUAL, TECLADO E VASTA GAMA DE SOFTWARE



10 x \$00

Agentes oficiais:

CASA VIOLA

LISBOA — R. da Assunção, 67 — Telef. 32 46 47 • BRAGA — Av. Central, 87 — Telef. 72 798
• SÃO JOÃO DO ESTORIL — Av. Florinda Leal, Lt. 1-A — Telef. 267 07 33 • VISEU — R. Direita, 77 — Telef. 276 64 PORTIMÃO — R. D. Carlos I — Telef. 8 36 53



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA Direcção-Geral de Energia ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 28 862, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal dos Concelhos de Montijo, Alcochete e Palmela em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal-EP, Direcção Operacional de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/1107, arquivo 7124, para o estabelecimento na freguesia do Montijo, concelho do Montijo, freguesia de Alto Estanqueiro, concelho do Montijo, freguesia de Alcochete, concelho de Alcochete, freguesia de Pinhal Novo, concelho de Palmela, de uma linha aérea e subterrânea n.º ST 15-28 S. Francisco — Rio Frio a 15 KV, com 13 583 metros, (parte aérea com 13 483 e parte subterrânea com 110 metros) entre a subestação SE 60-306 S. Francisco e o PTC 1 n.º PLM 49 Rio Frio da Sociedade Agrícola de Rio Frio.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 23 de Junho de 1987

PAPO ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS
Carlos Sousa Santos

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ANÚNCIO

1.º JUÍZO

1.ª Secção

No dia 9 de Julho de 1987, pelas 10.30 horas, neste Tribunal, na Execução por Custas que o Ministério Público move contra Eduardo Manuel Aguiar dos Santos e mulher Maria Margarida de Lobato Taveira Pinto dos Santos Paiva, ambos residentes na Rua António Saldanha, n.º 44, ao Restelo, em Lisboa — processo 323/B — há-de ser posto em praça, para se arrematarem pelo maior lance oferecido, duas quotas que os executados têm na firma SIDOMUS — Sociedade de Gestão de Imóveis, Lda, com sede na Rua António Saldanha, n.º 44, em Lisboa, que vão à primeira praça pelo valor de esc. 1 600 000\$00.

Lisboa, 12 de Junho de 1987

O JUIZ DE DIREITO,
(Assinatura ilegível)
O ESCRIVÃO ADJUNTO,
(Assinatura ilegível)

«DL» 2/7/87 — 2.ª Pub.

Empréstimo de 68,6 milhões de contos para a EDP

A EDP foi autorizada pelo Governo a contrair empréstimos à banca estrangeira, no total de 68,6 milhões de contos, dos quais 50 milhões referem-se a renegociações dos montantes em dívida e os restantes 18 milhões de contos a novas operações de crédito a conceder, em 1987, a esta empresa pública.

Fonte da administração afirmou que a renegociação dos empréstimos anteriores vai permitir à EDP o seu pagamento em condições mais favoráveis, representando «um embaraçamento de custos em meio milhão de contos».

Os empréstimos, em moeda estrangeira, destinam-se à cobertura financeira de parte do plano de investimentos da empresa para este ano e ao financiamento de equipamento para a central termoelectrica de Sines, segundo os termos dos contratos publicados no «Diário da República».

O prazo do empréstimo é de oito anos, com quatro anos e meio de carência, enquanto o reembolso será efectuado em sete semestralidades.

Troféu "Joaquim Agostinho"

CUNHA GANHA PRÓLOGO E LOGO DESISTE: CORRIDA NA ESTRADA SEM "AMARELA!"

Fernando José Fernandes
Especial para o «DL»

O insólito está sempre espreitando qualquer prova de ciclismo. Ora veja-se o que aconteceu, ontem, ao primeiro «leader» do «Troféu Joaquim Agostinho»: Manuel Cunha (Sicasal/Torreense), que, no prólogo matinal, conquistara o direito a sair para a estrada com a camisola amarela de guia da classificação, escorregou quando se dirigia para o duche, torceu um pé e foi obrigado a desistir, sendo obrigado a guardar repouso durante uma semana. À tarde já não alinhava.

O prólogo (contra-relógio individual de 2,3 quilómetros na Lourinhã) foi corrido a alta velocidade, com Manuel Cunha a fazer 55,200 km/h, e o último, 45,495 km/h, mesmo com uma avaria de perneiro.

O 3.º «Troféu Joaquim Agostinho» iniciou-se com 74 ciclistas, não chegando a comparecer a selecção da Argélia (como estava previsto) e alguns credenciados portugueses casos de Eduardo Correia (Sangalhos/Recer), José Xavier e Jacinto Paulinho (Sporting/Vitalis), Manuel Neves e Rui Sevilha (Boavista).

Após a etapa da Lourinhã (e antes de almoço) a notícia inesperada: Manuel Cunha escorregou ao entrar para o duche e torceu um pé, não continuando em prova.

À tarde, na etapa entre Torres Vedras e Mafra (106 km) o pelotão esteve sempre muito activo, com sucessivas tentativas de fuga, acabando por vingar a última, com cinco ciclistas a conseguirem escapar-se aos 58 quilómetros e a chegarem à meta com mais de quatro minutos de vantagem.

Recordemos, entretanto, como se concluiu o prólogo: 1.º, Manuel Cunha (Torreense / Sicasal), 2m 30s; 2.º, Jorge Silva (Torreense / Sicasal), 2.30; 3.º, Pedro Silva (Sangalhos / Recer), 2.31; 4.º, Américo Silva (Sporting / Vitalis), 2.31; 5.º, Evgeny Antonovich (Seleção URSS), 2.31; 6.º, António Pinto (Torreense / Sicasal), 2.31; 7.º, Carlos Santos (Torreense / Sicasal), 2.31; 8.º, Fernando Carvalho (Louletano / V. Lobo), 2.31; 9.º, Ivan Mashnin (Seleção URSS), 2.32; 10.º, Marco Chagas (Sporting / Vitalis), 2.32.

Com se nota, pequenas diferenças entre os melhores cotados. Mas à tarde tocou a cor-

rer-se para melhor escalação de valores. O primeiro a tentar escapar-se, logo à saída de Torres Vedras foi José Fernandes (Ajactio), apanhado poucos quilómetros depois, seguindo-se-lhe outros ciclistas, incluindo o sportinguista Paulo Ferreira, que reapareceu em provas por etapas após longa ausência devido a lesão.

A fuga principal ocorreu após a passagem por Casalinhos de Alfaiate (terra natal do saudoso Joaquim Agostinho) com três portugueses (um de cada equipa) e dois espanhóis da «Teka» mais distanciados. A destacar (nesta fuga) o esforço desenvolvido pelo inglês Cayn Theakston (do

Louletano/Vale do Lobo). Theakston, que na «Volta a Portugal» de 1986 esteve em evidência, tivera um grave esquecimento na etapa da manhã, ao chegar 21 segundos atrasado à partida para o seu contra-relógio, em que terminou com o antepenúltimo tempo. À tarde, o inglês foi o «motor» principal na fuga, embora Américo Silva fosse o principal beneficiado, ao envergá-la a camisola amarela à chegada a Mafra, por força dos 10 segundos de bonificação que recebera. O pelotão chegou 4,19 minutos depois dos cinco fugitivos. Além de Manuel Cunha, desistiu também João Paulo (Sangalhos/Recer), vítima de queda, tendo sido transportado para o hospital.

Os primeiros na 2.ª tirada: 1.º, Angel Ferrapio (Teka), 2h 36m 7s; 2.º, Américo Silva (Sporting / Vitalis), 2.36.7; 3.º, João Santos (Torreense / Sicasal), 2.36.7; 4.º, Angel Camarillo (Teka), 2.36.7; 5.º, Cayn Theakston (Louletano / V. Lobo), mt; 6.º, Luís Cruz (Sangalhos / Recer), 2.40.26; 7.º, Noel Tejoncheere (Teka), 2.40.26; 8.º, Modesto Urrutibeazco (Teka), 2.40.26; 9.º, Paulo Pinto (Ajactio / M. Richards), 2.40.26; 10.º, Jan Sqowromek (Seleção Polónia), 2.40.26.

Por equipas: 1.º, Teka, 7h.52m.29s; 2.º, Sporting / Vitalis, 7.56.49; 3.º, Torreense / Sicasal, 7.56.55; 4.º, Louletano / Vale do Lobo, 7.56.56; 5.º, Seleção da URSS, 8.01.18.

Geral individual: 1.º, Américo Silva (Sporting / Vitalis), 2h 38m 29s; 2.º, Angel Ferrapio (Teka), 2.38.32; 3.º, João Santos (Torreense / Sicasal),

2.38.42; 4.º, Angel Camarillo (Teka), 2.38.44; 5.º, Cayn Theakston (Louletano / V. Lobo), 2.38.54; 6.º, Jorge Silva (Torreense / Sicasal), 2.42.57; 7.º, Carlos Santos (Torreense / Sicasal), 2.42.57; 8.º, Evgeny Antonovich (URSS), 2.42.58; 9.º, António Pinto (Torreense / Sicasal), 2.42.58; 10.º, Fernando Carvalho (Torreense / Sicasal), 2.42.58.

Geral por equipas: 1.º, Teka, 8h 00m 17s; 2.º, Sporting, 8.04.28; 3.º, Sicasal, 8.04.29; 4.º, Louletano, 8.04.42; e 5.º, Seleção da URSS, 8.08.52.

A 3.ª etapa, entre Peniche e Vila Franca de Xira (136 quilómetros) disputa-se hoje, estando a decorrer à hora em que encerramos esta edição do «DL».

As primeiras notas que ressaltam ao repórter vêm da impossibilidade (ontem registada) dos rádios montados nos carros da Comunicação Social poderem captar as indicações do director da corrida, o que os tornou completamente inoperantes. Depois (e para além das ausências já referidas) a corrida perdeu bastante interesse com o estranho acidente de um dos principais favoritos (Manuel Cunha) e também com a inexplicada ausência de António Fernandes (irmão de «Lau») e de Fernando Fernandes, que não surgiram a defender as cores do Sicasal / Torreense.

Depois, aconteceu aquela estranha rábula de se abalar para a etapa em estrada sem que qualquer ciclista envergasse a camisola amarela: Manuel Cunha, a coxear, foi ao pódio vesti-la, logo a despiu, foi para casa. Logicamente que o símbolo de «leader» teria de passar para o

companheiro Jorge Silva: perante a estranha passividade do director da corrida (Alves Barbosa) o pelotão zarpou sem comandante definido!

Enfim: não começou bem esta prova que é fruto do alto esforço da Câmara Municipal de Torres Vedras, de um grupo de entusiastas pelo ciclismo e, também, de muitos antigos admiradores do saudoso Joaquim agostinho. Resta dizer que, na 1.ª contagem de montanha (3.ª categoria), a ordem de passagem foi a seguinte: João Santos, Angel Serrapio, Américo Silva, Angel Camarillo e Cayn Theakston. Confia-se que, a partir de hoje, o panorama da corrida seja mais agradável: os organizadores bem o merecem.

Acácio no «Tour»

Acácio da Silva classificou-se em 27.º lugar no prólogo da Volta à França, um contra-relógio individual de 6,1km, realizado em Berlim Oeste. O vencedor foi o holandês Jelle Nijdam, que fez o tempo de 7 minutos e 6,7

segundos, Acácio da Silva somou mais 20 segundos do que o triunfador.



Acácio

Outros ciclistas de renome, como do francês Laurent Fignon e do irlandês Sean Kelly, preferiram poupar-se para as restantes etapas, com nenhum deles a figurar entre os 15 primeiros.

Os 207 ciclistas disputam hoje uma etapa de 105 quilómetros e, ao fim da tarde, um contra-relógio por equipas, na distância de 40 quilómetros.

RESTAURANTE



COZINHA REGIONAL

COZIDO A PORTUGUESA (aos Sábados)
CABRITO ASSADO NO FORNO
BACALHAU NO FORNO (à 5.ª-Feira)

Encerrado à Terça-Feira
TURCIFAL — Telef. 95 142 — 2560 Torres Vedras



Telefones: 25171/2/3/4 - 25646 - 24288
Estrada Nacional N.º 8, Km 43,9
EDIFÍCIO TOITORRES
Apartado 64
2561 TORRES VEDRAS Codex

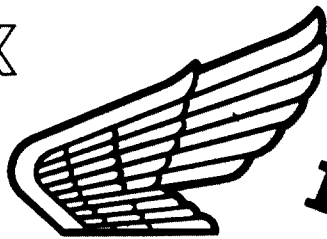
TOITORRES

TOYOTA
uma FORÇA para o FUTURO

TOITORRES novas instalações novos espaços novos serviços

TOITORRES um projecto para a EUROPA

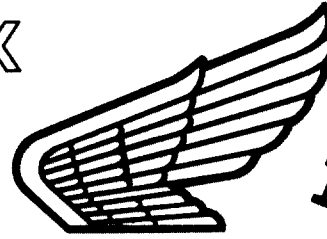
Banix



HONDA
HONDA
HONDA
HONDA
HONDA
HONDA
HONDA
HONDA
HONDA
HONDA

pelo prazer de conduzir
MOTOCICLOS

Banix



HONDA
HONDA
HONDA
HONDA
HONDA
HONDA
HONDA
HONDA
HONDA
HONDA

pelo prazer de conduzir
MOTOCICLOS

A fabulosa viagem do Benfica ao Canadá, Estados Unidos e Bermudas (3)

TORONTO: ONDE O 'LOTTO' É PAGO EM PRESTAÇÕES

Neves de Sousa

nosso enviado especial

Duas semanas de permanência conjunta dão para muita conversa, especialmente «off-record», mas nem sempre em tom particular: e ficámos a saber dos magníficos projectos benfiquistas para os tempos mais próximos, sempre centrados na valorização do seu património, «na retirada das taças de caixas onde moram empilhadas» e, muito especialmente, na renovação do «plantel» de futebolistas, com «um técnico ambicioso e disciplinador que queira comandar uma grande equipa europeia».

O Benfica vai ter nova roupagem. «Até aqui, cada secção fazia como lhe apetecia: comprava os artigos de que necessitava na loja de um qualquer amigo e apresentava a conta na tesouraria, sem se ter procedido ao mais pequeno concurso de propostas. Ora, isso está já a ser eito em termos de 'publicidade exterior' (sete propostas entradas até ao momento, desde a livenessports à Publirama) e 'publicidade nos equipamentos desportivos', com a Esso e a FNAC concorrendo fortemente com a Shell, actual concessionária. As adjudicações terão lugar a 10 de Julho, celebrando-se contratos que visem autêntica melhoria de proventos financeiros para o clube» — reafirma-nos Mário de Oliveira, o oficial da TAP que está directamente no topo da Divisão de Relações Públicas e Publicidade do emblema de Marcel de Almeida e José Gomes Machado.

Por seu lado, Gaspar Ramos acentua a esperança que o seu clube deposita nos novos futebolistas contratados em divisões inferiores: Vítor Pereira (Famalicão), Eurico (Desportivo de Bragança), Dias Garcia e Triano (Gil Vicente), Tó e Fonseca (Tirsense). Já então era voz corrente na caravana que o marroquino Hjari Raduma, médio atacante do Casablanca que muito favoravelmente tinha impressionado o «olhadeiro» Peres Bandeira, no Torneio de Toulon (onde a Imprensa o distinguira como «o melhor jogador») estava a um passo de se mudar para a Luz, contrato por três anos. Isso acabaria por ficar certinho, como os últimos dias revelaram. Quanto a Polzec, o austríaco fazedor de golos que os italianos do Ascoli desejam por qualquer preço, «a coisa está um bocadinho mais complicada: ele quer dinheiro às pazadas e o Benfica não pode envolver-se em loucuras. Por isso (diz Gaspar Ramos) tem de ser muito ponderado o próprio contrato com o novo técnico: e Carlos Alberto Parreira, a rescindir compromisso com os árabes, teria de abrir mão de uma fortuna a título de indemnização. Por isso talvez seja uma hipótese a que teremos de renunciar».

Gaspar Ramos foi ao Brasil. Que é perto da Argentina. Telé Santana e César Menotti moram por aquelas bandas. O primeiro não chegou a ser convidado. O argentino linha já na chefia de Futre. Quem avança na fila?

Um preço para a saudade

Mas, voltemos novamente ao Canadá, a Toronto. Alexandre Franco, correspondente de «O Jogo» naquele país, relator radiofónico credenciado, conta-me:

— Aqui, para enchermos um estádio com uma equipa portuguesa, é preciso que seja o Benfica ou o Porto: neste momento, os demais clubes não entusiasmanos minimamente a colónia. As despesas são enormes: o mínimo de 26 passagens aéreas, outras tantas diárias em hotéis de primeira classe, 78 refeições por dia, um autocarro à plena disposição da equipa, um carro para o chefe da delegação, um ou outro passeio turístico e, também, o «cachet» que, no caso do Benfica em Toronto, foi de cerca de sete mil e 500 contos. Há também que pagar o aluguer do estádio, o «cachet» da outra equipa e toda a publicidade, para além dos troféus e da limpeza do campo de jogo. Um dinheirinho!

Alexandre Franco relembra fracassos não muito distantes e diz que foram esses prejuízos que fizeram desanimar Frank Alvarez e fazer surgir a dupla Milton Palma - Manuel Calhau, que e estreou (com o pé direito) nesta contratação do Benfica, pois

(segundo cálculos de quem estava por dentro da matéria) acabaram por ganhar coisa como dois mil contos, já aortecidos os 600 contos que despenderam na mudança de hotel desejada pelos jogadores quando não gostaram de ficar perto do aeroporto e izeram valer o desejo (bem expresso no contrato firmado pela entidade patronal com os organizadores do encontro com o Toronto Blizzard) de irem para uma unidade hoteleira próxima do estádio e bem dentro da cidade de Toronto. Como aconteceu: e o Varsity viu (finalmente) o Benfica, alegre e feliz como um passarinho, derrotar o Blizzard, que sempre tinha colocado um barreira perante as turmas portuguesas.

De impermeável azul até aos pés umas dezenas de curiosos aventureiros arriscam a vida em cada hora, indo espregitar de pertinho o choque das cataratas na água revolta: vão no tal barquinho de que já falei, vedeta principal de dois filmes que tiveram «astros» dos «states» como vedetas. E os norte-americanos, invejosos da fama universal de uma das sete maravilhas do mundo, criaram artificialmente uma réplica que se queda a duas centenas de metros de distância, com um miradouro superior criado a partir de uma ponte em ruínas. «Americânicas» — conta Amadeu Vaz, enquanto dezenas de milhares de turistas fotografam o turbilhão branco, a espuma desfazendo-se em bruma, os bolsos da clientela a despejarem-se nas dezenas de restaurantes ou lojas de «souvenirs» que emolduram os jardins fronteiros ao Niagara.

Voltamos até Toronto. Gaspar Ramos revela: — Tínhamos um acordo completo com Júlio César: não percebo como faltou à palavra. Bem: vamos virar-nos para o Mozer.

E foi mesmo. O defesa brasileiro do Flamengo já estará, na Luz a 20 do corrente, quando todo o «plantel» benfiquista ficar entregue às inspecções médicas do dr. Bernardo Vasconcelos e seus colegas. Concluídos os exames, ala até à Suíça: a partir de 22 do corrente, alta montanha na plena recuperação de todos os comandados por Sheu e Bento, curiosamente os dois profissionais que firmaram prorrogação de contrato com a água nos últimos dias da digressão além-Atlântico.

Lágrimas e abraços

Antes do início da temporada oficial, o Benfica tem um belo cartaz de compromissos a respeitar: «Torneio da Phillips» (em Berna), competições em Espanha (Troféus «Teresa Herrera» e «Colombino»), hipótese ainda de colocar em acção, numa prova de reservas, os novos elementos recrutados para a Luz vindos de clubes portugueses. E, como não haverá Taça Cidade de Lisboa, é provável que a Taça de Honra da AFL se realize antes da ronda de abertura do campeonato nacional.

Jogou-se, como tem sido lembrado, com o Toronto Blizzard: o tal êxito por 2-1 e Diamantino arrebatando um bonito prémio concedido pelos 26 jornalistas presentes ao melhor jogador em campo, troféu que em duas ocasiões anteriores fora outorgado a Carlos Manuel. À noite, Adelino Pereira (presidente do Sporting Clube Português de Toronto) abrindo as portas da colectividade a um símbolo rival mas (sem a menor sombra de dúvida) recebido de braços bem abertos, João Santos (brilhante, como sempre) em mais um improviso que arrancou lágrimas nos olhos a muitos compatriotas.

— O Benfica tem um presidente à altura. Já era tempo!

Muitas foram as afirmações que escutámos neste mesmo sentido: o dom de palavra de João Santos, o belíssimo comportamento dos seus demais colegas de direcção (jovens, frescos, joviais, sem as caras fechadas e plúmbeas de alguns antecessores) tudo ajudou a criar torrentes de novos amigos. No Toronto Blizzard, o «manager» Sherif Karamat afirmou isso nmesmo, pedindo (até) para se tornar associado correspondente do Benfica. O mesmo que aconteceu aos nossos anfitriões no restaurante «Abril em Portugal» ou (como já era esperado) na «Casa do Benfica em Toronto», com torrentes de trocas de lembranças entre o clube-sede e os admiradores que labutam no Canadá.

Houve belos discursos: de Walter Oliveira (presidente da Associação Geral do grupo), Arlindo Fernandes (presidente da Direcção). Palavras por

vezes modestas mas tocadas por muita emoção, vindas do coração. Há 17 anos, onze entusiastas do Benfica fundaram esta casa. Nasceu a «Benfica House of Toronto» que tem ainda três fundadores aqui presentes: Carlos Ventura Ferreira, Silvino de Carvalho e Gualdino Mendonça. Hoje, com os jogadores do Benfica e, especialmente, com Eusébio ao nosso lado, festejamos um dos momentos mais importantes da nossa agremiação.

E surgiram os soluços, algumas lágrimas, muitos abraços e, até às mãos de João Santos um tal volume de prendas para o próximo Museu do Benfica que o nosso bom amigo José Luiz Vaz (roupeiro da equipa rubra) deixava as mãos à cabeça sem saber como carregar tanta coisa até Lisboa.

Já agora, mais um nadinho sobre a Casa do Benfica em Toronto: desde 22 de Junho que a sede é pertença da colectividade e (pasmem) só o terreno em que está edificada vale um milhão de dólares, património que poucos clubes se gabam de possuir.

É um projecto para engrandecer esta sede que está já em marcha — garante, com brilho no olhar, Arlindo Fernandes.

À tarde, jogara-se futebol, entre turmas de veteranos. Toni e Eusébio juntaram-se a Alves e Simões (idos expressamente de Lisboa) e formaram equipa com nomes que muitos ainda recordam: Carlos Bernardo da Velha, Carlitos, Ferreira Pinto, Bolota, Rilhas, Testas, Sousa, Valter, Pedro, Zeca Pinto, Pinto, Hermínio e («como reforço») o jornalista João Freitas (do «Record») que, não tendo chegado a rubricar golos como os de Eusébio ou Alves, deu um bom exemplo de como nem sempre os críticos desconhecem os segredos do bom pontapé na bola. Alinhando pelos «All Stars», foi o único que recebeu a camisola como recordação: quando houver outro jogo igual ao que a «Adidas» promoveu, em Viena de Áustria, com a Imprensa germânica, é certo e sabido que entra no «onze». Nenhum «seleccionador» o poderá esquecer; quem joga assim, num tapete sintético, ainda pode servir

Ainda as eleições benfiquistas

MARTINS DA CRUZ: 'CASO GULBENKIAN' NUM PRISMA PESSOAL

Dirigida ao nosso director recebemos, do dr. António Martins da Cruz, uma carta que nos limitamos a publicar sem qualquer comentário, por desnecessário. Eis o teor da missiva:

«Com os meus cumprimentos, não posso deixar de registar a surpresa que me tocou, ao ler na secção «Desporto» do Diário de Lisboa, de 11 do corrente, a referência que aí me é feita quando o sr. Neves de Sousa me acusa de, na qualidade de presidente da assembleia geral do Sport Lisboa e Benfica, ter retirado o nome do sr. dr. Michael Gulbenkian, das listas para a última eleição dos respectivos órgãos sociais. «Em causa, explica o ilustre jornalista, estavam quotas em atraso, apenas por ausência no estrangeiro daquele (meu) consócio».

Na douta opinião do sr. redactor do «Diário de Lisboa», eu teria assim cometido o feio pecado de privar o meu Clube da meritória presença directiva do sr. dr. Michael Gulbenkian, por um trivial e despiçando atraso no pagamento de quotas e, ainda por cima, devido tão-só à ausên-

cia, no estrangeiro daquele ilustre benfiquista.

Não se tratasse do Sport Lisboa e Benfica, e, confesso, não incomodaria V.Ex.^a a solicitar-lhe qualquer esclarecimento. Trata-se, porém, do «Glorioso» e, para mais, da forma como eu teria desempenhado no caso concreto que ao sr. Neves de Sousa agora ocorreu rememorar, as honrosas funções em que então me encontrava investido. E é esse condicionalismo — e só ele — que me coage a pedir-lhe, sr. Director, a publicação do seguinte:

O sr. dr. Michael Gulbenkian deixara de pagar as suas quotas em Janeiro de 1977, pelo que veio a ser demitido de sócio no mandato dos órgãos sociais então presididos pelo sr. dr. Adriano Afonso.

Manteve-se nessa situação durante cerca de dez anos, até Novembro de 1986, altura em que foi readmitido.

Tendo sido readmitido nesta data, é evidente que em 31 de Dezembro desse ano de 1986, o sr. dr. Michael Gulbenkian não

para um desses clubes que, por aí fora, mandam vir brasileiros à consignação...

Adiante. Sabiam que, pelo novo contrato firmado antes da final da Taça de Portugal, Diamantino melhorou o ordenado de 300 para 750 contos, fora mais uns «extras»? Que o prémio benfiquista pela última vitória no Jamor rendeu 400 contos a cada jogador? «Estava previsto que seria de 350 mas, dado o modo como a turma se bateu, mal acabou o encontro anunciei ao Shéu que podia dizer aos seus comandados que o prémio tinha passado para 400 contos. E, em outras percentagens, desde os técnicos ao massagista, todos foram contemplados. No Benfica adoptamos o princípio de, tanto quanto possível, nivelar os vencimentos mensais mas atribuímos bons prémios de jogo. É uma política que tem resultado em todos os clubes, embora haja sempre a considerar que o montante das «luvas» por assinatura de contrato seja diferente, de jogador para jogador, consoante as circunstâncias do momento. Mas, na linha geral, gostaríamos que os jogadores ficassem todos os meses satisfeitos com o seu vencimento: e, para isso, os prémios são um íman.»

Gaspar Ramos conta-me isto enquanto confere o boletim do «lotto» diário: jogou nos seus números habituais (3, 15, 30, 34, 40 e 45). Também apostei outro dólar mas em números «à balda», consoante as matrículas dos carros que iam passando na rua onde se processava o almoço oferecido pela TAP (6, 22, 24, 30, 32 e 45). Fizemos cruzeiros na boca: felizardos os que apostaram no 6,8, 15, 17, 20 e 23, com o 45 como bônus.

— Também não interessava apanhar o «bolo»: eles só pagam em fatias anuais...

Uma forma de compensação para o nosso duplo fracasso. Realmente, no Canadá, a lotaria ou o «lotto» não conferem o total montante do prémio ao vencedor. O dinheirinho é dividido «em suaves prestações anuais», para que não deslumbre o conquistador e possa representar um seguro para o reto da vida.

Bem: toca a andar. Agora, a caminho de Newark, Estados Unidos, no roteiro.

era elegível para os órgãos sociais do SLB em 1987, já que os Estatutos exigem, para tanto, a antiguidade mínima de cinco anos, traduzida em igual período de filiação associativa ininterrupta, não contando, para o efeito, a filiação anterior à readmissão.

Não foi, pois, por ter quotas em atraso que o sr. dr. Michael Gulbenkian não pôde ser incluído na lista dos órgãos sociais a eleger em Março passado.

Informa o sr. Neves de Sousa que o ilustre benfiquista deixara de pagar quotas naquele período de cerca de dez anos, porque se teria então ausentado para o estrangeiro.

Eu não acredito que o benfiquismo do sr. dr. Michael Gulbenkian pare na fronteira, como aí não pára o benfiquismo dos milhares de trabalhadores emigrantes que, vivendo no estrangeiro, pagam pontualmente suas quotas de sócios do Sport Lisboa e Benfica.

Agradecendo a atenção de V.Ex.^a possa dispensar a publicação desta carta, renovo os meus cumprimentos.»

FUTEBOL: AGITA-SE O MERCADO DAS TRANSFÊRENCIAS

Enquanto se fala que o eng. Azevedo Félix (Aveiro) poderá ser o episódio sucessor de Silva Resende na Federação, incentiva-se a dança das transferências. E as notícias fervilham: Paulinho Cascavel poderá juntar-se (no Belenenses) aos vilas-condenses Chico Faria e Juanico, ao portomorense Luís Reina, ao moçambicano Chiquinho.

Laureta estará firme no Braga. Para onde viajará Moreira de Sá, com boa credencial construída no Rio Ave? E o sueco Bengtsson será o sucessor de Mortimore, na Luz?

Entretanto, no Estrela da Amadora, razia quase geral. Dispensas: Rui Lopes, Jesus, Salvado, Norton de Matos, Simões, Quaresma, José Manuel, Coelho, Abadia e Trindade. Contrato provável: Basaúla (Guimarães). Na Madeira, também grande efervescência: Roldão e Heitor (Guimarães) mudam-se para o Nacional e o Marítimo firma com Tozé (Olhanense) Andrade (Farense), Oliveira e José Luís (Benfica) Jorge Silva (Chaves), Paulo Ricardo (Porto), Carlos Duarte (União) e Ricardo Aguiar (Nacional). Por seu turno, Amaral (Porto) muda para o Penafiel.

UEFA: Portugal em força

Com seis clubes presentes nas três provas europeias, o futebol português está no auge uefeiro. FC Porto e Benfica («Taça dos Campeões Europeus»), Sporting («Taça dos Vencedores das Taças»), Belenenses, Chaves e Vitória de Guimarães («Taça UEFA») são os representantes portugueses na próxima época europeia, cujo sorteio da 1.ª eliminatória se realiza no dia 9. FC Porto (actual campeão europeu) e Benfica são cabeças de série na «Taça dos Campeões», juntamente com o Bayern de Munique (finalista derrotado pelo FC Porto), Rapid de Viena, Anderlecht, Real Madrid, Bordéus, Steaua de Bucareste e Dynamo de Kiev. Na «Taça dos Vencedores das Taças», eis os cabeças de série para o sorteio: Lokomotiv Leipzig, Hamburgo, Tirol, Real Sociedad, Ajax de Amesterdão, Dinamo de Bucareste e Hajduk Split. Na «Taça UEFA», são cabeças de série: Borussia Moenchengladbach, Áustria de Viena, Dundee United, Aberdeen, Barcelona, Panathinaikos, Juventus, Inter de Milão, Universitatea Craiova, Ifk Gotemburgo, Bohemians de Praga e Dinamo de Moscovo.

Madjer continua nas Antas

Madjer chegou a acordo com o FC Porto quanto à sua permanência na equipa nortenha. Após uma reunião entre o jogador e o vice-presidente do



Sporting fez festa íntima de aniversário

Segundo tomámos conhecimento por outras vias de informação (o «DL» não foi convidado para a festa) o Sporting comemorou 81 anos de vida entregando emblemas de 50 anos de presença clubista a 66 sócios. No entanto, o dr. João de Deus Pinheiro (ministro da Educação e Cultura) inscreveu-se como associado leonino. Recorda-se que, esta semana, os «leões» encerraram as suas classes de ginástica desportiva (com a hipótese dos cinco seleccionados para o campeonato mundial transitarem para o Benfica) não se sabendo se o mesmo acontecerá com a secção de nataçãodesportiva.

clube, (Teles Roxo) Madjer aceitou permanecer no clube por mais dois anos, tempo estipulado no contrato aquando da sua vinda para a equipa das Antas. No entanto, Teles Roxo assegurou ao jogador a possibilidade de este se transferir para um clube europeu, caso venha a realizar uma boa época na temporada que se avizinha. Esta cláusula (que serviu de garantia ao argelino para voltar a jogar nos «dragões» não invalida pertencer ao FC Porto a condução da possível transferência, bem como o montante fixado pelo «passe» do jogador.

Kuwait por cá

A selecção de futebol júnior do Kuwait, a estagiar em Portugal até ao dia 7, defronta hoje a turma júnior do Estoril, às 17 e 30 no Estádio Nacional.

«Craques» em Joanesburgo

Eusébio chega amanhã a Joanesburgo (África

do Sul) para participar num jogo de futebol de salão com outras velhas glórias do futebol. Eusébio jogará ao lado de Simões, Humberto Coelho, José Henrique e Seninho, estando em dúvida a presença de Toni e de João Alves. A iniciativa pertenceu ao clube TAP/Air Portugal.

Jogadores: sindicato muda

Com a anunciada saída de José Eduardo da presidência do Sindicato dos Jogadores, uma lista nova está preparada para a chefia do organismo de classe que tem batido pé a Silva Resende. Nomes: Fernando Gomes, Rui Águas, Carlos Manuel, Diamantino e Dito.

Aqui temos o «Inapa», veleiro português que prossegue na regata «Vuelta a España», que se conclue a 18 de Julho. Foto: António Mil Homens



EMPORIO

	T. 6 h	Min. Prev.	As 13 h.
Bragança	19	19	0,0 M. nub.
V. Castelo	18	18	0,0 Nebul.
Vila Real	19	19	0,0 P. nub.
Porto	17	16	0,0 Nebul.
Coimbra	17	17	0,0 Nebul.
C. Carvoeiro	16	16	0,0 Nevoeiro
C. Branco	-	-	-
Portalegre	26	25	0,0 P. nub.
Lisboa	22	22	0,0 Nebul.
Evora	22	22	0,0 M. nub.
Beja	21	21	0,0 P. nub.
Faro	22	21	0,0 P. nub.
Sagres	19	17	0,0 M. nub.
P. Delgada	14	14	0,0 P. nub.
Funchal	20	20	0,0 M. nub.

Temp. max. prevista para hoje: Lisboa 33, Porto 27, Faro 29, Ponta Delgada 23, Funchal 25.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

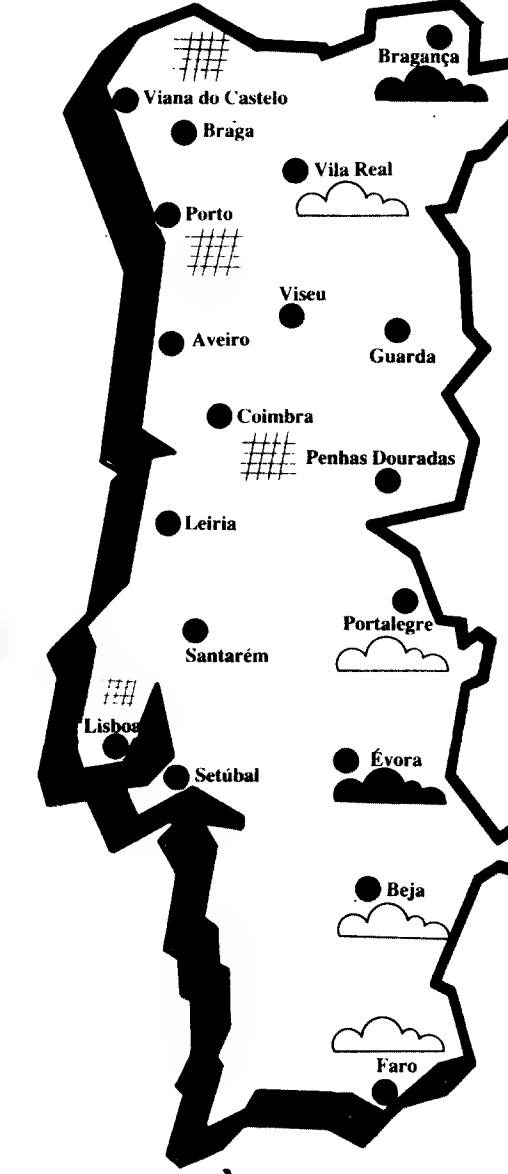
	T. 7 h	Min.	As 13 h.
Madrid	18	17	Pouco nub.
Londres	14	11	Pouco nub.
Paris	16	13	Pouco nub.
Bruxelas	14	12	Pouco nub.
Amesterdão	14	9	Bruma
Ginebra	19	17	Muito nub.
Roma	21	20	Nevoeiro
Oslo	14	12	Pouco nub.
Copenhaga	13	10	Muito nub.
Estocolmo	15	12	Muito nub.
Berlim	15	14	Muito nub.
Viena	22	19	Pouco nub.
Varsóvia	18	17	Muito nub.
Atenas	26	21	Limpo
Moscovo	20	11	Pouco nub.

NOMINADO

	Min.	Max.	As 13 h.
Caracas	20	26	Nublado
Joanesburgo	3	20	Limpo
Los Angeles	15	24	Limpo
Montreal	19	26	Nublado
Nova Deli	33	41	Limpo
Nova Iorque	21	33	Nublado
R. de Janeiro	14	29	Limpo
S. Francisco	12	16	Nublado
São Paulo	11	-	Nublado
Tóquio	29	32	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



EUROPA ÀS 6 HORAS



TEMPO

HOJE

No Continente:

Continuação do tempo quente com céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando moderado de noroeste durante a tarde no litoral Oeste.

Estado do mar:

Costa Ocidental: Mar encrespado de pequena vaga. Ondulação noroeste de um a dois metros.

Costa Sul: Mar encrespado com ondulação sueste de um a dois metros no Barlavento e 2 metros de Sotavento.

Nos Açores:

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de nordeste, soprando por vezes com rajadas. Possibilidades de aguaceiros.

Estado do mar: Mar de pequena vaga. Ondulação de noroeste de um a dois metros.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nu-

blado. Vento moderado de nordeste, soprando por vezes com rajadas. Possibilidade de aguaceiros

Estado do mar: Mar de pequena vaga. Ondulação de norte de dois a três metros, sendo inferior a um metro na costa Sul.

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando de noroeste durante a tarde no litoral Oeste.

DEPOIS

Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado durante a tarde nas regiões do interior, onde há possibilidades de aguaceiros e trovoadas. Vento fraco. Neblinas e nevoeiros durante a madrugada e manhã em especial no litoral Oeste a Norte do Cabo da Roca.

MARÉS

Hoje

	Praia-Mar	Baixa-Mar
7.50	3,3 m	1.10 1,4 m
20.01	3,5 m	13.20 1,5 m

Amanhã

	Praia-Mar	Baixa-Mar
8.31	3,2 m	1.55 1,4 m
20.44	3,4 m	14.10 1,6 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

Teatro de qualidade para todos os gostos

IV FESTA DE TEATRO DE ALMADA: ESPECTÁCULOS COMEÇAM HOJE

A IV Festa de Teatro de Almada começa esta noite, inserida nas Festas da cidade deste ano e com uma organização protagonizada a dois entre a Companhia de Teatro de Almada, antigo Grupo de Campolide, e a Câmara local.

Durante 15 dias, custando uma assinatura para todos os espetáculos a quantia de 1500\$00 (os que preferirem seleccionar poderão comprar bilhetes avulso a 300\$00), almadenses, setubalenses e lisboetas terão a possibilidade de assistir a 23 diferentes peças de teatro, incluindo cinco representadas por companhias teatrais estrangeiras — uma francesa, Le Globe, de Nantes, que interpretará «Os Emigrantes» de Mrocz; uma polaca, a Tetro Maya de Poznan, com «Arte de Morrer», de Kazimierz Grochmaliski; duas

espanholas, sendo uma a Teatro Margen, de Oviedo, que apresentará ao público «Toreros, Majas y Otras Zarandajas», e a outra a Teatro del Norte, também de Oviedo, responsável pela «Carlota Corday» de Peter Weiss, Skakespeare e outros; por último a companhia brasileira Arte Livre, de S. Paulo, que representará «Olhares de Perfil», de A. Guibert e Roberto Cordovani.

Entre os grupos nacionais, de registar as participações de A Barraca, com duas peças, «Os Polícias» de Mrocz e «O Dia-

binho da Mão Furada», atribuído a António José da Silva, «O Judeu»; da Companhia de Marionetas de Lisboa, com «Histórias de Hakim» de Norberto Ávila; da Seiva Trupe, com «Um Cálice de Porto» de Norberto Barroca, Manuel Dias e outros; do Tear, com «Um Gil Duplo» de Gil Vicente.

E os conhecidos sucedem-se: o Teatro Experimental do Porto apresentará o «Mário Gin Tónico» de Mário Henrique Leiria e ainda três peças em um acto dos séculos XVII, XIX e XX, de Bento Alves Coutinho, Beckett e outros. O Teatro da Nova avançará com «Roque à Presidência» de Rui Costa Lopes, o 1.º Acto levará ao festival «Humilhados e Ofendidos» de Dostoevsky, o Teatro Anima-

ção de Setúbal leva «Conversa Poética» e o Teatro Estúdio de Lisboa excertos de «Cesário Quê?»

No capítulo das preciosidades que não há muitas hipóteses de ver reais para o Teatro Medieval da Aldeia das Neves, de Viana do Castelo e para os Fantoches de S. Pedro do Corval, de Reguengos de Monsaraz.

Haverá lugar, também, para a música de Kiki Lima, vinda de Cabo Verde, do Grupo Coral dos Corticeiros de Vila de Alva, Cuba, e do canto tradicional de mulheres do coro Cramol, cda Biblioteca Operária oirense. Fernando Couceiro dará um recital de guitarra clássica, tocará o grupo cabo-verdiano Sossad e participarão os cantores Maria Helena (soprano), Orlando

Gomes (tenor) e Francisco Wagner (barítono).

Durante a realização da IV Festa de Teatro de Almada estará exposta pintura de Estêvão Soares no teatro da Academia Almadense e «posters» e tapeçarias do polaco Jędrzej Stepak serão apresentados nas novas instalações da Junta de Freguesia de Almada. Organizar-se-á ainda uma minifeira do livro de teatro, haverá animação de rua e inaugurar-se-á uma exposição sobre a encenadora Maria Luzia Martins.

Os espetáculos serão divididos em vários espaços, nomeadamente no Palco Boca do Vento, na Incrível Almadense, no Teatro da Academia e no Pátio do Crato.

A primeira das peças será apresentada hoje pelas 22 horas, com a presença solitária no palco de Yo Apolini, representando «Socorro... Sou uma Mulher de Sucesso», de Alloisio, Gaber e outros. Os anfitriões fecham o festival, no dia 17, com «Afonso VI» de Fonseca Lobo, um derradeiro espectáculo da Companhia de Teatro de Almada na Academia Almadense, antes da mudança... não se sabe para onde.

Cabo Verde assinala independência com semana cultural em Lisboa

Uma exposição de pintura, fotografia, artesanato e bibliografia abriu ontem, no Teatro da Trindade, em Lisboa, a Semana Cultural Cabo-Verdiana, com que se assinalam os 12 anos da independência de Cabo Verde, a cumprir no dia 5.

A semana cultural, organizada pela Embaixada de Cabo Verde, com apoio da Associação de Amizade Portugal - Cabo Verde, Associação Cabo-Verdiana e Inatel, encerra dia 7 com o fecho da exposição, que integra ainda material histórico-documental, cedido pelo Arquivo Histórico Ultramarino e Portugal.

A «Gala Africana», festival de música africana que se realiza na noite de sexta-feira, no Teatro da Trindade, com a participação de artistas cabo-verdianos e portugueses, é o ponto mais alto da semana de comemorações.

Actuam no espectáculo Rui Veloso, como convidado especial, Dany Silva, Grupo Finção, Paulino Vieira e o seu conjunto, Titina (Cesária), Bana, Kiki Lima e Zenaida Chantre, sendo apresentadores Alice Cruz e Rui Romano.

Os mesmos artistas apresentam-se sábado à noite num baile programado para o pavilhão de «Os Belenenses», no Restelo.

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
NO ESPACO DO CAFE-TEATRO * UM NOVO EXITO
FARSA VOCE MESMO!
NOVO HORARIO: SEXTAS e SABADOS AS 23 h.
CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS / ATÉ FIM DE JULHO

«OS DOIS CORCUNDAS» TEXTO - RICHARD DE MARCY * ESTREIA *
ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA BREVEMENTE

NOVO GRUPO apresenta
CICLO DE PEÇAS INÉDITAS PORTUGUESAS
A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS
De José Saramago
Encenação e Cenário: Norberto Barroca
Figurinos: José Costa Reis
Música: Paulino Garcia
Interpretação:
Adriano Luz
Amílcar Botica
Argentina Rocha
Francisco Pestana
Isabel Ribas
João Baião
Jorge Gonçalves
José Gomes
José Pedro Gomes
Laura Soveral
Melim Teixeira
Miguel Martins
Teresa Sobral
APOIO DIÁRIO DE LISBOA
Quintas e Sábados às 21.30
Domingos - Manhã às 10 h
COMPANHIA SUBSIDIADA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

TEL
Apresenta
TEATRO VASCO SANTANA
Tel. 768609
Teatro Entrecampos
as Senhoras das Quintas-feiras
de Ioleh Bellon
encenação: Luzia Maria Martins
de ter. a sáb. às 21.30
Dom. às 16 horas
(SMIRNOFF)
AOŠ PAIS
"Ensina o seu filho a parar sempre na beira do passeio antes de atravessar a rua"
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

Informação
INFORMAÇÃO AO PÚBLICO
LINHA DE SINTRA
— Trabalhos de conservação na catenária de 29 de Junho a 15 de Setembro
A CP informa que — no âmbito dos seus programas de conservação das infra-estruturas da linha de Sintra — desenvolve, de 29 de Junho a 15 de Setembro um programa de intervenção na catenária da linha de Sintra.
Estes trabalhos, a efectuar entre as 10.00 e as 12.00 dos dias úteis e entre as 10.00 e as 12.00 e as 15.00 e as 17.00 dos sábados e Domingos, afectarão naturalmente a circulação dos comboios, provocando alguns atrasos e supressões.
A CP solicita a boa compreensão dos Senhores Passageiros para as perturbações causadas por estes trabalhos, que visam a melhoria das condições técnicas do transporte ferroviário nesta Linha.
Caminhos de Ferro Portugueses
VENDE-SE
Casa murada para habitação, de 5 assoalhadas, cozinha, casa de banho, cave e garagem. Terreno com árvores de fruto e vinha de 2300 m².
Situa-se em Martim Joanes, Cadaval, (56 km de Lisboa).
Trata o próprio no local ou através dos
Telefs.: 89 77 44 / 76 49 47.

Com a presença de José Saramago

PESSOA 'SERVIDO' ESTA NOITE À MESA DO MARTINHO DA ARCADA

Rui Eduardo Paes

NOVA iniciativa da Associação Pessoa dos Amigos do Martinho da Arcada, realiza-se esta noite naquele velho café de Lisboa, pelas 21 e 30, uma sessão animada com a presença de José Saramago, que revelará os 'cordelinhos' do seu «Ano da morte de Ricardo Reis», resultado de uma fascinação do escritor pelo heterónimo de Pessoa.

Oportunidade, pois, para saber das motivações e propósitos daquele grupo de pessoas que para Outubro organizarão um novo reencontro da cultura com o Martinho da Arcada, convidando o maestro António Vitorino de Almeida a falar, com exemplos ao piano, sobre os compositores contemporâneos de Fernando Pessoa e os que criaram em função da sua obra.

O «DL» esteve com a iniciadora primeira de toda a movimentação que desde 1985 visa, como consta nos estatutos associativos, «a defesa e preservação criteriosa dos espaços em que a vida de Fernando Pessoa decorreu, dando particular relevo aos seus lugares de convívio literário e humano, nomeadamente o café Martinho da Arcada»: Maria do Carmo Vieira, professora de Português na Escola Secundária Marquês de Pombal.

Tudo começou quando no ano lectivo de 1983/84 aquela professora e alguns dos seus alunos decidiram apresentar à Câmara Municipal e à população lisboeta uma Carta Aberta em que se chamava a atenção para a necessidade de recuperar um património histórico e cultural como é o café que ali à Praça do Comércio teve um cliente regular, o poeta Fernando Pessoa.

Decorrendo dessa acção uma vitória fundamental logo se conseguiu: que o interior do café, numa zona já classificada patrimonialmente, também fosse considerado espaço a preservar no contexto da Baixa pombalina.

Uma segunda vitória surgiu, então, com o apoio de deputados de diversos partidos políticos representados na Assembleia da República: que a classificação de interesses municipal fosse ampliada em interesses nacional,

dado o relevo da figura de Pessoa e já que se comemorava na altura o cinquentenário da morte do nosso grande «poeta de café».

Resistir ao «come em pé»

Foi quando Maria do Carmo Vieira se dirigiu à Secretaria de Estado da Cultura, sondando os apoios possíveis, que ali lhe aconselharam, para maior facilidade na sua concessão, que se formasse uma associação, com o objectivo de remodelar o Martinho da Arcada tal como era no tempo de Fernando Pessoa.

São seus sócios os antigos frequentadores do café, um largo número de políticos sensibilizados pela importância do poeta Pessoa na vida cultural portuguesa, muitos intelectuais (Alçada Baptista é mesmo o presidente da associação) e, sobretudo, gente anónima particularmente dinâmica nas acções que têm ajudado a gerente do Martinho da Arcada, Albertina Mourão, no prosseguimento da sua resistência em não vender aquele espaço e em não o transformar num 'self-service' ou num 'come em pé'.

Para a recuperação do estabelecimento os Amigos do Marti-

nho da Arcada entraram em contacto com a Associação dos Arquitectos, que se predispuseram a abrir um concurso de ideias para as alterações necessárias no seu interior, tendo a noção, por exemplo, de que a cozinha do café dispõe de azulejos que datam do século XVIII e estão em pleno estado de degradação, devido aos fumos.

Maria do Carmo Vieira acabou por confessar-nos a sua paixão pelo poeta, de tal modo que se revoltou perante a impossibilidade que os professores de Português vão tendo em chegar à parte do programa do 11.º ano referente ao século XX, depois de atravessar toda a história da literatura portuguesa, e já que entretanto o ano lectivo chega ao seu fim. Maria do Carmo resolveu começar pelo fim e interessar os seus alunos pela literatura viva do nosso país.

O fascínio de Pessoa

A verdade é que conseguiu despertar-lhes a atenção para a obra do poeta e, nalguns casos, até o entusiasmo: «O fascínio de Pessoa está em que a poesia dele faz com que nos conheçamos a nós próprios, ajudando-nos a

dizer não às limitações que se nos põem e a não aceitarmos passivamente todas as coisas», disse-nos a professora a uma mesa do Martinho da Arcada.

«A verdade — referiu-nos ainda — é que o conhecimento de Fernando Pessoa e dos seus heterónimos estimula os alunos para outras leituras. Remete-os para o Cesário Verde, por exemplo. Depois de ler Pessoa é mais fácil compreender o conteúdo de outros grandes autores, tamanha é a sua humanidade.»

Mas a paixão de Maria do Carmo Vieira por Pessoa não é só de referência. Ela é acompanhada por uma perspectiva mais imediatista e vivencial, dizendo respeito à cidade onde vive: «Adoro Lisboa, e se decidi enviar esforços pela preservação do Martinho da Arcada foi porque me custa viver em espaços onde já não posso sentir-me bem. É quase um egoísmo meu.»

Bom, ponham-se as coisas nos termos em que se puserem não há dúvida que a classificação do interesse patrimonial do café Martinho da Arcada, frequentado hoje na sua maioria pelos funcionários dos Ministérios circundantes, ao Terreiro do Paço, não basta por si só e todos na associação têm consciência dis-

so. A tarefa a que e propuseram está, portanto, longe de terminada. Há que, designadamente, tornar a ligar o café ao factor cultural que noutros tempos assumiu.

Daí precisamente o interesse em organizar serões de dinamização como o que recentemente levou ao Martinho o pensador Agostinho da Silva, que na sua irreverência e informalidade soube dar dos heterónimos de Pessoa uma visão que escapava a muitos dos presentes e agradou particularmente.

Tais iniciativas, que hoje mais uma vez têm uma concretização com José Saramago, acompanharão o processo de remodelação do café, que terá de ficar resolvido até 13 de Junho de 1988, dia do centenário de Fernando Pessoa. Para já, o Martinho da Arcada aguarda vez nas listas do mecenato, a ver o que acontece.

Depois talvez se consigam ultrapassar definitivamente os fantasmas que continuarão a pairar sobre a casa, no âmbito da difícil sobrevivência económica num momento em que tudo convida a uma reconversão que não respeite a sua memória. Até lá, desabafo Maria do Carmo Vieira, é preciso insistir, «contra as marés».

GRUPO TEATRO HOJE • TEATRO DA GRAÇA / VOZ DO OPERÁRIO

o país do dragão

TENNESSEE WILLIAMS

MARCAÇÕES PELO TELEFONE 87 56 26

«... Um dos espectáculos mais belos e fascinantes em exibição em Lisboa»

Tito Lívio — «A Capital»

Só até dia 12 de Julho

DE 3.ª A SÁBADO, ÀS 21 H — DOMINGO, SÓ ÀS 16 H



TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II
Co-produção com INAEM - Ministério da Cultura de Espanha

DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
DOMINGO ÀS 16

“ROMANCE de LOBOS”
de Valle Inclán

encenação
XOSÉ BLANCO GIL

cenários, figurinos e luz
SIMÓN SUAREZ

música
MANUEL BALBOA

Com: Ruy de Carvalho (no protagonista) - João Perry - António Rama - António Filipe - João de Carvalho - Manuel Coelho - Ruy de Matos - Manuela Casaca - António Banta - Fernanda Bonetti - Lurdes Lima - Lúcia Maria - Carlos Duarte - Carlos Cabral - Mário Pereira - Joaquim Doulor - Cassiano Vieira - Eunice Muñoz - Lurdes Norberto - Varela Silva - Catarina Avelar - Carlos Fonseca - Luz Franco - Luís Bandeira - Paula Mora - Irene Isidro - Vítor Ribeiro - Henriqueta Maya - Madalena Braga - Guida Maria - João Pedro - António Anjos - Gonçalo Costa - Orlando Costa - Paulo Oom - Luís Vasconcelos - Artur Mendonça - António Rui - José Braz - Barroso Lopes - Carlos Pimenta - Maria Amélia Matos - Fernando Alves - Bruno Miguel - Teresa Corte-Real - Maria Emília Carvalho - Paula Rocha - Julie Sergeant - Elisete Teófilo.

ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA A 2.ª FEIRA TEL. 32 2210

FESTIVAL DE
MÚSICA
(OSTIA)
ESTORIL

XIII

1987

Mosteiro dos Jerónimos

DELAWARE SYMPHONY ORCHESTRA

Maestro: STEPHEN GUNZENHAUSER

Domingo, 5 de Julho, às 21H30

COPLAND: Fanfare for the Common Man
DVORAK: Abertura Carnaval
HAYDN: Sinfonia n.º 80
TCHAIKOVSKY: Sinfonia n.º 4

Segunda-feira, 6 de Julho, às 21H30

SMETANA: O Moldava
COPLAND: Appalachian Spring
DVORAK: Sinfonia n.º 9 «Novo Mundo»

PATROCÍNIO



Venda de bilhetes: Jerónimos, ABEP, Casino Estoril, Discoteca AIFAI (Cascais)

Preço 950\$00

QUINTA-FEIRA, 2 DE JULHO DE 1987

Diário de Lisboa

19

Alfas Triplex

— T. 806496

COMBOIO EM FUGA

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

CAMINHO DE FOGO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

BLUE VELVET —

VELUDO AZUL

(maiores 16 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

FILHOS DE UM DEUS

MENOR

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319

SALVADOR

(maiores 16 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

BLUE VELVET —

VELUDO AZUL

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

QUARTO COM VISTA

SOBRE A CIDADE

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

SALVADOR

(maiores 16 anos)

13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

EM DEFESA DA NAÇÃO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

CAMINHOS DE FOGO

(maiores 12 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

COMBOIO EM FUGA

(maiores 12 anos)

13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70

A CHAVE DO CIÚME

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Avila

— T. 539930

STAND BY ME — CONTA

COMIGO

(maiores 12 anos)

15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

LUXÚRIA

Porno

(maiores 18 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

VIVER OU MORRER EM

JERUSALÉM

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h



UMA CENA DO FILME BRASILEIRO «ÓPERA DO MALANDRO» — PRÊMIO DE REALIZAÇÃO DO FESTIVAL DO RIO DE JANEIRO. LETRA E MÚSICA DE CHICO BUARQUE. INTERPRETAÇÃO DOS MAIS DESTACADOS ARTISTAS DA CANÇÃO, DA MÚSICA E DA TELENÓVELA BRASILEIRA. EM EXIBIÇÃO NO QUARTETO.

Capitôlio

— T. 372358

O MACHO APETECIDO

(Int. m. 18 anos)

15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

A ÚLTIMA VISITA

(maiores 18 anos)

15.30, 18.30, 21.30 h

Cinebolso

ORGIAS DE

ADOLESCÊNCIA

(Porno)

(Int. m. 18 anos)

12.30, 14.30, 16.45, 19.00,

21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

O GRANDE MESTRE DOS

LUTADORES

(Int. men. 18 anos)

14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

A SHANTI

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cinemateca

CHAGAI SOVIET/1926

(Avante Soviet)

18.30 h

UM SEXTO DA TERRA/

1926

STATCHKA/1924

(A Greve)

21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

NADÁ EM COMUM

(maiores 12 anos)

16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

O MENINO DE OURO

(maiores 6 anos)

15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

JUSTIÇA IMPLACAVEL

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

A VIÚVA NEGRA

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

PRIMAS

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA

(maiores 18 anos)

14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

OS AMIGOS DE ALEX

(maiores 16 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

BARRY LINDON

(maiores 13 anos)

15.00, 18.15 e 21.30 h

Forum Pianos

— T. 541037

LAURA

(maiores 12 anos)

19 e 22 h

Fonte Nova

— T. 7145109

CROCODILO DUNDEE

(maiores 8 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

SÓ SE PERDE UMA VEZ

(maiores 12 anos)

14.45, 17.00, 19.15 e 21.30

VIVER E MORRER EM

JERUSALÉM

(maiores 12 anos)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Gemini

— T. 734009

DUNA

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

PLATOON — OS BRAVOS

DO PELOTÃO

(maiores 16 anos)

14.15, 16.30, 19, 21.30 e

24.00 h

A VIÚVA NEGRA

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e

23.45 h

Imperio

— T. 555134

A TURMA DOS

CHANFRADOS

(maiores 16 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

A VIÚVA NEGRA

(maiores 12 anos)

16.15, 18.45 e 21.30 h

SALA 2

SELVAGEM E PERIGOSA

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

SELVAGEM E PERIGOSA

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

COMBOIO EM FUGA

(maiores 12 anos)

13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

BLUE VELVET —

VELUDO AZUL

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

POLICE

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

METROPOLIS

(maiores 12 anos)

23.45 h

Roma

T. 889192

O ÚLTIMO COMBOIO DO

KATANGA

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

SAIAS PARA CIMA... A

TROPA ESTA EM BAIXO

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

COMBOIO EM FUGA

(maiores 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

CROCODILO DUNDEE

(maiores 6 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

COSTA DO MOSQUITO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

SHINNING

(n/acons. m. 18 anos)

14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e

23.45 h

Star

— T. 804210

A ÚLTIMA VISITA

(maiores 18 anos)

15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

A FLOR DO DESERTO

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19, 21.30 e

23.45 h

Tivoli

— T. 570595

BLUE VELVET —

VELUDO AZUL

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

O MENINO DE OURO

(maiores 6 anos)

15.00, 17.30 e 21.30 h

Furim

T. 706666

A ÓPERA DO MALANDRO

(n/acons. m. 16 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

PELA NOITE DENTRO

(maiores 12 anos)

23.30 h

A GUERRA DAS

ESTRELAS

(maiores 13 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

NOITES DE PAIXÃO

(maiores 16 anos)

23.30 h

CAÇADA SANGRENTA

(maiores 18 anos)

14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

Exibição permanente de

filmes indianos

(m. 13 anos)

15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro

— «Homens à Queima-

Roupa», às 21.00 h (maio-

res 18 anos)

AMADORA — Cinestúdio

— «Veludo Azul», às 15.30

e 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Babilónia

— «Superpolícia», às 15.15,

18.15 e 21.30 h (maiores 12

anos)

ALGUEIRÃO — Cine Tea-

tro Chaby — «Platoon —

Os Bravos do Pelotão», às

21.30 h (maiores 16 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flo-

res — «O Massacre», às 15 e

21.30 h (maiores 12 anos)

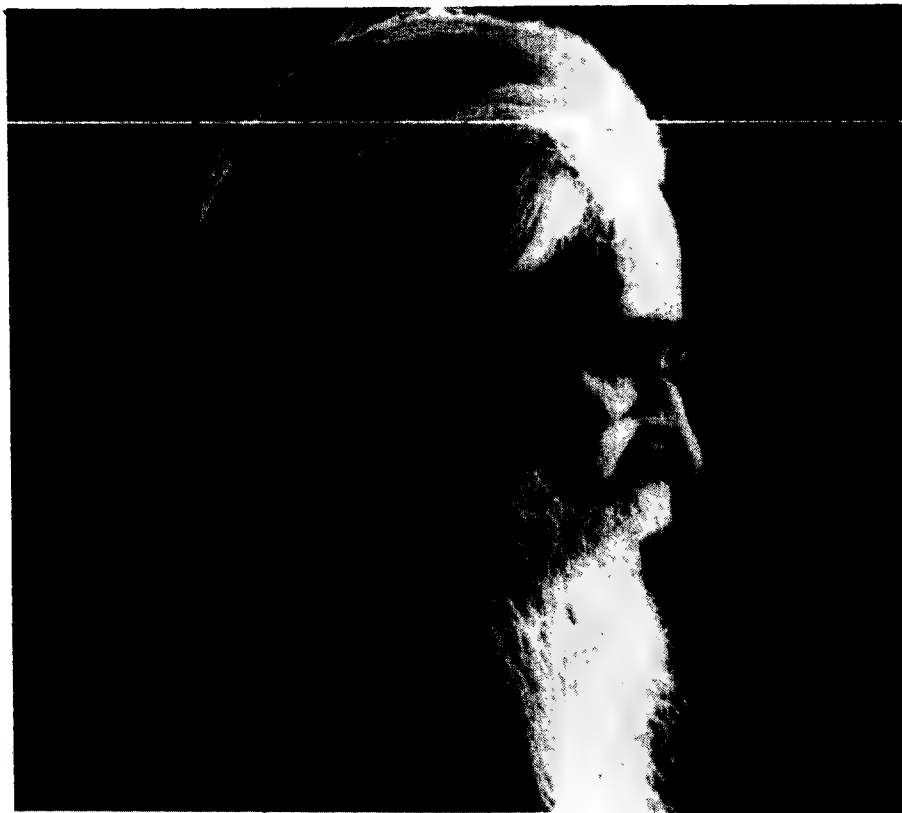
VALLE-INCLÁN NO D. MARIA II

Numa co-produção com o Ministério da Cultura de Espanha, o Teatro Nacional de D. Maria II apresenta na sala Garrett, de terça a sábado às 21,30 e aos domingos às 16 horas, a peça de Valle-Inclán, «Romance de Lobos».

Encenada por Xosé Blanco Gil segundo uma tradução de Norberto D'Ávila, a peça tem cenários, figurinos e desenho de luzes de Simon Suarez, música original de Manuel Balboa e movimento cénico de Fernando Lima. A interpretação está a cargo de Rui de Carvalho, João Perry, António Rama, António Filipe, João de Carvalho, Manuel Coelho, Rui de Matos, Manuela Cassola, António Banha, Fernanda Borsatti, Lurdes Lima, Lúcia Maria, Carlos Duarte, Carlos Cabral, Mário Pereira, Joaquim Doutor, Casiano Vieira, Eunice Munoz, Lurdes Norberto, Varela Silva, Catari-

na Avelar, Carlos Fonseca, Luz Franco, Luís Bandeira, Paula Moura, Irene Isidro, Vítor Ribeiro, Henriqueta Maya, Madalena Braga, Guida Maria, João Pedro, António Anjos, Gonçalo Costa, Orlando Costa, Paulo Oom, Luís Vasconcelos, Artur Mendonça, António Rui, José Braz, Barroso Lopes, Carlos Pimenta, Maria Amélia Matta, Fernanda Alves, Bruno Miguel, Teresa Corte-Real, Maria Emília Carvalho, Paula Rocha, Julie Sargeant e Eli-sette Teixeira.

Com este espectáculo, com que o autor concluiu a trilogia dedicada a D. Juan Manuel de Montenegro e ao seu mundo barroco e primitivo, o Teatro Nacional de D. Maria II associa-se às comemorações do centenário da morte de Ramon de Valle-Inclán, aquele que é considerado um dos maiores dramaturgos de Espanha.



Ramon de Valle-Inclán: morreu há cem anos, o autor do «Romance de Lobos»

MÚSICA



JARDIM-CINEMA LOUCURAS: a partir das 00.30 horas, a despedida das «quintas-feiras tranquilas» com Rui Veloso, num espectáculo inédito na sua carreira. O autor de «Porto Sentido» subirá ao palco para interpretar, acompanhado pela Orquestra da Felicidade do Brilho e da Glória, seis temas com novos arranjos do maestro Jaime Oliveira. O espectáculo conta também com as participações de Tony de Matos, Alberto Coronel, Jorge Palma, Anamar e Dany Silva.

AMOREIRAS SHOPPING CENTER: pelas 18 horas o solista da Orquestra Gulbenkian Aníbal Lima, acompanhado por um quarteto de cordas anima o espaço do Centro Comercial Amoreiras, num espectáculo gratuito.

CAFÉ NILO (Estrada de Benfica): pelas 21 horas, frente ao café, Carlos Mendes dará um concerto.

PÓVOA DO VARZIM: O Festival de Música da Costa Verde inicia-se hoje, no Casino, com um concerto pela Orquestra Sinfónica de Delaware, dos Estados Unidos, sob a direcção do maestro Stephen Gunzenhauser.

VILA REAL (Av. Carvalho Araújo): concerto com o cantor e compositor Fernando Tordo e com o

grupo Mier Ife Dada. **VEISEU** (Parque Aquilino Ribeiro): Pelas 22 horas tem lugar um espectáculo com o Septeto Jazz de Viseu, formado por Luís Lapa e Paulo Lemos (guitarras), Pedro Lemos (baixo eléctrico), Carlos Peninha Marques (piano eléctrico e sintetizadores), Acácio Salero (bateria), Manuel Casperro (sax e flautas) e Mário Santos (sax).

EXPOSIÇÕES

AR. CO (R. do Santiago, 18): mostra colectiva de fotografias sob o tema «Aldeias Abandonadas» e «90 Kms. de Costa», até 10 de Julho de segunda a sexta das 10 às 20.



Fotografias na AR. CO

GALERIA ARTIFÍCIO (R. de S. Bento, 355): para inauguração deste espaço, a exposição «Lisboa Viva e Sonhada», com óleos e aguarelas de Theresa Beco de Lobo. Até 20 de Julho, das 15 às 19,30.

TORRE DE BELÉM: uma exposição subordinada ao tema «Farois de Portugal», organizada pela Direcção de Faro (Marinha Portuguesa) em colaboração com os CTT e o IPPC. Diariamente excepto segundas-feiras, das 10 às 18,30.

GALERIA DE ARTE DO CASINO ESTORIL: aguarelas de Paulo Ossião, todos os dias das 15 às 24.

PÁTEO ALFACINHA: pintura de Louro Artur até 8 de Julho, das 15 às 22.

GALERIA A MONUMENTAL (Campo dos Mártires da Pátria, 101): fotografias de Álvaro Rosendo até 14 de Julho, todos os dias excepto segundas-feiras, das 15 às 20.

INTER-ATRIUM (Av. da Boavista, Porto): pintura de Maria C. de Abreu até 5 de Julho, de segunda a sábado das 10,30 às 19,45 e das 21 às 23, domingos das 14,30 às 20.

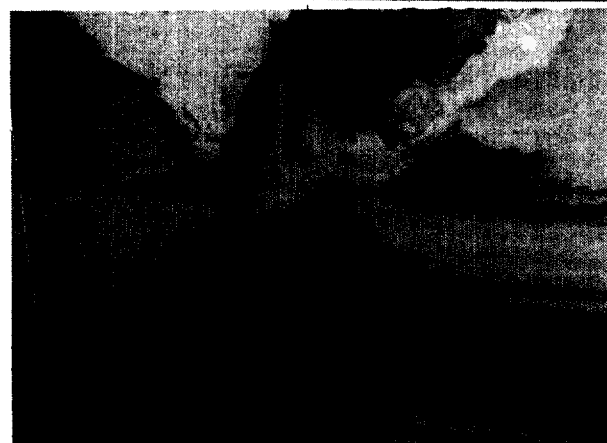
CONVENTO DE JESUS (Setúbal): exposição «Os Rosados Pinto na Vida Cultural Setubalense»,

incluída num ciclo organizado pela Câmara Municipal de Setúbal.

GALERIA DE S. BENTO (R. do Machadinho, 1): pintura de João Ribeiro até 15 de Julho, de terça a sábado das 11 às 20, segundas das 15 às 20.

GULBENKIAN (exposições temporárias): fotografias da artista americana Lucille Khornak.

MONUMENTO DAS DESCOBERTAS: pintura de António Marques «Estátuas de Lisboa» e de Fátima Melo «Paisagem de um



Pintura de Stella de Brito

Povo.

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: a exposição de «Desenhos de Galli Bibiena - Arquitectura e Cenografia», patente até ao próximo Outono.

GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): «Itinerários» de José Ernesto de Sousa.

GALERIA OLHARTE (C. do Cardeal, 18): Intervenção/Instalação de Gabriel Rui Silva com o título «As 24 Pedras» até 5 de Julho, de terça a sábado das 16 às 20.

GALERIA «JN» (Porto): fotografia de João Menéres com o título «Porto Meu», de terça a sábado das 14,30 às 19,30.

HOSPITAL TERMAL DAS CALDAS DA RAINHA: exposição «A Arte e a História, Fonte de Cristal» promovida pela Atlantis-Cristal de Alcobaca, patente até 5 de Julho.

MUSEU TAVARES PROENÇA JUNIOR (Castelo Branco): pintura de Ana Maria Botelho, Helena San-Payo, Ribeiro Farinha e Rogério Amaral.

CENTRO CULTURAL DE SANTARÉM: escultura do ceramista Rui Santos até 4 de Julho, dias úteis das 15 às 19 e das 21 às 22, sábados e domingos das 15 às 19.

CETÁRIA-GALERIAS DE ARTE (Setúbal): aguarelas

de Maria Gabriela Mota até 6 de Agosto, de segunda a sexta das 9 às 12 e das 14 às 18.

GALERIA DO HOTEL ALVOR PRAIA: pintura, tapeçaria e escultura de Stella de Brito, patente até 15 de setembro.

GALERIA NASONI (Porto): esculturas de Clara Menéres até 5 de Julho, de terça a sexta das 10 às 12,30 e das 15,30 às 19,30 sábados e domingos das 15,30 às 19,30.

ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): «Referências», uma exposição de gravuras de Américo Silva.

GALERIA VOZ DO OPERÁRIO: colectiva de Artes Plásticas com trabalhos de Eduardo Santos Neves, Eduardo Teixeira, Fátima, Cruz



«As Senhoras das Quintas-Feiras», pelo Teatro Estúdio de Lisboa

Neves, Gil Teixeira Lopes, Helena Subtil, Henrique Ruivo, José Mouga, Lima de Carvalho, Maria João Franco, Matilde Marçal, Miguel Mira, Nelson Dias, Rocha de Sousa, Rogério Ribeiro, Teresa Magalhães e Virgílio Domingues. Até 18 de Julho, dias úteis das 14 às 20,30, sábados das 15 às 19.

GALERIA DA FONTE NOVA (Centro Comercial na estrada de Benfica): pintura de Helena Justino, guaches e aguarelas sob o tema «A Mulher e o Poder» e aguarelas de José Bello sobre Lisboa.

TEATRO

TEATRO VASCO SANTANA (Av. da República): pelas 21.30 horas, o Teatro Estúdio de Lisboa apresenta, de terça a sábado e aos domingos às 16 horas, a peça «As Senhoras das Quintas-Feiras», da dramaturga francesa Loleh Beillon, encenada por Luzia Maria Martins e numa interpretação de Luisa Ortigoso, Clara Joana e Maria Dulce. Numa mansarda, em Paris, três senhoras encontram-se para o chá, todas as quintas-feiras. Com humor e ternura, recordam o passado comum, a infância e a adolescência, os conflitos, as alegrias, as tristezas.

Lisboa — PERMANENTE

— AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256);
BAIXA: Americana, C. de Santana, 1-3 (T. 863984);
CAMPO GRANDE - AVE-
NIDA DO BRASL: Reinha
Santa, R. Afonso Lopes Vieira,
57-B (T. 765262); CHILE -
ALTO DE SÃO JOÃO: Ver-
ral, R. Morais Soares, 109-111
(T. 821732); ESCOLA POLI-
TÉCNICA - SÃO BENTO:
São Marçal, R. de São Marçal,
100-102 (T. 325318); ESTA-
DOS UNIDOS - À CAIXA DE
PREVIDÊNCIA 39: Celta, R.
Moura Girão, 3-B (T. 890621);
LUMIAR: Nicolau, C. de Car-
riche, lote 4, loja, Esq. (T.
7588727); MADRE DE
DEUS: Romana, R. Actor
Augusto Melo, 7-A (T.
383800); PRAZERES: União,
R. Saraiwa de Carvalho, 145-F
(T. 663643); REGO: Prates &
Mota, R. da Beneficência,
91-93 (T. 773728); SALDA-
NHA: Avenidas, Av. da Repú-
blica, 27-A (T. 533688); VALE
DE SANTO ANTÔNIO: San-
to António, R. Leite de Vas-
concelos, 72-C (T. 862333);
CARNAXIDE: H. Amaral,
Pt. António Boto, 11-A (T.
4104556); ODIVELAS: Jole-
ni, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B
(T. 9810812); PONTINHA:
Pimentel, Az. dos Besouros,
lote R-8 (T. 991328).
REFORÇO — ALFAMA -
SÃO TOMÉ: Ziller, R. de São
Tomé, 54-56 (T. 862835);
AREIRO: Lusitana, Av. de
Roma, 18-A (T. 885443);
AVENIDA D. RODRIGO DA
CUNHA: Aeroporto, Av.
Almirante Gago Coutinho,
101-D (T. 882384); BENFICA
- 2.ª CIRCULAR: Benfluz,
E. de Benfica, 444-A (T.
7141206); CALVÁRIO: Mon-
ge, R. dos Lusitãos, 30-32 (T.
636704); CAMPOLIDE -
ÁGUAS LIVRES: Rualto,
Ld.ª, R. Alto do Carvalhão, 5
(T. 651721); JANELAS
VERDES: Reis Garrido, R.
das Janelas Verdes, 90 (T.
662327); JARDIM DOS
ANJOS: Jaime de Matos, R.
Álvaro Coutinho, 8-10; JAR-
DIM CONSTANTINO: Por-
tugal, R. Rebelo da Silva,
11-13 (T. 543340); OLIVAIS
SUL: Lemos, R. Cidade da
Beira, lote 19 (T. 331692);
PICHELEIRA: Mariz, C. da
Picheleira, 140-B-C, R. Prof.
Mira Fernandes, MAF (T.
880703); SALDANHA -
HOTEL SHERATON: Ol-
veira Viegas, R. do Viriato,
29-29-A (T. 548966); BRAN-
DOA - AMADORA: Correia,
Urbanização Alfarelos, célula
G, lote 137, loja B, poente (T.
990122); BURACA - AMA-
DORA: Vaz Martins, R. An-
tónio Ferro, 6-A (T. 970660);
OLIVAL BASTO: Nova, R.
dos Açores, 11-A (T. 9810305);
PRIOR VELHO: Matos, T.
das Prioras (T. 2519939).
Outra Banda — ALMA-
DA: Cristo Rei, Av. do Cristo
Rei, 31-A (T. 2766498). Per-
manente; COVA DA PIEDA-
DE: Atlântico, Av. Rainha D.
Leonor, 45-A (T. 2764466).
Permanente; MONTE DE
CAPARICA: Nova, R. dos
Trabalhadores Rurais, 82 (T.
2954436). Até às 19 horas;
COSTA DE CAPARICA: Carlos,
Av. do Mar, 34-A (T.
2401060). Até às 19 horas;
LARANJEIRO: Almeida
Araújo, R. D. Duarte, 7-B (T.
2292324). Até às 22 horas;
SESIMBRA: Leão, Av. da
Liberdade, 13 (T. 2233471).
Até às 19 horas; LAVRADIO:
J. Consolado, Av. Joaquim J.
Fernandes, 17-C (T. 2043126).
Até às 19 horas; BARREIRO:
Higiênica, R. D. Manuel I, 178
(T. 2073017). Permanente;
BAIXA DA BANHEIRA:

Alança, E. Nacional, 178-B
(T. 2040302). Até às 19 horas;
CORROIOS: Abreu Cardo-
so, B. Cidade de Setúbal, 1-B
(T. 2291192). Até às 19 horas;
AMORA: Moura Carneiro,
P. General Humberto Delgado,
10-C (T. 2243120). Até às 22
horas; SEIXAL: Soromenho,
P. Paiva Coelho, 38 (T.
2213560). Até às 22 horas;
MONTIJO: Diogo, R. Almi-
rante Reis, 50 (T. 2310032).
Até às 22 horas; MOITA: Silva
Rocha, P. da República, 16 (T.
2390029). Até às 19 horas;
ALHOS VEDROS: Gusmão,
P. Cândido dos Reis, 30 (T.
240020). Até às 19 horas;
ALCOCHETE: Gameiro, L.
António dos Santos Jorge, 15
(T. 2430100). Até às 19 horas;
SETÚBAL: Portugal, R. Ca-
milo Castelo Branco, 134 (T.
23211). Permanente; Mira, P.
Jorge Afonso (T. 20427). Per-
manente; Oliveira, R. da Mise-
ricórdia, 10 (T. 22488). Até às
22 horas.

Linha de Cascais —

ALGÉS: Branco, Av. dos
Combatentes da Grande Guerra,
29 (T. 2104953). Permanente;
LINDA-A-VELHA: Melo
Almeida, R. D. Diogo Couto,
182 (T. 4191697). Até às 19
horas; TIRES: Guimarães, L.
Duarte, lote A, r/c (T.
2441616). Até às 22 horas;
ALCABIDE: Carvalho,
B. Padre P. Correia, 4 (T.
2690363). Até às 22 horas;
PORTO SALVO: Ferreira
Bastos, R. D. Firmino Rebelo
(T. 2421015). Até às 22 horas;
MALVEIRA DA SERRA:
Luz, E. Nacional (T. 2850635).
Até às 22 horas; PAÇO DE
ARCOS: Pargana, Av. Eng.
Bonneville Franco (T.
2435147). Até às 22 horas;
OBRAS: Oeiras, L. Henrique
de Paiva Couceiro (T.
2430485). Permanente; CAR-
CAVELOS: Central, R. 5 de
Outubro, 25 (T. 2470037).
Permanente; SÃO DOMIN-
GOS DE RANA: Godinho da
Silveira, R. Afonso de Albu-
querque, lote B, loja 2 (T.
2470361). Até às 22 horas;
PAREDE: Alair, Av. Gago
Coutinho, Bairro das Caixas de
Previdência (T. 2472948).
Permanente; SÃO JOÃO DO
ESTORIL: São João, Quinta
da Carreira, 29-A (T. 2681186).
Até às 22 horas; SASSOEI-
ROS: Amaral Semblano,
Quinta das Encostas (T.
2461312). Até às 22 horas;
BIRRE: Imani, lote 7-B, Hera
(T. 2852121); MADORNA:
Madeira, R. A (T. 2476326).
Até às 22 horas; AMOREIRA:
Abrantes, Vivenda Maria Car-
los Anjos (T. 2682313). Até às
22 horas; CASCAIS: Nova, E.
de Alvide, Fontainhas (T.
281044). Permanente.

Linha de Sintra —

AMADORA: Jardim, Av.
Conde de Oeiras, 120, Rebolei-
ra (T. 4938424). Permanente;
CONFIANÇA, Av. D. Nuno Álva-
res Pereira, 15-A (T. 4938149).
Até às 22 horas; DAMAIA:
Lemos, R. de Goa, 21-A (T.
971121). Permanente; QUE-
LUZ: Gil, Av. Miguel Bom-
barda, 28 (T. 950117). Perma-
nente; CAMARATE: Nova da
Charneca, R. Cidade de Lis-
boa, 9-A (T. 2571626). Até às
19 horas; CACÉM: Silva
Duarte, R. Elias Garcia, 167
(T. 9248120). Permanente;
MEM MARTINS: Quimã, E.
de Mem Martins, 285 (T.
9210012). Permanente; MER-
CÊS: Claro Russo, R. Abade
de Faria, 2-A (T. 9215275). Até
às 22 horas; RIO DE MOURO:
Riomouro, Av. Oscar Monte-
iro Torres, 6 (T. 9260194). Até
às 22 horas; COLARES: Abre-
ja (T. 9290088); SÃO PEDRO
DE SINTRA: Valentim (T.
2930456). Permanente.

TEATROS

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Às 21.30

«ROMANCE DE LOBOS», de Ramon Valle-In-
clán. Encenação de Xosé Blanco Xil. Cenários e
figurinos de Simon Soarez. Música de Manuel Bol-
boa. Escolha de J. Mendez. Coreografia de Fernando
Lima. Intérpretes: Rui de Carvalho, João Perry,
Manuela Cassola, Eunice Muñoz, entre outros.

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 16.30

Sala Experimental

«UMA NOITE EM CHEIO», de Stephen Polia-
koff. Encenação de João de Ávila. Interpretação de
Ángela Pinto, Isabel Bernardo e Durval Lucena.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«TRILOGIA DA GUERRA» (1.ª parte), de
Edward Bond. Tradução de Miguel Cintra, Luís
Lima e José Manuel Mendes. Encenação de Luís Mi-
guel Cintra.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

De terça a sáb., às 21.30; domingos, às 16.00

«AS SENHORAS DAS QUINTAS-FEIRAS»,
de Lohé Bellon. Pelo Teatro-Estúdio de Lisboa.
Tradução e dramatização Monique Rutler. Encena-
ção de Luzia Maria Martins. Intérpretes: Carlos Viei-
ra de Almeida, Clara Joana, Luísa Ortigosa, Manuel
Medonça e Maria Dulce.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56

3.ª, 4.ª e 5.ª, às 21.30; 6.ª, sábado e domingo, às
20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«CÁ ESTÃO ELES». Texto de César de Oliveira
e Varela Silva. Interpretado por Camilo de Oliveira,
Luísa Barbosa e Maria Armanda, entre outros.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e
feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Olivei-
ra, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de
César de Oliveira.

Teatro da Graça

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«O PAÍS DO DRAGÃO», de Tennessee Wil-
liams. Pelo Grupo de Teatro Novo. Encenação de
Carlos Fernando. Intérpretes: Alexandre de Sousa,
Elias Lisboa, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro,
Lia Gama, Manuel Mendes, Maria José Pascoal,
Maria José e Rui Pedro. Cenografia de Dalton Salem
Asseff.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às
16.00

«OS POLÍCIAS», de Mrozek. Direcção de Helder
Costa.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala Café Teatro

Sextas e sábados, às 23.00

«FARSA VOCÊ MESMO», de Abel Neves, Car-
los Paulo e Ary dos Santos. Intérpretes: Almene
Gonçalves, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Isabel
Medina Paulo Ferreira e Manuela Couto.

Teatro do Triângulo

R. da Cintura do Porto de Lisboa, Santos — Tel.
67 61 91

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«O FÍSICO PRODIGIOSO», de Jorge de Sena.
Adaptação e encenação: André Nuno.

Teatro da Nova — Universidade Nova

Av. de Berna

De segunda a sábado, às 21.30

«ROQUE À PRESIDÊNCIA OU A QUEDA E
O COICE», de Rui Costa Lopes. Encenação: Carlos
Fogaça.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 — Tel. 69 72 99

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«ELECTRA OU A QUEDA DAS MÁSCA-
RAS», de Marguerite Yourcenar. Encenação: Filipe
La Féria. Intérpretes: Glícinia Quartín, João de Ávi-
la, Juvenal Garcês, Rocha Santos, Virgílio Castelo e
Zita Duarte.

Cascais — Espaço TEC

Junto ao Pão de Açúcar

De terça a domingo, às 21.45; sábados, domingos e
feriados, também às 17.00

«APARECEU A MARGARIDA». Texto e encena-
ção: Roberto Athayde. Cenários: Fernando Filipe.
Intérpretes: Graça Lobo e João Soromenho.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto de Figueiredo — Tel. 267 03 20

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às
17.00

«TARTUFO», de Molière. Pelo Teatro Experi-
mental de Cascais. Encenação de Rogério de Carva-
lho. Interpretação de Santos Manuel, Marília Costa,
João Vasco, Luísa Salgueiro, Paulo B., Alexandra
Lencastre e Luís Rizo, entre outros.

Setúbal — Teatro de Bolso

Rua Dr. Aníbal da Silva, 9 — Tel. 29130

(Quintas a domingos, às 21.30)

«Boavida» e «O Diploma» de Pirandello, pelo
Teatro Animação de Setúbal. Enc.: Carlos César.
Int.: Gil António, João Victor, Maria Simões, Nuno
Mello, Pompeu José, Rui Paulo, etc.

Teatro da Academia Almadense

R. Capitão Leitão, 64 — Tel. 275 21 75

6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«O FIM DA ENFERMEIRA JOÃO», de Frank
Marcus. Pela Companhia de Teatro de Almada. En-
cenação de Artur Ramos.

TEATRO ABERTO

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

5.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

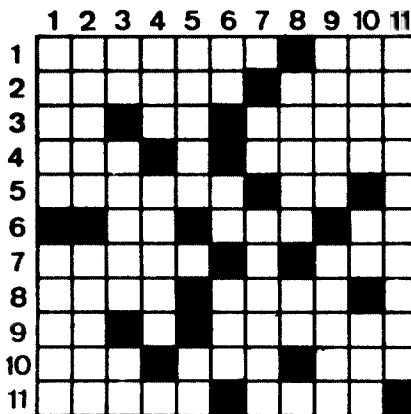
«A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE
ASSIS», de José Saramago. Cenário e encenação de
Norberto Barroca. Figurinos de José Costa Reis.
Música de Paulino Garcia. (Com o apoio do «Diário
de Lisboa»)

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 17073

HORIZONTAIS:

1. Taca. Preposição.
2. Frutos silvestres. Sova.
3. Batizado. Campêlo. Filtrai.
4. Oásis. Rumo.
5. Cotidões. Centiare.
6. Apelido. Antepassado. Despido.
7. Calotes (gir). Tempo do verbo ir.
8. Dito aviso de alguma coisa em
voz alta. Descerra.
9. Lago. Murmurar.
10. Tanto. O mesmo que amar. Dis-
tinto da ex-Índia portuguesa.
11. A nata a fina flor. Animais ver-
tebrados com o corpo coberto de
penas.



VERTICAIS:

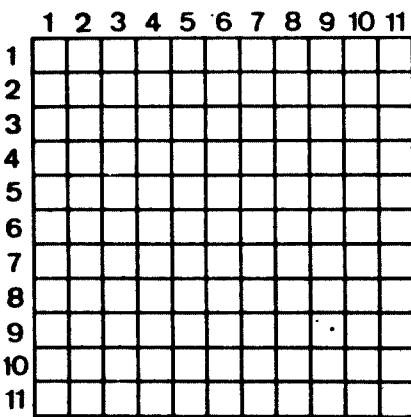
1. Rapaz ou rapariga folião e le-
viçoso. O género humano.
2. Desceja. Bradas.
3. Boro (s.q.). Reles. Ondas curtas.
4. Estava. Região da África, na
Guiné Setentrional.
5. Pista. Mililitro.
6. Noso Senhor. Apelido. Apelido.
7. Duzentos em romano. Pessoa de
muito mau génio.
8. Limitado. Reis.
9. Costumara. Denúncia.
10. Cidade da Grécia. Sócio (s.q.).
Suspiros.
11. Perversão sexual na qual o prazer
só pode ser obtido mediante so-
frimentos físicos ou morais.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15899

HORIZONTAIS:

1. Região ao S. da Espanha travessa-
da pelo rio Guadalquivir.
2. Mulher israelita que no tempo dos
Juizes habitava Belém. Bolo de
farinha de arroz e azeite de coco
usado na Ásia.
3. Nome de peixe. Artigo definido
(ant.).
4. Autores. Detestável.
5. Pato também conhecido por ca-
turo. Tostas.
6. Tomba. Utensílio doméstico.
Vento frio, agreste (pop.).
7. Naturais da Arábia.
8. Aventura. Paixão.
9. Bondosa. Estafê.
10. Espiritado. Samário (s.q.).
11. Moderato. Batizado. Aldeia de
Itália.



VERTICAIS:

1. Cidade da Turquia. Felicidade.
2. Hora canónica correspondente às
quize horas. Irmão de Moisés.
3. Delimitavam.
4. Fruta da Índia, que se põe em
conserva para excitar o apetite.
Bério (s.q.). Caminhar.
5. Atílio. Realizara.
6. Letra grega. Guarnecera de asas.
7. Insecto díptero, espécie de mos-
ca. Passado.
8. As riscas.
9. Em partes iguais. Sufixo que de-
signa abundância. Pedra de moi-
nho.
10. Avaliar. Nota musical.
11. Que tem calos. Move os remos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17072

HORIZONTAIS:

1. TIRAR. NABOS.
2. Res. Soca.
3. Dominem.
4. Ar. Samos. Er.
5. Ca. Cassa.
6. Pago. Sa. Aço.
7. Ul. Soera.
8. Arola.
9. Acerta. DI.
10. Rod. Recatar.
11. Amolaras. Ro.

VERTICAIS:

1. DA. PÚCARA.
2. Imortal. Com.
3. Medo.
4. Ariscos.
5. Renas. Ostra.
6. SEM. SE. Aer.
7. Moçara. Ca.
8. As. Sa. Arras.
9. Bom. Sa.
10. OC. ESCALDAR.
11. Saiário. Airé.

PROVERBIO: Tirar nabos da
púcara sem se escaldar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15898

HORIZONTAIS:

1. Be. Modas. CC.
2. Arai. Imitar.
3. Dais. Namoro
4. Amacia. La.
5. Re. Milão.
6. Onal. Acaria.
7. Zama. Rarear.
8. Crés.
9. Atue. Ais. Mu.
10. Solas. Com.
11. Sós. És. Era.

VERTICAIS:

1. Badajoz. As.
2. Eram. Rastos.
3. Aiam. Ulo.
4. Miscelâneas.
5. Dinamarca.
6. Ama. Içarias.
7. Simulares.
8. To. Ares. Ce.
9. Carlota. Mor.
10. Croa. Arruma.

Antena 1

16.00: Pequeno jornal e rocklândia; 17.00: Campanha eleitoral; 18.00: Campanha eleitoral; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A viver também se aprende; 21.00: Imaginário; 22.00: Campanha eleitoral; 22.30: Campanha eleitoral; 23.00: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.25: Panorama, da obra de Reinhold Gliere; 16.30: Álbum musical; 17.00: Correspondências; 17.30: Trechos de ópera; 18.40: «Suite Lírica», de Grieg; 19.00: Integrais; 19.47: Música, de Schubert; 20.40: Música, para violino, de Tartini; 21.00: Histórias de música e outras; 21.31: Música de câmara, de Reicha; 22.00: Música vocal comentada; 23.30: Concerto sinfónico; 00.50: Último andamento; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397 m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Ao fim e ao cabo; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial; 23.55: Meditando.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Cantar português; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Informação e música; 20.00: Porto de abrigo; 20.30: Meia de música; 21.00: Palácio de Cristal; 23.00: Bola branca; 23.30: Porto final.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Os cem mais; 20.00: Serra de Estrelas; 22.00: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

18.01 - Sumário
18.06 - Brinca Brincando
«Mop e Smiff», «Luluzinha» e «O Vento nos Salgueiros»

18.50 - Par ou Ímpar
19.15 - Boletim Meteorológico para a Agricultura
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.06 - Boletim Meteorológico
20.10 - Campanha Eleitoral para a Assembleia da Republica
«CDS», «CDU» e «PS»
20.45 - Dona Santa

3º Episódio: Um marginal assalta uma ourivesaria e, disfarçadamente, pede a Dona Santa que o leve no seu taxi até à estação da Luz, mas no caminho, com medo de ser preso, muda de ideias e foge pelo banco traseiro, deixando no táxi uma pasta tipo «007», antes de se esconder. Quando chega a casa, Dona Santa descobre essa pasta que fora encontrada por Margareth e Sidney quando brincavam. Com algum receio e alguma admiração, Dona Santa pega nela, pensa antes de abri-la e ao fazê-lo fica pálida de espanto. Dentro da misteriosa pasta só se viam jóias. Dona Santa acaba por se sentir a receptora do produto de um roubo. As complicações que isso lhe vai trazer.

21.40 - Campanha Eleitoral para o Parlamento Europeu
«PDC», «PS» e «UDP»

20.15 - Alf - Uma Coisa do Outro Mundo

16º Episódio: Alf, apanhado pelo espírito do dia de S. Valentino — o dia dos namorados, — decide fazer o papel de cupido para a mãe de Kate, que nunca mais se encontrara com nenhum homem desde que o marido morrera, há dez anos.
Realização: Nancy Heydorn

22.05 - Primeiro entre Iguais

9º Episódio: Todos os membros do Parlamento ficam chocados pelo facto de terroristas terem assaltado um navio da marinha britânica. Devido a esse acontecimento, começa entre Simon Kerslake, Ministro da Defesa e Charles Seymour, Ministro dos Negócios Estrangeiros, um combate terrível em que os golpes sujos e mortíferos se sucedem.

Desse combate, aliás, poderá surgir o futuro líder do partido conservador.

Raymond Gould descobre algo que pode destruir os adversários, enquanto Andrew Fraser é o primeiro dos quatro a atingir o lugar de líder partidário.

Realização: Mervyn Watson

23.45 - Notícias



O 9º episódio da série «Primeiro entre Iguais», no 1º canal às 22.05



No 2º canal às 22.40, o 5º episódio da série «Soldados»



17.16 - Os Imigrantes

10º Episódio

18.00 - Countdown

19.00 - Simon Show

20.00 - Modelo e Detective

3º Episódio: Maddie e David tomam conta de um caso intrigante, indo investigar a morte inesperada de um popular locutor de rádio, Paul McCain, quando o seu programa estava no ar.

Apesar da oposição de Maddie, David insiste em que tratem do caso e ambos se vêm envolvidos numa série de complicações quando procuram o corpo de Paul.

Realizador: Peter Werne

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Montra de Livros

21.35 - Sarilhos Com Elas

3º Episódio: Entusiasmada, mas ao mesmo tempo apreensiva, Rose hesita em aceitar um convite para fazer um cruzeiro que promete vir a ser romântico, na companhia do encantador e simpático Arnie. No entanto, a ternura e amabilidade dele conseguem fazê-la mudar de ideias...

Realização: Jim Drake

22.05 - O Tempo e o Vento

13º Episódio

22.40 - Soldados

5º Episódio: O tanque é a arma de choque dos exércitos modernos e deve reunir características fundamentais: mobilidade, protecção e poder de ataque. O seu êxito ou fracasso depende exactamente de se conseguir ou não um perfeito equilíbrio entre aquelas características.

Apesar da sua curta história — desde os primeiros modelos da I Guerra Mundial até aos mais recentes utilizados no Médio Oriente — a história dos tanques tem sido, também, a dos homens que neles viveram, lutaram e morreram.

Produtor: John Gau

AMANHÃ

RTP-1

10.02 - Às Dez
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Estádio
18.00 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Ímpar
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.10 - Campanha Eleitoral para a Assembleia da Republica
20.40 - Dona Santa
21.25 - Campanha Eleitoral para o Parlamento Europeu
22.00 - MOBIL nos Caminhos de Portugal
22.15 - O Programa das Festas
22.45 - Notícias
22.50 - Pelo Noite Dentro

RTP-2

17.16 - Os Imigrantes
18.00 - Countdown
19.00 - Simon Show
20.00 - Modelo e Detective
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Sarilhos Com Elas
22.00 - Troféu
22.30 - Aventura e Paixão



Cabeleireiro Eva

— É um cabeleireiro para as senhoras que não dispõem de tempo e não querem gastar muito dinheiro.

MANICURE — PEDICURE — DEPILAÇÕES — SAUNA

Pr. Marquês de Pombal, 1 — Lisboa

GRUNDIG seleccionou para si...



GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua da Restauração, 146 - LISBOA
Tel. 474 44 44





PORTE
PAGO

DL

Fundador **Joaquim Manso**

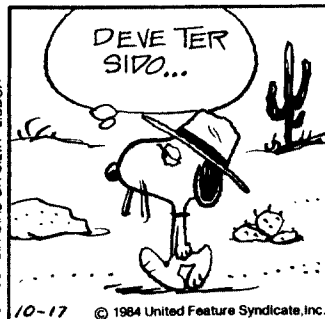
Propriedade, Composição e Impressão: **RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.**
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES 32 11 54 / 5 — 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção 32 02 71 2 3
Endereço Telegrafico: **DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL**
Distribuição: **INTERPRESS Rua do Norte 115 — 1200 LISBOA**
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84

Preço do "DL" na Madeira 40\$00

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruella Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**



"Bronca" do duplo 32-0 faz "sangue" no futebol

O escândalo do duplo 32-0 registado em jogos altamente influentes no futebol aveirense tinha (forçosamente) de estar ligado a sombrias manobras de bastidores, com muita gente envolvida na deturpação da verdade desportiva. A partir do espanto desencadeado pelos rocambolescos desfechos desse insólito domingo em que se jogava promoção e descida do torneio regional, já com a agravante de anteriormente alguns resultados também parecerem ter sido combinados anteriormente, obrigaram a Associação de Aveiro a abrir um inquérito que, nas mãos do dr. Rui Traqueia e ao longo de 800 páginas, acabou por conduzir ao mais duro castigo até hoje pendente sobre o luso futebol.

Veja-se só: descem de divisão cinco clubes (Sanjoanense, Bustelo, Paços de Brandão, Tarei e Cortegaça, este último porque facilitou a vida do Bustelo, permitindo-lhe ficar livre de queda no escalão inferior), são irradiados os presidentes da direcção de três colectividades (Sanjoanense, Paços de Brandão e Cortegaça) mais o vice-presidente do Bustelo e, ainda com irradiação de toda a actividade desportiva, foram penalizados 37 jogadores, dos quais duas dezenas eram considerados «profissionais». Por seu lado, é solicitado (no processo disciplinar) que o Conselho de Arbitragem da Federação de Futebol mova imediatos inquéritos aos trios de arbitragem que actuaram) que o Conselho de Arbitragem da Federação de Futebol mova imediatos inquéritos aos trios de arbitragem que actuaram nos jogos Cortegaça-Bustelo, Paços de Brandão-Tarei e Bustelo-Sanjoanense.

Estão no Museu, em Lisboa

"Diário de Lisboa" desvenda mistério dos azulejos

Está desvendado o «mistério» dos azulejos do Convento de Jesus, de Setúbal: encontram-se a restaurar, no Museu do Azulejo, dependente do Instituto Português do Património Cultural. A informação foi esta manhã prestada ao «DL» pelo subdirector da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, António Manuel Ribeiro.

O provedor da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal havia admitido o extravio de azulejos que revestiam as paredes da cripta do Convento de Jesus, em Setúbal, que é património do Estado, se bem que a direcção canónica da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia tenha aí a sua sede. Rúben Valle Santos, provedor da Misericórdia de Setúbal, disse ao «DL» que os azulejos foram retirados, a pretexto de não se encontrarem em boas condições e terem que ser restaurados. A Direcção-Geral dos Monumentos e Edifícios Nacionais (DGMEN) aproveitou então o facto para reparar as paredes da cripta, local muito húmido e permissivo a infiltrações.

As paredes foram recuperadas há já dois anos, aguardando a chegada dos azulejos. Azulejos esses que estão a ser restaurados em Lisboa, no Museu do Azulejo, não se sabendo, por ora, quando estarão prontos para voltarem para o Convento de Jesus, em Setúbal. O subdirector da DGMEN disse ao «DL» que «a sua capacidade de actuação é bastante limitada», pelo que haverá que esperar até que estejam recuperados.

O provedor da Misericórdia de Setúbal havia manifestado a sua estranheza, admitindo mesmo que os azulejos se tivessem extraviado. Mas não: estão a ser restaurados, a passar pelos banhos necessários, devendo voltar a Setúbal, cujo convento — venceu António Manuel Ribeiro — é património do Estado, e não da Misericórdia local.

O pessoal da DGMEN não está autorizado a prestar declarações à Comunicação Social. Para o fazer é obrigado a solicitar autorização à Secretaria de Estado da Construção e Habitação. Foi depois dessa diligência que o seu subdirector falou ao «DL».



FRANÇOIS MITTERRAND, Presidente francês, chegou ontem a Helsínquia para uma visita de dois dias, que inclui conversações com o seu homólogo finlandês, Mauno Koivisto. Logo após a sua chegada ao aeroporto, Mitterrand foi conduzido ao palácio presidencial para se encontrar com Koivisto. O Presidente francês é acompanhado pela sua mulher, Danielle, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Jean-Bernard Raymond, e por outros altos funcionários.

CICCIOLINA, a «porno-deputada» italiana, contrariou as expectativas criadas aparecendo ontem no Parlamento com um justo vestido branco, soquetes e um crucifixo de ouro, em vez do fato negro e transparente com que prometera apresentar-se. Ilona Staller, mais conhecida por «Cicciolina», apareceu no Parlamento italiano para uma reunião com os seus colegas deputados recém-eleitos de forma discreta e quase ingénua, decepcionando muita gente que esperava vê-la fazer «topless» nos corredores do poder. «Vou levar a sério o facto de ser um membro do Parlamento», declarou aos repórteres, que salientaram o facto de ela nem trazer consigo o ursinho de peluche cor-de-rosa que a acom-

panhou durante toda a campanha eleitoral.

LORD COCKFIELD, vice-presidente da Comissão das Comunidades Europeias, chegou ontem a Lisboa para conversações com as autoridades portuguesas, informou uma fonte da Secretaria de Estado da Integração Europeia. Cockfield, responsável pelo mercado interno, serviço da União Aduaneira, fiscalidade e instituições financeiras, avista-se hoje e amanhã com os ministros portugueses dos Negócios Estrangeiros, Finanças, Indústria e Comércio e com o secretário de Estado de Integração Europeia.

RUI NOGAR, escritor moçambicano, afirmou que um dos principais obstáculos que tem inviabilizado o acordo de língua portuguesa é a falta de humildade da parte da ex-metropole colonial, para aceitar que não tem mais o direito de se arvorar em proprietária exclusiva e monopolizadora dos destinos da língua que disseminou. O escritor discursava numa cerimónia da Liga dos Escritores dos «Cinco», que ontem foi proclamada na capital de São Tomé, sob a presidência do chefe do Executivo santomense, Manuel Pinto da Costa. Rui Nogar, que dedi-

cou grande parte do seu curso à língua portuguesa, perante a qual os «Cinco» são sujeitos e não objectos históricos, conforme as suas palavras, acrescentou que, «apesar da boa vontade e tolerância expressa pelos «Cinco», ainda não se conseguiram resultados consensuais» sobre o acordo ortográfico.

JÚLIO IGLÉSIAS, o cantor espanhol que há uns meses comprou os direitos para criar uma equipa profissional de basquetebol norte-americano, teve que desembolsar 42 milhões de dólares, cerca de seis milhões de contos, para lhe ser concedida a adjudicação da sede pela NBA (National Basketball American — Liga profissional). A construção do pavilhão custará aproximadamente 15 milhões de contos, a que se juntará o custo anual dos 12 jogadores do «plantel», técnicos e outros gastos com a manutenção e viagens.

CELSO: o «central» da cortina defensiva portista abalou para férias no seu país mas insiste que, por menos de 18500 contos por época (fora prémios) não continuará ao serviço dos «dragões». O brasileiro já tem um pretendente: o Palmeiras, de São Paulo.

ÚLTIMA HORA

A Televisão Regional de Loures parece ter os dias contados em consequência de divergências internas surgidas com a tentativa de comercialização de tempos de antena junto de alguns partidos. Mas também o sistema de exploração da rede, com a existência de notícias de transmissão de filmes pornográficos e outros programas paralelos poderá contribuir para que esta televisão «pirata» não volte a emitir tão cedo.

EUA desmentem transferência dos "F-16" para Portugal

Uma fonte do Pentágono citada ontem pela agência espanhola EFE desmentiu a informação segundo a qual funcionários norte-americanos e portugueses teriam discutido, em Washington, a transferência para Portugal dos 72 aviões «F-16» esta-cionados em Espanha.

«Não tem qualquer fundamento», terá dito a mesma fonte, acrescentando que «não existe nenhuma base» para a informação procedente de Lisboa. «Enquanto continuarem as negociações entre espanhóis e norte-americanos sobre a redução de efectivos norte-americanos em Espanha, não serão mantidas conversações com nenhum outro país», disse um responsável do Pentágono, e concluiu: «Tão pouco é verdade que os Estados Unidos tenham estabelecido contactos com a embaixada portuguesa e a NATO, em Bruxelas, com este propósito».

Réu no processo da "Eurodiamantes" diz ter utilizado pistola de Regadas

O Ministério Público pediu ontem 16 anos de prisão para José Pereira de Freitas, autor dos disparos contra um dos administradores da «Eurodiamantes», que está a ser julgado com mais três réus no Tribunal de S. João Novo, no Porto. De referir que José de Freitas afirmou em tribunal ter recebido a pistola utilizada das mãos da própria vítima do atentado Jorge Meneses Correia que por sua vez a terá obtido através do subinspector da Polícia Judiciária Júlio Regadas.

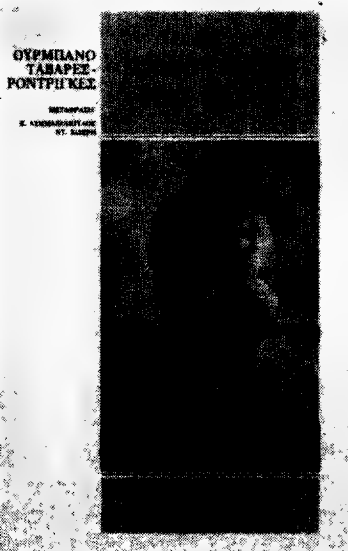
O atentado ocorreu na madrugada de 14 de Março de 1986, na capital nortenha, tendo Jorge Meneses Correia sobrevivido, para aparecer morto meses mais tarde em circunstâncias ainda não apuradas. No que se refere aos outros réus o Ministério Público requereu 13 anos de prisão para Sísíno Alves, oito anos para José Abreu e quatro anos para Manuel Passos, que usufruiu do estatuto de «arrependido». O acórdão será lido no próximo dia 14.

TERRA SOLIDÁRIA



«Terra Solidária»

Com um número dedicado à população mundial, «Terra Solidária», a revista do CIDAC, volta aos escaparates das livrarias. Este número, datado de Maio-Junho de 1987, é, como habitualmente, constituído por cadernos autónomos: «População e desenvolvimento socioeconómico, enigma eterno ou cegueira conveniente?», por Robert Mazur; «Estatísticas da população mundial», por Maria Luís Pinto; «Implosão urbana, situação caótica ou controlada?», por Marie Paule de Pina; «Demografia portuguesa, envelhecimento e atraso económico», por F. Ribeiro Mendes; e «Refugiados, os deserdados da terra», por J.M. Oliveira Antunes. A partir deste número, «Terra solidária» passa a organizar-se tematicamente.



Bastardos do Sol em grego

«Bastardos do Sol», um dos mais conhecidos romances de Urbano Tavares Rodrigues, acaba de ser editado em Atenas, pela casa Apopérites.

A tradução esteve a cargo do romancista Kostas Assimacopoulos e do também escritor Ntina Sidári.

Um prefácio da autoria de Assimacopoulos, acentua a temática do romance de UTR, ao mesmo tempo que o situa no panorama literário português.

«Albatroz»

Das 17 e 30 às 19 horas de hoje, no Jardim do Príncipe Real, é lançada uma nova revista literária, «Albatroz», produto da diáspora portuguesa: em Lisboa, Paris, Bruxelas, os seus promotores definem-se, ironicamente, como «hiper-surrealistas, neo-subromânticos, ultra-realistas, anti-snobinards decadentes».

A metafísica das sensações de F. Pessoa

Um livro de José Gil

Saída dos prelos da Relógio d'Água, aí está a reflexão de José Gil sobre «Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações». Trata-se, não de um comentário literário sobre a obra do autor do «Livro do Desassossego», mas de uma aproximação do seu pensamento, especialmente atenta a uma estética das sensações. O livro abre com páginas que José Gil intitula «O laboratório poético», e de que aqui deixamos um excerto.

Ele tinha o seu laboratório de linguagem. Estava consciente disso, e espantava-se e maravilhava-se como se tudo se passasse fora dele. «No lado de fora de dentro», como ele próprio diria. Porque era realmente dentro dele que se produzia a obra, que se aceleravam os mecanismos que acompanham a produção de palavras, de metáforas, de versos, de poemas, de odes inteiras. Observava-se, examinava atentamente o trabalho rigoroso do poeta, as transformações sofridas por essa matéria-prima (as sensações) de que emergia a linguagem. Matéria-prima ou transformada, porque se tratava também dos efeitos das palavras sobre a receptividade dos sentidos; não importa: por uma dessas reviravoltas em cascata em que ele era mestre, e graças às quais o segundo se torna primeiro, o direito, avesso, ou o dentro, fora, o seu próprio laboratório poético transformou-se em matéria de linguagem; produtor de sensações aptas a converter-se em poema.

Talvez nunca a reflexão sobre o processo criador se tenha tanto e tão maciçamente integrado na obra de um autor. Diz-se muitas vezes, de modo banal: porque escrever se tornara para ele mais do que uma segunda vida. (É verdadeiro e falso, e os dois num sentido diferente daquele que, demasiado simples, se atribui à dicotomia, de origem romântica, literatura/vida). Numa quantidade enorme de poemas, o questionamento acerca do sentir, acerca do movimento de construção da linguagem poética, acerca do acto de escrever no momento em que este se desencadeia, acerca do pensamento e da experiência, e da experiência do pensamento, acerca da realidade «esculpida» e criada pela palavra poética e acerca da realidade dita por certa sensação, não traça apenas os contornos dos «temas», mas oferece-se também como matéria sensível da língua trabalhada.

Não que ele escreva sobre a impossibilidade de escrever ou que se interrogue sobre o não-sentido da escrita (a literatura era a única «verdade» de que nunca duvidou...); pelo contrário, escreve sobre a possibilidade infinita de escrever, sobre a incessante proliferação das palavras e das sensações: assiste à formação do poema perscrutando as próprias sensações, espreitando o seu jorrar, apanhando-as à passagem, vendo-as engastarem-se em palavras, enquanto estas suscitam novas sensações de uma outra realidade... Por vezes, com algum recuo, contempla o processo na globalidade; depois, bruscamente, em dois ou três versos, descreve-o, reproduzindo-o no próprio movimento da escrita. Que estou eu a sentir? De onde vem esta náusea que experimento agora? — pergunta ele no início da *Ode Marítima*; e que me quer dizer esta náusea, qual é o seu sentido? E porque é que estas perguntas tornam mais dolorosa a minha angústia? E com que palavras irei dizê-la? E porque é que me faz pensar em partida? Numa partida ou em todas as partidas de todos os cais — ou será a partida de um Cais único, de um único Grande Cais, absoluto? ... E o poema arranca no desdobramento gradual de emoções, que se desenvolverão cada vez mais depressa.

Mas Fernando Pessoa não se limitou a «assistir», como ele próprio diz, ao desenrolar dos mecanismos que presidiam ao nascimento da linguagem poética, provocou-os, criou as condições experimentais, laboratoriais, que os tornavam possíveis: experimentou, com o maior rigor, a sua estética.

Num texto de 1919, em que estabelece a lista das obras de Bernardo Soares, esse «semi-heterónimo» autor do *Livro do Desassossego*, classifica vários poemas sob a rubrica: «Experiências de ultra-sensa-



ção». Numerosos fragmentos desse mesmo livro descrevem minuciosamente estas experiências dum ponto de vista ora psicológico, ora fenomenológico, ora literário, mas, quase sempre, com uma preocupação maior: captar a lógica da construção poética. E, sendo esta apreensão um elemento da construção, a definição da estética de Pessoa, a sua elaboração concreta, tornavam-se assim a obra fazendo-se: é por isso que o *Livro do Desassossego*, com a sua escrita altamente trabalhada, apresenta, como tem sido frequentemente observado, esboços dos outros heterónimos e até falsos «sujeitos» que não atingem o estágio heteronímico e aparecem, aqui e ali, em estado embrionário.

Estas experiências têm por objectivo estudar as condições de possibilidade da produção poética: esclarecem os fundamentos da estética pessoana, não se referindo apenas a um aspecto particular da obra poética. Na realidade, é a obra na sua globalidade que se encontra em causa: se Pessoa liga directamente as «ultra-sensações» a certos poemas, é porque eles descrevem (como *A Múmia*) o estado experimental em que o poeta voluntariamente se colocou; mas toda a obra nasce igualmente destas experiências.

A um nível mais elevado, a estética de Pessoa comporta uma arte poética que considera as sensações como unidades primeiras, a partir das quais o artista constrói a sua linguagem expressiva. É surpreendente que esta teoria não tenha merecido maior atenção — tanto mais que, do começo ao fim da sua obra, Fernando Pessoa não pára de falar, de pensar, de tomar como tema as sensações, a ponto de fundar um movimento literário, o «sensacionismo»; é que todas as questões clássicas da exegese da sua poesia (a heteronímia, a realidade, o sonho, a consciência, a vida, etc.) giram à volta da sua doutrina das sensações. É, de resto, esta a ideia subjacente às páginas que se seguem.

A doutrina das sensações, concebia-a Pessoa como uma ciência — e a actividade de analista, como aquilo que dava sentido à vida obscura de Bernardo Soares: «Reduzir a sensação a uma ciência, fazer da análise psicológica um methodo preciso como um instrumento de microscópio [sic] — pretensão que occupa, sêde calma, o nexo de vontade da minha vida...». Em vários textos teóricos, em simples notas sem continuidade, Pessoa volta incessantemente ao mesmo tema: é preciso criar a ciência futura das sensações, fundar a sua objectividade investigando os princípios de método mais adequados. Esta ciência é a ciência do sonho, quer dizer a arte: a arte, mais do que a ciência ou a filosofia, exprime a essência do real.

Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações, José Gil, Relógio d'Água, colecção Filosofia

Duas Histórias de Lisboa, David Mourão-Ferreira, Ed. Labirinto

N A colecção Roteiro Literário, depois de Praga, da Sicília, do Porto e do Egipto, surge-nos Lisboa pela pena de um dos seus grandes escritores. Depois de «Um Amor Feliz», premiado pela APE, um novo livro de prosa de David Mourão-Ferreira.

São duas pequenas histórias, duas minúsculas viagens pelo espaço geográfico de Lisboa e, sobretudo, como se assinala na contracapa, pela «paisagem interior» do(s) lisboeta(s) focalizado(s).

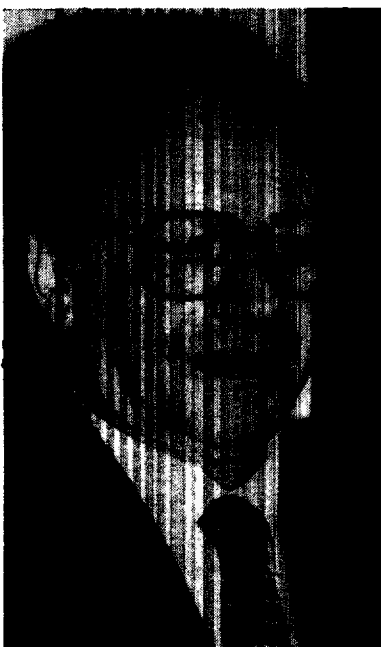
Há um certo tom autobiográfico (ou pseudo-autobiográfico) nas duas narrativas, não obstante a falsa neutralidade do narrador heterodiegético de «O Cachimbo do Santo» (aquela que exte-

riormente apresenta mais traços de autobiografia) a utilização da segunda pessoa verbal, como estratégia narrativa, em «A Tua Véspera de Natal».

Nesta segunda história (a primeira do livro) conta-se que um bem sucedido homem de negócios sente vontade de visitar, na véspera de Natal, o bairro pobre da sua infância. Aí, perante o «ostensivo cubo de nada» que ocupa o local onde fora a sua casa, sente-se assaltado pelos seus fantasmas, que lhe censuram o facto de ter sempre acedido aos caprichos da mãe, a qual, recusando-se a partilhar das suas comodidades de novo-rico, quisera viver até ao fim naquela casa humilde.

A peregrinação parece libertá-lo do sentimento de culpa que o oprime e, à noite, a celebração natalícia corre o melhor possível:

«Não há razão, agora, para teres ficado nesta espertina. Trata mas é de



adormecer. Já é tarde. Ou cedo ainda, se preferes. Mais minuto, menos minuto, começarão os galos a cantar.» (1)

Curiosamente, parecem confluir no protagonista, além desta, as funções de narrador e narratário, como se se estivesse perante um monólogo frente ao espelho.

Em «O Cachimbo do Santo» a personagem central é a figura «vagamente» familiar de um apresentador televisivo de um programa de variedades, inveterado fumador de cachimbo. A sua popularidade (e a do seu cachimbo) dá motivo a um constante assédio feminino: estranhamente, porém, as mulheres que o fascinam e que mais deseja são aquelas que permanecem distantes e inacessíveis.

E assim vai permanecendo fiel à sua relação com Maria do Socorro, jovem divorciada cuja mãe tenta desesperadamente (e hipocritamente, como se verá) impedir o desgaste da já fraca reputação

da filha.

Adrião Quinas (tal é o nome do protagonista) recebe um dia um telefonema de uma senhora idosa que se propõe oferecer-lhe o cachimbo que pertencera «a um santo» e o convida a deslocar-se à sua casa, onde procederá à entrega do mesmo. Aceite o convite da velha senhora (sintomaticamente chamada Maria dos Prazeres), Adrião irá confrontar-se com uma dimensão feminina que não encontra nas mulheres que o cercam, a própria imagem, mitificada, de uma mãe distante.

O convite à psicanálise é irresistível perante a complexidade deste jogo de espelhos, este apelo à infância e, também, esta tentativa de fixar em palavras uma paisagem urbana (e humana) em vias de extinção.

(1) — D.H.L., pág. 27

António Apolinário Lourenço

Eu e os Outros, de António Mendes Moreira, Brasília

EDIÇÃO da Brasília, do Porto, apareceu recentemente nas livrarias o terceiro volume (ou tomo, como se lê na capa) de *Eu e os Outros*, de António Mendes Moreira.

Será talvez necessário dizer de quem se trata, o A. Médico — hoje aposentado, informação do próprio livro, — em Paredes e na região (Vale do Sousa), médico-escritor, como outros casos (Namora, Araújo Correia), tem já no activo um certo número de livros publicados nos domínios da narrativa (os romances *O tojo também floresce*, *Vilateia*, 1975, *Sobretudo o amor*, contos, 1985, e *Vida de Médico*, episódios da clínica, 1966), do comentário crítico (classifiquemos assim um conjunto de reflexões sobre problemas de desenvolvimento como *Pensando no Vale do Sousa*), dois livros dedicados ao público infanto-juvenil, e da diarística-memorialística — agora os três volumes de *Eu e os Outros*.

Do conjunto desta obra tem-se uma imagem um tanto esbatida, difusa, distante de nós, de nossas preocupações e interesses. Mas a leitura dos diários, pelo menos, sugere-nos um escritor nosso contemporâneo e com quem poderemos partilhar referências e perspec-

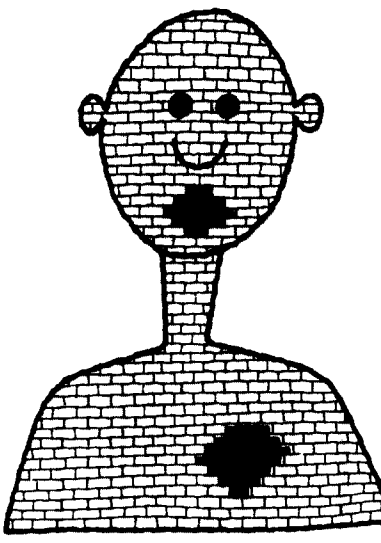
tivas. Dos diários e dos livros restantes ter-se-ão também duas ou três ideias mais ou menos seguras e sugestivas. Por exemplo, seriedade, dignidade, e até rigor, profissionalismo.

Explicuemo-nos minimamente.

A seriedade, vêmo-la, nesta obra, principalmente nos diários, na constante reflexão do escritor sobre a sua própria condição, sobre a sua sentida vocação e as dúvidas, hesitações, perplexidades sobre isso. Prevalece sempre uma decisão de ser escritor, traduzindo-se no escrever. A assunção disso faz-se com alguma tenacidade, pressente-se. Há ainda alguma humildade, uma grande modéstia — por vezes excessivas.

O profissionalismo tem a ver com isto e é talvez o aspecto mais sério deste caso. Assinalaríamos desde logo dois pormenores: um, o respeito, a consideração, o apreço e até a estima em relação a opiniões de outros, designadamente dos críticos, da crítica; outro, o facto de, às oportunidades que se lhe têm proporcionado de fazer reedição de livros seus (que as primeiras edições entretanto esgotaram-se, o que quer dizer que este escritor, a sua obra, tem público), o A. proceder a revisões e correcções — umas talvez sugeridas por comentários de outros, outras por decisão decorrente do exercício da autocritica.

Não temos, das primeiras edições, conhecimento que nos habilite a uma avaliação das alterações feitas. E os re-



sultados nem nos parece que sejam muito felizes. Ainda que reescrito, romances como *O tojo* e *Vilateia* não nos oferecem assinaláveis motivos de interesse, para além de temas e assuntos, o que é pouco. Mais do que isso ainda será o que reescreverem-se pode significar de auto-exigência. E, de qualquer forma, não creio que a novelística seja o mais importante da obra de Mendes Moreira, embora seja de admitir que é aí que o A.

faz o seu maior investimento. E talvez não — é o que parece contrapor a publicação deste terceiro volume do que o A. chama diário-memória.

Já aqui falámos de Mendes Moreira. Foi há cerca de um ano, a propósito do segundo volume de *Eu e os Outros* (v. «DL», 1-5-86). Um ano passado, mantém-se a ideia de que o mais interessante ou importante desta obra são as narrativas de *Vida de Médico* e esta série *Eu e os Outros*. Os escritos sobre problemas de Vale do Sousa é óbvio que têm um interesse limitado ao âmbito local e regional.

Dispensamo-nos de confrontos entre *Vida de Médico* e outros no mesmo âmbito de referência socioprofissionais. Nem haverá assim tantos e o mais conhecido, *Retalhos*, pertence à obra de Namora, que é das principais referências da novelística portuguesa contemporânea.

Mendes Moreira, obviamente, não tem obra que o situe neste plano, mas devemos ter, destas coisas, um entendimento liminar segundo o qual — na contemporaneidade, desde logo, mas também, e não muito menos, no futuro — o processo de produção literária não se desenvolve somente pelo trabalho dos escritores mais representativos ou significativos, e precisa, talvez, de uns tantos autores de segundo plano (e porventura ainda de mais, noutros planos

de menor destaque). Difícil será dizer que contributos serão facilmente dispensáveis. Mesmo o tempo, por vezes, tem dificuldade em apurar.

Não chega a ser questão que se ponha — mas é ideia que ocorre e talvez não seja de todo impertinente anotar.

Além disso, deve dizer-se que este terceiro volume de *Eu e os Outros* se lê com aquele gosto ou prazer que livros assim (diários, memórias, testemunhos) sempre proporcionam — e produzem sempre no leitor uma impressão forte e duradoura, além de simpatias ou antipatias, concordâncias ou discordâncias que lhe possam suscitar.

Caiba ainda dizer o seguinte: se nem de tudo se gostar, uma das coisas de que não se gosta (ou de que se gosta menos) nos diários-memórias de Mendes Moreira é a reverência do A. para com o meio — principalmente o de Lisboa e Porto — certas figuras (personalidades) do meio — do género «o ilustre crítico» «o professor doutor», «o dr.», etc. Haverá nestas formas de tratamento espontaneidade, sinceridade, virtudes ou intenções assim. Não preconizamos a irreverência sistemática, mas uma naturalidade mais corrente, longe destas reverências que não contribuem muito para promover (junto de nós, pelo menos) a imagem dum escritor e da sua obra.

Luís de Miranda Rocha

Para publicar «Mar pela Proa»

Uma «estória» de antigamente

MUITOS dos livros que o público leitor encontra nos escaparates tiveram (quase sempre) a sua «aventura». E a palavra vai aspada porque nos queremos referir a certas manobras (sem aspas) que, por parte dos editores, os livros (certos livros, sofrem. É o caso, por exemplo, de *Mar pela Proa*, do escritor açoriano Dias de Melo. Fácil nos é contar a «aventura», uma vez que o autor nos dá conta dela, em *nota de abertura*, na edição da Vega (Colecção 'O Chão da Palavra') pela pena, pois, Dias de Melo, inteiramo-nos dessa «aventura» — e que cada um se pronuncie sobre certos espaços escuros do nosso panorama editorial.

Eis o texto de Dias de Melo:

Não há nada neste Mundo que não tenha a sua história. Tem-na este livro também.

Escrevi-o entre Novembro de 1965 e Maio de 1966. Seguiu para Lisboa em Março de 1967. Esteve numa editora. Daí me escreveram. Que o publicavam, se eu aceitasse as condições propostas; que respondesse com brevidade: tinham pressa de o mandar para a tipografia; e logo me remetieram o contrato formal

para assinar. Respondi imediatamente. Nunca mais me publicaram o livro. E foi o cabo dos trabalhos para recuperar o original.

O Diabo tanto pode viver no inferno como em qualquer cidade ou no recanto mais esquecido de qualquer ilha insignificante derramada no meio do mar. Onde quer que esteja, o Diabo tem garas compridas que alcançam longe. Garas e poderio. Poderio e manha. Sabe vestir a capa de santo, sabe estender a mão no gesto protector do santo. Então se estica nas pontas dos pés e ergue a sua voz, muito gritada, muito berrada, para que todos o ouçam:

— Vede como sou bom! Vede bem que faço! Vede como valho nas aflições, até aos que me acusam de Diabo! Eu, que sou um santo!

Assim o Diabo compra e suborna consciências. Entretanto, na sombra, nunca deixa de ser Diabo.

Terá o Diabo ido aonde seria necessário para impedir a publicação deste livro? Não sei. Só sei que não teria razão para o fazer, que este livro, e todos os livros publicados por mim, nada têm a ver com o Diabo.

Entretanto, seja como for, não dei-



xará o livrinho de se publicar — e exactamente como há sete anos o pensei e conclui:

Não reproduzindo os obscuros acontecimentos que o inspiraram nem retratando os homens que nesses acontecimentos participaram — mas com figuras criadas por mim e inseridas numa narrativa por mim inventada (embora a partir daqueles acontecimentos): figuras que suponho interpretem a narrativa que suponho conter algo de verdade mais profunda que se agita no coração de muitos homens do Mar e da Terra, dos Açores ou de onde quer que seja neste Mundo em angustiada transformação.

Por eles — e para eles — foi que o escrevi. Pelo muito que sofrem e lutam. Pelo muito que sonham e esperam. Pelo muito que se negam a deixar-se vencer pelo sofrimento e pela injustiça e continuam, certos de que, apesar de tudo e para além de tudo, dia virá em que as estrelas baixarão do Céu à Terra — às mãos, aos olhos, aos lábios, às almas de todos os homens — e para todos os homens haverá então na Terra a Paz, a Alegria, a Abundância, a Felicidade, a Liberdade, pelas quais, milénio após milénio, as multidões dos desertados derramaram o sangue e sacrificaram a vida.

Com eles. Com os homens todos — os autênticos homens — de todos os tempos.

Teria, pois, o Diabo ido — ou não — onde seria necessário para impedir a publicação deste livro? Não sabia. Suspeitava. Só. Hoje sei. Como o soube — não importa. Importa que sou. Que sei:

Alguém desta Ilha, que não propriamente o Diabo, alguém com dinheiro bastante para que o pudesse fazer (o dinheiro confere àquele que o detém tanto ou mais poder que o do próprio Diabo), movendo, puxando os cordelinhos (ou as amarras, ou as correntes) das suas influências, impediu, na altura, a publicação do livro, que só viria a acontecer três anos mais tarde, em 1976, na Prelo.

(...) Hoje, pergunto-me:

Valeu a pena? No meu País, no meu Arquipélago, na minha Ilha, na minha Terra — que fizeram os homens (com homens signífico homens e mulheres) quando tudo tiveram ao alcance (25 de Abril) do Sonho e da Esperança? que fizeram? Que fazem?

Contudo, ainda confio. Quero confiar.

Breve encontro com Maria Graciete Besse

A literatura portuguesa de hoje respira uma liberdade que durante várias décadas o salazarismo brutalmente retirou aos escritores do nosso país. Diversos estilos e tendências estéticas se cruzam sem formar, ainda, correntes bem desenhadas. Com cinco livros publicados, Maria Graciete Besse representa uma dessas vozes livres e inquietas que abrigam novas maneiras de dizer numa pesquisa de comportamentos e formas de vida que perscrutam a sensibilidade humana mais recôndita, mais protegida. O seu caminho poético de igual que a sua procura vivencial está atravessada por direcções diferentes.

PROFESSORA de Português numa universidade francesa, doutorou-se com um trabalho sobre neo-realismo: Alves Redol. Posteriormente investiga os traços do feminismo nas letras-pátrias. Diz-se grande apreciadora da poesia de António Ramos Rosa, cujo rasto de impressionismo sensual se capta nos seus versos. Uma amostra da curiosa mistura que procura revelar ao leitor durante uma curta conversa.

Livros publicados: «Rosto Sitiado», poesia, Ed. Fenda, 1983; «Mulher Sentada no Silêncio», Ulmeiro, 1985; «Transparências», & ETC, 1985; «Labirintos do Corpo», Ulmeiro, 1986. Em vias de publicação: «Errâncias», poesia, Ulmeiro.

Desde quando é que você escreve? Qual tem sido o sentido que escrever, publicar adquire para você?

— Não me lembro exactamente de quando comecei a escrever. Creio que foi bastante cedo. A escrita pareceu-me sempre uma forma de respiração fundamental, uma maneira de chegar ao outro lado das coisas, de mim... Hoje, encaro-a cada vez mais como uma disciplina libertadora e um momento de transgressão. Escrevo para me sentir viva e a publicação — que tem sempre a ver com um estatuto narcísico do sujeito — é uma confirmação da minha existência, talvez uma maneira de pôr em ordem muitas obsessões. Publicar é sobretudo a aventura de partir ao encontro dos outros, procurando ecos, formas diferentes de sentir. De certa forma, os meus melhores amigos chegaram-me graças aos livros que publiquei...

Na poesia (Rosto Sitiado) há menos drama. A beleza rítmica e o ressaltar das imagens na transformação metafórica fazem esquecer um tanto a incomunicabilidade. Mas os seus textos em prosa ainda respiram um enovelamento de sensações do mesmo cariz. Para si, como é que reparte estas formas de dizer e de significar?

— Parece-me que a escrita traduz um desejo, uma necessidade — talvez de nos fazermos amar, como dizia Roland Barthes — e corresponde a uma afirmação, além do carácter catártico que desde sempre se lhe reconheceu. Vivo muito de

experiência sensível e o que me interessa no poema é a recuperação de um espaço de encantamento, uma certa forma de fulguração e, ao mesmo tempo, de atenção ao outro, ao mundo. Tanto em *Rosto Sitiado* como em *Transparências*, procurei traduzir esse desejo de comunicar de partilhar beleza com o leitor — mesmo se a beleza é sempre o começo do terrível, como ensina Rilke... Na prosa, a minha forma de significar continua atravessada pelas imagens poéticas. Em *Mulher Sentada no Silêncio*, tentei a narração crítica de um mundo de preconceitos, de asfixia, mas também a criação de um espaço onde a mulher se constrói liberta. É um livro que fala de rostos trabalhados pelo tempo, certos crepúsculos, uma aurora luminosa — aquela em que a mulher sai de casa e descobre a sua força, em harmonia perfeita com a natureza. Mas no âmago do texto está um diálogo permanente com a vida, com a paixão, que aparece também em *Labirintos do Corpo*.

O que se sente estabelece uma relação com aquilo que foi vivido, hoje e ontem. Como é que você trabalha esse material do real?

— É claro que o real constitui quase sempre a matéria de base da ficção, mas é um real atravessado por elementos fantasmáticos, contaminações imaginárias. A criação literária, para mim, não é entendida como uma compreensão ou explicitação do real, é antes uma interrogação constante, uma maneira de caminhar à procura do mistério das coisas, de nós próprios, para poder depois respirar de forma diferente, mais sentida, mais exclamativa.

— A sua tese de doutoramento sobre Alves Redol, grande figura do neo-realismo português, assinala uma preocupação de estilo e pôr problemas de sociedade que nos seus escritos são tomados diferentemente. Como é que você, M. Graciete Besse, sente essa relação entre estes e as motivações dos neo-realistas?

— Uma tese é um percurso iniciático, uma espécie de ritual de passagem e a escolha do tema nunca é inocente. Debrucei-me sobre Alves Redol e o neo-realismo porque tinha certamente de resolver questões com o meu próprio meio de origem, mas isso é algo de muito complexo. Passei alguns anos a trabalhar sobre uma problemática que me apaixonou porque tinha a ver com um projecto colectivo e com valores que considero essenciais, como a liberdade, a generosidade, a denúncia de tudo aquilo que torna o homem menos homem... O neo-realismo português está hoje muito mitificado — e até desvalorizado por certos sectores da crítica — mas continuo

a pensar que foi um dos momentos mais fortes da nossa literatura. Alves Redol pôs em evidência as implicações sociais, económicas, culturais e até morais da feroz exploração de que eram vítimas os trabalhadores. Isso tinha a ver com um espaço e com um tempo bem definidos, numa época em que a literatura era porta-voz de um sonho de dignidade e de libertação. Foi para melhor compreender e ultrapassar a minha ligação afectiva, o meu apego, talvez lírico, a esses problemas que escrevi uma tese. Mas é evidente que num trabalho universitário, por natureza distanciado e objectivo, a dimensão do prazer só podia ser conquistada pelas implicações imediatas, ou até pelas pulsões que a investigação permite pôr a circular. Nos meus escritos, o espaço social não aparece conotado imediatamente a uma primeira leitura. O que surge de mais evidente são as trajetórias da identidade, certamente agravadas pelo facto de eu estar a viver fora do país, num determinado espaço sociocultural. Mas pa-

rece-me que a atenção ao real estrutura a emoção, a maneira de sentir ou de dizer as coisas.

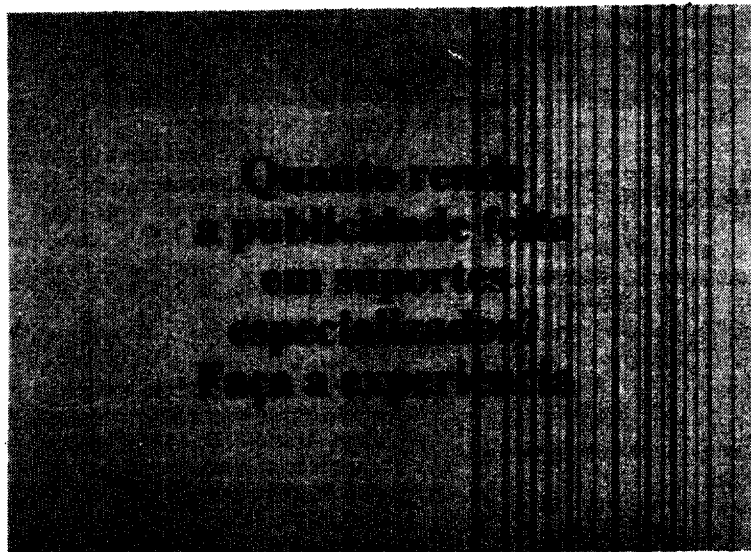
— *Labirintos do Corpo* é um texto de grande modernidade que para mim encerra elementos da escrita que veremos no futuro mais aplicados. A história, que todos hoje reconhecem de alcance secundário, aparece em filigrana, por trás de um véu de sensações, emoções e intencionalidades de cores. Como é que você concebeu essa relação?

— Em *Labirintos do Corpo*, o discurso poético surge como alternativa, como única via de esperança, porque me parecia importante contrapor ao universo de desencanto e solidão da narradora um percurso capaz de conquistar asas, num processo de crescimento tocado pela limpidez, pelo sensível. Não sei se consegui. Esse livro foi escrito como um grito, em busca desesperada da comunicação com o Outro. E, de facto, não me interessava contar uma história, mas antes traduzir estremecimentos.

— Com o fracasso das retóricas e das utopias sociais, a aparência do sensível recobrou um papel de evidência que ocupa o espaço mais real. A escrita do corpo, da sensibilidade, surge como dado irrefutável e seguro a que todos podem atrelar-se sem frustração. A. Caeiro havia tentado essa transliteração, sem passagem pelo racional que Pessoa logo desmitificava. Na sua escrita opera-se uma nova forma de revelação da sensibilidade. Até que ponto é isso consciente no seu trabalho?

— Parece-me que em cada livro há o apelo a uma cumplicidade diferente e também a certeza de que algo está sempre por acontecer. É esse absoluto de possíveis que mais me toca. No fundo, gostava que a minha escrita fosse essencialmente transitiva, lugar de passagem para outros espaços, lugar de encontro para outros fulgores... Mas já que citou Alberto Caeiro, estou a lembrar-me que ele falava duma «aprendizagem de desaprender» e é talvez isso que me aparece hoje como a tarefa mais essencial: escrever com sensações novas, como se estivéssemos a nascer a cada instante...

Daniel Lacerda



Na terça-feira

Sete Ponto Sete

Evocação do «Stürmer»

O Stürmer olha para dentro de si, para o seu interior, sem esquecer, porém, a natureza que o cerca e — como frequentemente ocorre — o espírito de Deus que, na mesma Natureza, acusa a sua presença...

... Mas é dentro de si, na sua totalidade anímica, na carga contraditória que o assalta — carga de pensamentos e crenças, emoções e sentimentos, arrebatamentos e paixões —, que ele encontra a matéria-prima que trabalhará na lírica, os grandes temas que focará nos dramas.

Descrente do optimismo progressista que enformara, de modo avassalador, a cultura da primeira metade do século XVIII, o Stürmer deixara de confiar no esquematismo da razão iluminista. Tal moldura racional, estiliza-a justamente o tropel de paixões e emoções, que, de assalto lhe toma a alma.

Atento à literatura dramática de além-fronteiras, o Stürmer, depois de (renegando Gottsched) se afastar do drama francês, aproxima-se do teatro shakespeariano, onde sente vibrar o génio na detecção dos grandes problemas, provações e contradições dos homens de todos os tempos, detecção que, remontando ao zénite grego, dá, da marcha da humanidade, da do espírito do homem, uma imagem não necessariamente linear.

Mais: o Stürmer está atento ao fluxo vital, cósmico, que, inerente a todo o Universo, percorre fauna e flora e vivifica cada criatura humana.

Olhando a Natureza na singularidade das suas manifestações concretas, amando-a (*zurück zur Natur!*), o Stürmer não irá, assim, procurar captar a Natureza através de fórmulas frias, antes a receberá, a possuirá, através dos seus sentidos — vista, ou-

vido, cheiro, tacto... — e de um estranho, e não raro contraditório, sentir, a cujo brotar, na sua alma, ele, Stürmer, assiste, entre surpreso e emocionado...

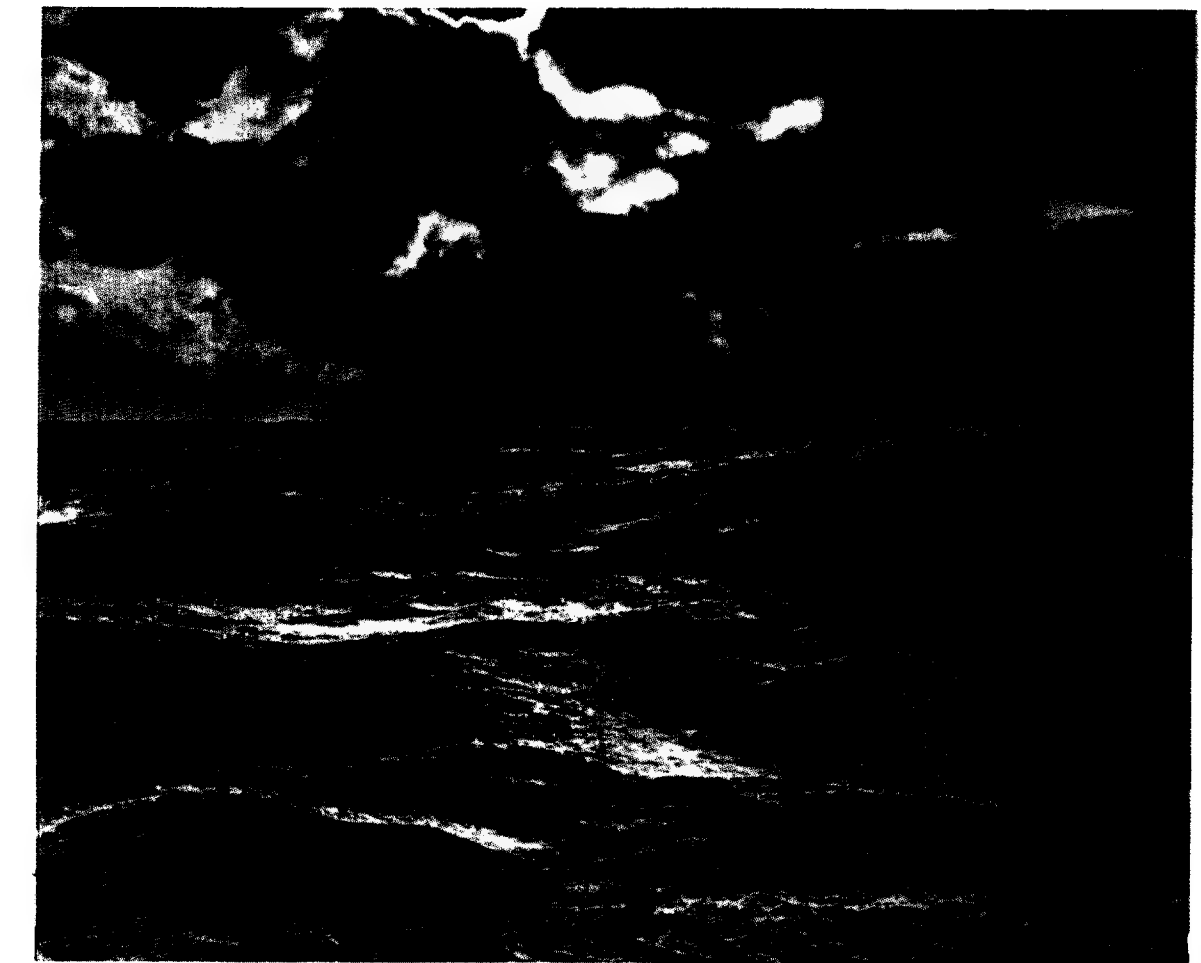
Na sua obra, é por inteiro, na plenitude do seu ser, que não utilizando apenas parte das suas capacidades e recursos, que o Stürmer procura dar-se.

Confiante na sua originalidade, no seu génio — no seu génio original... —, não deixa o Stürmer de ter presente que esse seu mesmo génio, a um tempo caudal de emoções, síntese de vivências, força de criação, tem a ver com o meio, a comunidade, o povo, do seio do qual brotou...

Superando o deísmo iluminista, valorando algumas vertentes do pietismo, identificando-se por vezes com certas linhas do panteísmo espinosista, — o Stürmer apela para o natural e o espontâneo, em detrimento do artificial e do convencional, aponta para uma vivência humana e concreta, em prejuízo de uma *Weltanschauung* apriorística e abstractizante.

Para o Stürmer, o Mundo não está perfeito — perfeito de «acabado», de «consumado» conformemente a determinado modelo preconcebido. Não! Para o Stürmer, o Mundo é criação contínua — criação em que ele poderá, e deverá, tomar parte, fazendo apelo à força imaginativa do seu génio. Génio que a poesia, a linguagem, os mitos populares profunda, subterrânea, eruptivamente alimentam...

Com o Stürmer, os sentidos, os sentimentos, as paixões, todos os abismos da alma, tanto mais ignotos quanto mais profundos — abismos de que a síntese iluminista desdenhara — ganham foros de cidade na república das letras. E isto porque o Stürmer tem



nítida consciência de que a parte dita negativa da alma a que se reportava Platão — parte sedenta de lágrimas e vivências — apenas esperava, e havia muito, dos poetas, que a cantassem. Assim como sabe que, no seu século, não deixará de ser dada, com Rousseau ou na esteira de Rousseau, ampla co-

bertura filosófica à necessidade daquele novo canto. O que, efectivamente, acontecerá — nesse mesmo século XVIII, complexamente rico de motivações e de correntes, tão rico e complexo que ainda o *Sturm und Drang* era vivido, por boa parte dos seus representantes com patente au-

tenticidade e entrega total, e já no horizonte se perfilavam as grandes linhas de força de novos movimentos: o movimento dos clássicos, o movimento idealista, o movimento romântico...

Manuel Alexandre
Alvim

Poesia

Se o olhar te queima

SE o olhar te queima
não debes temê-lo
nem cuspir-lhe em cima.
Deves acariciá-lo e dizer
baixinho
que é teu e que te defendes
das perguntas e das respostas
servidas em colheres de sangue,
dos sorrisos, das incertezas
que fazem a cara dos homens
esquecidos na inconstância dos
anos
e, porque não?, no labirinto da
história
remoendo tragédias, casos do
dia,
visões apocalípticas.
Os heróis estão já mortos
e nada te dizem
estão calados há muito
ou povoam os teus sonhos
dilacerados
os teus medos mais profundos,
o susto à superfície da cara,
em ritos, em rios, em rastros
reparando o teu perfil
desvanecido.
E se o amor te rói
não debes esquecê-lo,
tenta aceitá-lo e rir
do horizonte feliz que faz a
cabeça dos homens,
que lhes enche o perfil
como se fossem balões festivos
cheios de alegria fictícia
amarela, vermelha ou azul
mas sempre fictícia como os

calendários.
Por esta razão, o teu olhar
queima-te
mas não debes temê-lo,
deves pensar atentamente
nessas vidas enormes retidas nos
ascensores,
nas minas,
construindo o próprio rosto
desequilibrado em andaimes de
lodo
abafando as ondas nos olhos
ou amando tão desesperadamente
as searas
que já nada as alimenta
a não ser o mais rasteiro sonho
afogado em suor,
que já nada mais respiram
a não ser este ar fatigado
e fatigante.
Alguém lhes reconhece os nomes
(ou as alcunhas, para os
deserdados)
mas todos sabem certamente
que bebem cerveja na luz
e que regressam a casa
na ignorância das sextas-feiras
dizendo alegremente
que a vida não é uma eterna
evasão,
que há aquírios, sim
e compromissos e prisões
mas que, se te evades,
jamais saberás
se saís ou se entras
ou se é apenas o teu olhar que
arde
fugindo de ti. Alguma

espuma doce
o perdeu para sempre,
alguma mulher o afeiçoou
e educou
viveu e ninguém lho disse
ou se calhar disseram-lhe
demasiado
e por isso te queima.
Não debes temer nem
abandoná-lo:
poderá desvanecer-se e, depois,
que será de ti?
Mexe-te, mexe-te
faz alguma coisa!
apagas-te mais e mais na
multidão
que apenas te mantém de pé.
Mexe-te, mexe-te
faz alguma coisa!
Se o olhar te queima
não debes temê-lo
nem cuspir-lhe em cima.

...[4/87]

Imitação dos Pássaros

HÁ um caminho azul
a seguir as ondas
e o sol baixo faz crer
que os muros se tornaram ocos
de tanto se quererem compactos.
Talvez algumas portas se abram
e as palavras, atónitas
erguem o rosto e as mãos:
ninguém as desperte
ninguém as surpreenda
atormentadas e sedentas
sob as giestas

ou num canto qualquer
da cidade adormecida.

Se um rio te leva
ou a estrada subindo na distância
eis que o destino se cumpre
e amarga os olhos
perdidos dentro de si próprios.
As palavras
caem desfalecidas
e o caminho azul
buscando as ondas
traz búzios que cantam
ou lábios entreabertos
sob a força das marés
rasgando as searas,
iluminando o sol.

Se calhar os caminhos são
infundos
e abraçar o mundo
não passa de um longo beijo
que custa terminar
sentir a cidade ensurdecida
ou escutar os passos
de alguém que vive
ainda
no interior dos muros
alguém que quer partir
mas nem sabe como chegar
rir
dizer as palavras necessárias
e morrer em silêncio
dizer as palavras supérfluas
e morrer aos gritos
pois o silêncio ensurdece.

Há muitos silêncios

agarrados às mãos
tolhendo os dedos
recolhendo olhares, abrindo
certezas
ou negros caminhos longínquos
agonizando nas praias
Se os búzios cantam
é necessário partir
não há encantamento que nos
retenha
nem certezas nem verdades
no eco dos pinheirais
no calor subtil das giestas
na frescura da relva
construída sobre as ondas
em castelos de espuma
ou na areia incandescente
sonhando que é neve
fustigando as searas.

Não há outra coisa
em qualquer caminho.
Se olhamos em redor
nem sequer nos espantam
as mãos abertas para nós
nem sequer os olhares
dilacerados
erguem
fúteis desvelos
desvarios mórbidos
serenas conjecturas.

É que nunca houve destino
e viver
sempre foi morrer de olhos
abertos.

Sérgio Reis
2/6/87

O Leilão do Lote 49

THOMAS PYNCHON

Uma nova editora, **Fragmentos**, lança «The Crying of Lot 49» de Thomas Pynchon, um dos romancistas americanos que faz a ponte entre a geração **beatnick** e os novos ficcionistas. Saudando a iniciativa, aqui fica uma passagem do texto para os leitores do «Ler/Escriver», em jeito de aperitivo

NUMA tarde de Verão, Mrs. Oedipa Maas voltou a casa depois de uma reunião da Tupperware, cuja anfitriã talvez tenha exagerado o *kirch* no *fondué* para descobrir que ela, Oedipa, tinha sido nomeada testamentário, ou melhor testamenteira, de um tal Pierce Inverarity, um magnata de bens imóveis na Califórnia, que em tempos perdeu só de uma vez dois milhões de dólares, por simples prazer, mas que ainda deixou uma herança tão vasta e complicada que a tarefa de a resolver nada tem de honorífico. Oedipa ficou parada no meio da sala, sob o olhar esverdeado e frio da televisão, invocou o nome de Deus e tentou sentir-se o mais possível embriagada. Mas não resultou. Pensou num quarto de hotel em Mazatlán, em que a porta acabara de se fechar com força, aparentemente para sempre, despertando duzentos pássaros no *hall*; num nascer do sol na encosta sobre a biblioteca da Universidade de Cornell, que ninguém viu pois está virada a ocidente; numa melodia seca e melancólica do quarto andamento do *Concerto para Orquestra* de Bartók; num busto de Jay Gould caído de branco e que Pierce conservava por cima da cama numa prateleira tão estreita que ela vivia com o pavor que algum dia acabasse por lhes cair em cima. Foi assim que ele morreu, pensou, no meio dos seus sonhos, esmagado pelo único ícone da casa? A ideia fê-la rir com uma gargalhada de desespero. És completamente doida, Oedipa, disse para consigo, ou para as paredes, quem sabe.

A carta era do escritório de advogados Warpe, Wistfull, Kubitscheck and McMingus, de Los Angeles, e vinha assinada por um tal Metzger. Dizia que Pierce morreria na Primavera e que acabara de ser encontrado o seu testamento. Metzger fora designado co-testamentário e conselheiro particular em caso de litígio. Oedipa fora também nomeada executora do testamento num codicilo datado de há um ano. Ela tentou lembrar-se se, nessa altura, teria acontecido qualquer coisa de anormal. Durante o resto da tarde, enquanto ia ao Kinneret-Among-The-Phines, no centro, comprar *ricotta* e escutar a música ambiente (encontrou afastando a cortina de pérolas quando se ouvia o quarto compasso de um concerto de Vivaldi numa gravação *variorum* do Fort Wayne Settecenta Ensemble, com Boyd Beaver como solista), enquanto depois colhia, debaixo de sol, manjerona e manjerição no seu jardim de ervas, lia a crítica literária no último número do *Scientific American*, preparava uma lasanha, fritava pão de alho, arranjava umas folhas de alface, acendia o forno, e ao anoitecer preparava dois *cocktails* de uísque enquanto esperava o regresso do trabalho do marido, Wendell («Mucho») Maas, não parava de se interrogar, lembrando uma série confusa de dias passados, todos (não tinha sido ela a primeira a reconhecer-lo?) mais ou menos idênticos, ou todos preparados com subtileza como num baralho de cartas do prestidigitador, em que a carta preparada salta aos seus olhos bem treinados.

Foi então que se lembrou que, a meio do programa de Huntley e Brinkley, no

ano passado, pelas três da manhã, recebera aquela chamada telefónica interurbana, vinda não sabia de onde (talvez ele tenha deixado um diário), de uma voz com pronúncia exageradamente eslava de um segundo-secretário do Consulado da Transilvânia à procura de um morcego perdido, transformando-se na voz de um negro cómico, passando pelo dialecto pachuco cheio de agressividade, com os seus *chingas e maricones*; para depois ser um oficial da Gestapo que aos berros lhe perguntava se tinha parentes na Alemanha, e por fim a sua voz, de Lamont Craston, aquela com que ele falara todo o caminho para Mazatlán.

— Pierce, por favor — conseguiu por fim interromper —, eu pensava que nós tínhamos...

— Mas, Margo — a sua voz era sincera —, acabo de falar com o comissário Weston, e o velho foi assassinado na feira com a mesma espingarda que matou o professor Quackenbush... — ou qualquer coisa do género.

— Por amor de Deus — disse ela. Mucho tinha-se voltado e olhava-a.

— Porque não lhe desligas o telefone? — sugeriu Mucho, de forma acertada.

— Eu ouvi — disse Pierce. — Julgo que é altura de Wendell Maas receber uma visitinha de The Shadow. — Fez-se um silêncio pesado e absoluto. Foi a última voz que lhe ouviu, a de Lamont Craston. Esta chamada podia vir não se sabe de onde. A sua ambiguidade, nos meses que se seguiram, transformou-se em recordações: do seu rosto, do seu corpo, dos presentes que lhe dera, coisas que julgava não ter ouvido dizer. Por fim, chegou quase a esquecê-lo. E a sombra — The Shadow — demorou um ano a aparecer. E agora havia a carta de Metzger. Seria que Pierce lhe telefonara no ano passado para lhe falar deste codicilo? Ou teria decidido mais tarde, talvez porque ela ficara irritada e por causa da indiferença de Mucho? Ela sentia-se desprotegida, manejada, vencida. Nunca na sua vida se ocupara de um testamento, não sabia por onde começar, ignorava mesmo como dizer a esse escritório de Los Angeles que não sabia por que ponta lhe pegar.

— Mucho, meu amor — exclamou num acesso de desespero.

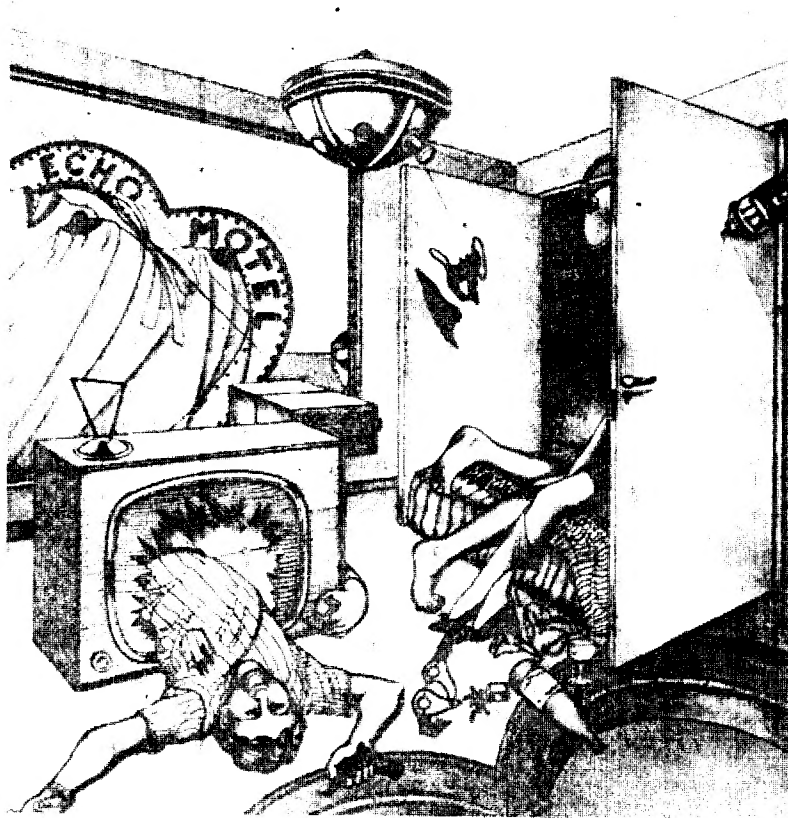
De regresso a casa, Mucho Maas surge de repente.

— Hoje foi nova derrota — anunciou.

— Deixa-me que te diga — começou ela.

Mas, primeiro, Mucho. Era *disc jockey*, trabalhava longe na península e a sua profissão provocava-lhe permanentes crises de consciência. «Não acredito em nada daquilo, Oed», acabava sempre por dizer. «Eu tento, mas realmente não consigo.» Este sentimento era tão profundo que ela não conseguia entender e fazia-a entrar quase em pânico. E vê-la prestes a perder o controlo dava-lhe ânimo para continuar.

— És demasiado sensível. — Sim, também havia tantas coisas que ela poderia ter dito, mas foi o que lhe saiu. De qualquer forma, era verdade. Durante



um ano ou dois, ele fora vendedor de carros usados. Supersensível ao que essa profissão significava para as pessoas, as horas de trabalho tornaram-se, para ele, numa verdadeira tortura. Todas as manhãs, Mucho barbeava o lábio superior, três vezes a favor e três vezes contra o pêlo para que não restasse suspeita de bigode, utilizava lâminas novas e cortava-se sempre, mas nada mudava; comprava fatos sem chumacos, e ia depois a um alfaiate mandar estreitar ainda mais as bandas, no cabelo só usava água, penteando-se à Jack Lemmon. O simples olhar para serradura ou mesmo para aparas de lápis fazia-o estremecer, pois as pessoas com a sua profissão tinham a fama de se servir disso para atulhar as caixas de transmissão prestes a darem o berro, ele fazia dieta mas não conseguia, como Oedipa, adoçar o café com mel, pois as substâncias viscosas mergulhavam-no em angústia, recordando-lhe de forma penosa aquilo que muitas vezes se junta ao óleo do motor para acabar com as folgas que se produzem entre os *pistons* e as paredes dos cilindros. Uma noite abandonou bruscamente uma festa para que tinha sido convidado porque alguém pronunciou a palavra *creampuff*, que lhe pareceu uma insinuação. O culpado era um pasteleiro húngaro falando do seu trabalho. Mas Mucho era assim: todo susceptibilidade.

Contudo, tinha acreditado nos carros. Excessivamente, talvez: e como poderia ter sido diferente, quando via dirigir-se toda aquela gente ainda mais pobre do que ele, pretos, mexicanos, tesos, uma multidão sete dias por semana, trazendo para troca as carrapanas mais inverosímeis: verdadeiros prolongamentos metálicos e motorizados deles próprios, das suas famílias, reflexo do que haviam sido as suas vidas, que eles punham a nu, ali, diante de um estranho como ele, para que as examinasse, *chassis* amolgados, cheios de ferrugem, guarda-lamas com cores que as tornavam invendáveis e para desencorajar Mucho, e o interior cheirando desesperadamente a crianças, a aguardente dos supermercados, duas e às vezes três gerações de fumadores de cigarros, ou simplesmente a pó — e, limpo o interior dos carros, era preciso examinar os resíduos destas vidas, e era impossível distinguir entre aquilo que tinha verda-

deiramente sido rejeitado (e a sua ideia é de que por medo se guardava o pouco que parecia) e aquilo que muito simplesmente (talvez tragicamente) tinha sido perdido: talões agraçados oferecendo descontos de 5 a 10 céntimos, bilhetes, propaganda de baixas de preços em supermercados, beatas, pentes desdentados, ofertas de empregos, páginas amarelas arrancadas de listas telefónicas, farrapos de roupa interior ou de vestidos fora de moda que serviram para desembaiar um pára-brisa para que se pudesse ver o que havia para ver, um filme, uma mulher ou um carro que se cobijava, um chui talvez o levasse dentro porque não tinha mais nada para fazer, ninharias todas elas envoltas invariavelmente, como uma salada de desespero, num condimento cinzento de cinzas, de gases concentrados de escapes, de poeira, de desperdícios humanos — ficava doente só de olhar, mas tinha de olhar. Se tivesse sido um negociante de sucata, talvez resistisse e possivelmente teria feito carreira: a violência causada por cada montão de destroços acontecia de quando em quando e longe dele para ter algo de miraculoso, tal como cada morte, até chegar a nossa, é miraculosa. Este ritual de trocas, semana após semana, nunca arrastava sangue ou violência, e Mucho, demasiado impressionável, não podia suportá-lo por muito tempo. Esta monotonia cinzenta tinha, até certo ponto, acabado por imunizá-lo, mas ele nunca conseguiu habituar-se à maneira como os proprietários, como sombras, vinham trocar uma versão amolgada e caótica deles próprios por uma outra igualmente sem futuro, projecção automóvel de outra existência. Como se fosse a coisa mais natural. Para Mucho era horrível. Um incesto estranho e eterno.

Oedipa não compreendia como ele ainda podia chegar a um tal estado. Quando se casaram, ele já trabalhava há dois anos na estação KCUF e o negócio em segunda mão numa artéria insípida e ululante tinha ficado para trás, tal como a Segunda Guerra Mundial ou a guerra da Coreia para os maridos mais velhos. Talvez lhe tivesse feito bem, sabe Deus, ter ido para a guerra, japoneses nas árvores, os boches nos tanques *Tigre*, e toda aquela cambada tocando trompetes pela noite fora talvez tivesse esquecido mais depressa do que as suas malditas

recordações dos carros usados, ainda tão vivas ao fim de cinco anos. Cinco anos. Damos-lhe alento quando acordam alagados em suor ou gritam com pesadelos, sim, ajudamo-los, acalmam-se e, depois, um dia esquecem: ela sabia-o. Quando iria Mucho esquecer? Ela supunha que este lugar de *disc jockey* — os Top 200 e mesmo a onda de informação que jorrava da máquina, tudo o que alimenta os sonhos falazes da juventude — era uma espécie de amortecedor entre ele e as carrapanas.

Ele acreditara excessivamente no negócio dos carros e nada na estação de Rádio. E, no entanto, ao vê-lo, na sala que escurecia, precipitar-se como um enorme pássaro na direcção do *shaker* que começava a encher-se de gotículas, sorrindo no meio do turbilhão, dir-se-ia tranquilo, sereno, numa auréola de glória.

Ilusão que desaparecia logo que abrisse a boca.

— Hoje — disse ele, enquanto servia os *cocktails* — Funch chamou-me para me falar da minha *imagem*, que não lhe agrada. — Funch era o director de programas e inimigo pessoal de Mucho. — Acha que me tornei atrevido e devia ser antes do género paizinho ou irmaozão. Com todas estas garotas que não param de telefonar fazendo pedidos, com toda a falta de pudor, o que é que ele quer, para Funch, há emoção em tudo o que eu digo. Então agora quer que eu grave todas as conversas telefónicas, e será ele próprio que corta o que lhe parecer chocante; as minhas respostas, claro. A censura, ora merda!, disse-lhe eu e sai. — Pelo menos uma vez por semana havia discussões como esta entre ele e Funch.

Oedipa mostrou-lhe a carta de Metzger. Mucho sabia da relação que ela tinha com Pierce: acabara um ano antes do seu casamento com Mucho. Leu a carta e baixou timidamente os olhos.

— Que hei-de fazer? — perguntou ela.

— Lamento, mas não contes comigo. Nem sequer sou capaz de preencher uma declaração de impostos. Não percebo nada de testamentos, é melhor consultares o Roseman. — Era o advogado deles.

— Mucho. Wendel. Tinha *acabado*. Acabou antes de pôr o meu nome naquele papel.

— Ok! Ok! Oed. Tudo o que quis dizer é que não sou capaz.

Foi o que ela fez na manhã seguinte, foi falar com Roseman. Passou uma boa meia hora diante do espelho, desenhando e voltando a desenhar traços pretos na pálpebras com *eye-liner*, e de repente esborrava tudo. Não se tinha praticamente deitado, depois daquele outro telefonema às três da manhã. Ficou em pânico, coração a bater quando a campainha tocou bruscamente, rompendo o silêncio, a inércia do aparelho transformando-se de repente num tinir estridente. Acordaram os dois em sobressalto e ficaram ali, imóveis, sem mesmo conseguirem olhar um para o outro, durante os primeiros toques. Então, pensando que não tinha nada a perder, ela foi atender. Era o dr. Hiarius, o seu psiquiatra, o fazedor da sua cabeça. Mas parecia Pierce imitando um oficial da Gestapo.

— Não a acordei, pois não? — perguntou em tom seco — parece tão assustada. E os comprimidos, não se dá bem com eles?

— Não os tomo.

— Sente-se ameaçada por eles?

— Não sei o que têm dentro.

— Não acredita que são apenas tranquilizantes?

— Será que posso confiar em si? — Não confiava, e o que ele disse a seguir

Continua na pág. 6

A Loucura do Dia

Maurice Blanchot

Maurice Blanchot entrou na roda dos autores franceses em relação aos quais se generalizou, entre nós, um novo interesse. Teoria do texto, filosofia e reflexão sobre o acto de escrever misturam-se, nele, e transformam-no num vasto porto visível, onde apetece, sempre, demorarmos-nos um pouco mais. Uma edição de 1982 dos **Quatro Elementos Editores**, esgotada, do seu magnífico **A Loucura do Dia**, é-nos agora entregue por quem a publicou. É esse texto que aqui fica, oferecido sobretudo aos que o não conhecem, como se fosse uma introdução.

NÃO sou nem sábio nem ignorante. Conheci algumas alegrias. É muito pouco dizer: vivi, e esta vida dá-me um grande prazer. Então, a morte? Quando morrer (talvez daqui a nada), conheci um prazer imenso. Não falo de antegosto da morte que é insulso e muitas vezes desagradável. Sofrer é embrutecedor. Mas tal é a verdade notável de que estou certo: sinto em viver um prazer sem limites e terei ao morrer uma satisfação sem limites.

Errei, passei de lugar em lugar. Estável, permaneci num único quarto. Fui pobre, depois mais rico, depois mais pobre que muitos. Criança, tinha grandes paixões, e tudo o que desejava, obtinha-o. Minha infância desapareceu, minha juventude vai a caminho. Não importa: o que foi faz-me feliz, o que é agradável-me, o que virá convém-me.

Minha existência é melhor do que a dos outros? Pode ser. Tenho um tecto, muita gente não o tem. Não tenho a lepra, não sou cego, vejo o mundo, felicidade extraordinária. Vejo-o, este dia fora do qual não há nada. Quem poderia tirar-me isso? E apagando-se este dia, apagar-me-ei com ele, pensamento, certeza que me extasia.

Amei alguns seres, perdi-os. Fiquei louco quando esse golpe me feriu, pois é um inferno. Mas a minha loucura não teve testemunha, a minha confusão não aparecia, só a minha intimidade era louca. Algumas vezes ficava furioso. Di-

ziam-me: Por que está tão calmo? Ora eu estava a arder dos pés à cabeça; de noite, corria pelas ruas, uivava; de dia, trabalhava tranquilamente.

Pouco depois, a loucura do mundo desencadeou-se. Fui empurrado contra o muro como muitos outros. Porquê? Por nada. As espingardas não desapareceram. Disse para comigo: Deus, que fazes? Deixei então de ser doido. O mundo hesitou, depois retomou o seu equilíbrio.

Com a razão, voltou-me a lembrança e vi que mesmo nos dias piores, quando me pensava perfeita e inteiramente infeliz, eu era na realidade, e quase durante todo o tempo, extremamente feliz. Isso levou-me a reflectir. Essa descoberta não era agradável. Parecia-me que perdia muito. Interroguei-me: não estava triste, não tinha sentido fender-se a minha vida? Sim, isso acontecera; mas, em cada minuto, quando me levantava e corria pelas ruas, quando ficava imóvel a um canto do quarto, a frescura da noite, a estabilidade do chão faziam-me respirar e repousar na alegria.

Os homens queriam escapar à morte, bizarra espécie. E alguns gritam, morrer, morrer, porque queriam escapar à vida. «Que vida, mato-me, rendo-me.» Isto é lamentável e estranho, é um erro.

Encontrei, contudo, seres que jamais disseram à vida, cala-te, nem à morte, vai-te embora. Eram quase sempre mu-

lheres, belas criaturas. Aos homens, o terror assedia-os, a noite penetra-os, vêem os seus projectos aniquilados, o seu trabalho reduzido a pó, ficam estupefactos, eles que tão importantes queriam fazer o mundo, e tudo se desmorona.

Posso descrever as minhas provações? Nem podia andar, nem respirar, nem me alimentar. Meu fôlego era de pedra, meu corpo de água, e, no entanto, morria de sede. Um dia, enterraram-me no chão, os médicos cobriram-me de lodo. Quanto trabalho no fundo da terra. Quem a diz fria? É fogo, é uma sarça de silvas. Soergui-me completamente insensível. Meu tacto errava a dois metros: se entravam no meu quarto, gritava, mas a faca cortava-me tranquilamente. Sim, fiquei um esqueleto. Minha magreza, à noite, erguia-se diante de mim para me amedrontar. Insultava-me, cansava-me a ir e vir; ah, quanto estava cansado.

Sou egoísta? Não tenho sentimentos senão para alguns, piedade para ninguém, desejando raramente agradar, ou que me agradem, e eu, quase insensível para comigo, só neles sofro, de tal maneira que o menor constrangimento deles se me torna um mal infinito, embora, se necessário for, os sacrifique deliberadamente, lhes retire qualquer sentimento feliz (cheço mesmo a matá-los).

Da fossa de lodo saí com o vigor da maturidade. Antes, que era eu? Um saco de água, era uma extensão morta, uma profundidade adormecida. (Contudo, sabia quem era, eu durava, não caía no nada.) Vinham ver-me de longe, As crianças brincavam a meu lado. As mulheres deitavam-se no chão para me darem a mão. Também eu tive a minha juventude. Mas a vida desiludiu-me.

Não sou medroso, recebi até alguns golpes. Alguém (um homem exasperado) pegou-me na mão e plantou aí a sua faca. Quanto sangue. Depois, tremia. Oferecia-me a mão para que lha pregasse na mesa ou contra uma porta. Porque me tinha feito esse lanho, o homem, um louco, pensava ter ficado meu amigo; atirava-me a mulher para os

meus braços; seguia-me na rua gritando: «Estou amaldiçoado, sou o joguete de um delírio imoral, confissão, confissão.» Um estranho louco. Durante esse tempo, o sangue gotejava sobre o meu único fato.

Vivia sobretudo nas cidades. Fui durante algum tempo um homem público. A lei atraía-me, agradava-me a multidão. Fui obscuro em outrem. Ninguém, fui soberano. Mas um dia cansei-me de ser a pedra que lapida os homens sós. Para tentá-la, chamei docemente a lei: «Aproxima-te, para que te veja frente a frente.» (Queria, por um instante, ficar a sós com ela.) Imprudente chamamento, que teria feito se ela me tivesse respondido?

Devo confessá-lo, li muitos livros. Quando desaparecer, insensivelmente todos esses volumes mudarão; maiores as margens, mais solto o pensamento. Sim, falei com demasiadas pessoas, isso me espanta hoje; cada pessoa foi um povo para mim. Esse imenso outrem tornou-me eu próprio mais do que tinha querido. Agora, minha existência é de uma solidez surpreendente; até as doenças mortais me julgam coriáceo. Peço desculpa, mas preciso de enterrar alguns antes de mim.

Começava a cair na miséria. Esta trachava lentamente à minha volta círculos em que o primeiro parecia deixar-me tudo, em que o último só me deixaria a mim. Um dia, encontrei-me fechado na cidade: viajar não era mais do que uma fábula. O telefone deixou de responder. Minhas roupas gastavam-se. Sofria com o frio; a Primavera, depressa. Fui para as bibliotecas. Tinha travado amizade com um empregado que me deixava descer às caves sobreaquecidas. Para lhe prestar serviço, galopava alegremente sobre passarelas minúsculas e trazia-lhe volumes que ele transmitia em seguida ao sombrio espírito da leitura. Mas esse espírito lançou contra mim palavras pouco amáveis; aos seus olhos eu apequenava; viu-me tal como eu era, um insecto, um animal com mandíbulas vindo das regiões obscuras da miséria. Quem era eu? Responder a esta pergunta ter-me-ia lançado em grandes preocupações.

Fora, tive uma curta visão: havia perto dali, mesmo na esquina da rua que ia deixar, uma mulher parada com um carrinho de criança, eu via-a bastante mal, manobrando o carrinho para fazê-lo entrar pelo portão. Nesse momento entrava no portão um homem que eu não tinha visto aproximar-se. Tinha já ultrapassado a soleira quando fez um movimento para trás e voltou a sair. Enquanto se mantinha ao lado do portão, o carrinho de criança, passando diante dele, soergueu-se ligeiramente para franquear o portão e a jovem mulher, depois de ter levantado a cabeça para olhá-lo, desapareceu por sua vez.

Esta curta cena perturbou-me até ao delírio. Não podia sem dúvida explicá-lo completamente a mim próprio e no entanto estava certo, tinha agarrado o instante a partir do qual o dia, tendo tropeçado contra um acontecimento verdadeiro, ia precipitar-se para o seu fim. Eis que chega, dizia para comigo, o fim vem aí, alguma coisa acontece, o fim começa. Fui tomado de alegria.

Fui a essa casa, mas sem entrar. Pelo orifício via o começo negro de um pátio. Apoiei-me por fora ao muro, tinha certamente muito frio; o frio envolvendo-me dos pés à cabeça, sentia lentamente a minha enorme estatura tomar as dimensões desse frio imenso, ela elevava-se tranquilamente de acordo com os direitos da sua verdadeira natureza e eu permanecia na alegria e perfeição dessa felicidade, um instante a cabeça tão alta como a pedra do céu e os pés no macadame.

Reparem, tudo isso era real

Não tinha inimigos. Não era incomodado por ninguém. Algumas vezes na minha cabeça criava-se uma vasta solidão onde o mundo desaparecia completamente, mas ele saía de lá intacto, sem uma arranhadela, não lhe faltando nada. Quase que perdi a vista, tendo alguém esmagado vidro sobre os meus olhos. Esse golpe abalou-me, reconheço-o. Tive a impressão de entrar na parede, de divagar numa moita de sílex. O pior, era a brusca, a horrível crueldade do dia;

Continua na pag. 7

O leilão do lote 49

Continuação da pag. 5

explica porquê.

— Falta-nos ainda uma centésima quarta para o brídege.

Risinho seco. O brídege, *die Brucke*, era o nome que ele dava a um programa de experiências efectuadas no hospital sobre os efeitos do LSD-25, da mescalina, da psicocibina, etc., e no qual participava um grande número de mulheres dos arredores. O brídege interno.

— Quando é que nos deixa incluí-la no nosso programa?

— Não. Têm meio milhão de mulheres para escolher. São três horas da manhã.

— Precisamos de si.

Ela contemplava agora, suspenso no ar por cima da cama, o retrato bem conhecido do Tio Sam que se encontra em todos os nossos postos de correio, com o seu brilho inquietante no olhar, faces encovadas e macilentas com rosáceas gritantes, de dedo esticado na direcção dos olhos. Eu preciso de si. Porquê, ela nunca ousara perguntar ao dr. Hilarius, receando sem dúvida a sua resposta.

— Estou neste momento com uma alucinação, não preciso de drogas para

isso.

— Não a descreva — disse ele precipitadamente. — Bem. Mais alguma coisa de que quisesse falar?

— Fui eu que lhe telefonei?

— Já supunha, tinha essa sensação. Não é telepatia, mas a ligação com o doente é por vezes curiosa.

— Não desta vez.

Ela desligou. Não conseguiu voltar a adormecer. Teria preferido ser condenada do que tomar os comprimidos que lhe tinha dado o médico. Literalmente condenada. Não queria ser apanhada, de uma ou de outra maneira, já lho tinha dito.

— Então — diz ele com voz desolada — não está presa a mim? Podemos parar com o tratamento. Está curada.

Não parou. Não que o psiquiatra tivesse sobre ela qualquer poder obscuro, mas era mais fácil continuar. Quem saberia quando ela estaria curada? Não ele, ele próprio o admitia. «Os comprimidos, é diferente», objectou ela. Hilarius fez-lhe uma careta, como já lhe fizera antes. Nele, eram frequentes estes desvios ao convencional. Ele tinha uma teoria: um rosto é simétrico como uma mancha de Rorschach, conta uma

história como um quadro de trapos, provoca uma resposta como uma palavra sugerida, então porque não? Ele pretendia ter curado um caso de cegueira histórica com a sua número 37, a «Fu-Manchu» (muitas destas caretas têm, como as sinfonias alemãs, um número e um nome), que consiste em puxar para cima o canto dos olhos com os dedos indicadores, alargar as narinas com os médios, repuxar a boca com os mindinhos ao mesmo tempo que se deita a língua de fora. Feita por Hilarius, era de meter medo. E, de facto, à medida que se desvanecia a alucinação de Oedipa sobre o Tio Sam, ela foi, pouco a pouco, sendo substituída pelo rosto de Fu-Manchu, que permaneceu com ela até de manhã. Estava em mísero estado para defrontar Roseman.

Mas Roseman também passara uma noite sem dormir, depois do programa de Perry Mason na televisão, de que a mulher era uma apaixonada, ele próprio dividido entre o desejo de se tornar um advogado célebre como Perry Mason e a vontade de destruir Perry Mason, minando o seu prestígio. Oedipa entrou de surpresa, na altura em que o advogado de confiança da família, com uma pre-

ocupação de culpa, escondia numa gaveta da sua secretária um maço de papéis de cores e formatos diversos. Ela sabia que era o rascunho de *Acção contra Perry Mason. Uma Acusação não tão Hipotética como isso*, e na qual trabalhava desde o início da série de emissões.

— Não costumavas ter um ar culpado, segundo me lembro — diz-lhe Oedipa.

Eles iam muitas vezes juntos às sessões de terapia de grupo no mesmo carro, com um fotógrafo de Palo Alto que estava convencido que era uma bola de vôlei.

— É um bom sinal, não é?

— Podias ser um dos espões de Perry Mason — disse Roseman. E alguns instantes depois, acrescentou. — Ah, ah.

— Ah, ah — disse Oedipa. Olharam um para o outro. — Nomearam-me executora testamentária.

— Prá frente com isso. Não quero empatar-te.

— Não — disse Oedipa, e contou-lhe tudo.

— Porque diabo teria ele feito uma coisa destas? — perguntou Roseman com um ar intrigado, depois de ler a carta.

— O quê, morrer?

— Não, encarregar-te do testamento.

— Era um homem absolutamente imprevisível.

Foram almoçar. Roseman tentou encostar-lhe a perna debaixo da mesa. Ela levava botas e não sentiu nada ou quase nada. Assim protegida decidiu não fazer escândalo.

— Foge comigo — disse Roseman quando veio o café.

— Para onde? — perguntou ela. Ele não respondeu.

De regresso ao escritório, ele explicou-lhe o que a esperava: examinar minuciosamente os livros das contas e os diversos negócios comerciais, mandar homologar o testamento, cobrar as dívidas, inventariar os haveres, decidir sobre o que vender ou manter, pagar as dívidas, liquidar os impostos e fazer as partilhas...

O Leilão do Lote 49, Thomas Pynchon, ed. Fragmentos.

Continuação de pag. 6

não podia nem olhar nem não olhar; ver era o terror, e deixar de ver dilacerava-me da testa à garganta. Além disso, ouvia gritos de hiena que me punham sob a ameaça de um animal selvagem (esses gritos, penso, eram meus).

Tirado o vidro, deslizaram-me uma película sob as pálpebras e por cima muralhas de algodão-em-rama. Não devia falar, pois a fala puxava os pregos do penso. «Você dormia», disse-me o médico mais tarde. Dormia! Tinha que fazer frente à luz de sete dias: um belo clarão! Sim, sete dias juntos, as sete claridades capitais transformadas na vivacidade de um só instante pediam-me contas. Quem o teria imaginado? Por vezes, dizia para comigo: «É a morte; apesar de tudo, vale a pena, é impressionante.» Mas muitas vezes eu morria sem dizer nada. Com o tempo, convenci-me que via frente a frente a loucura do dia; tal era a verdade; a luz ficava louca, a claridade tinha perdido qualquer bom senso; assaltava-me desrazoavelmente sem regra, sem finalidade. Esta descoberta foi uma dentada através da minha vida.

Dormia! Ao despertar, tive que ouvir um homem perguntar-me: «Vai fazer queixa?». Bizarra pergunta dirigida a alguém que acaba de ter de se haver directamente com o dia.

Mesmo curado, duvidava de o estar. Nem podia ler nem escrever. Estava rodeado de um Norte brumoso. Mas eis a estranheza: embora me lembrando do contacto atroz eu definhava por viver atrás de cortinas e de vidros esfumados. Queria ver alguma coisa à luz do dia; estava saciado da amenidade e do conforto da penumbra; tinha pelo dia um desejo de água e de ar. E se ver era o fogo, eu exigia a plenitude do fogo, e se ver era o contágio da loucura, eu desejava loucamente essa loucura.

No estabelecimento, deram-me uma pequena posição. Respondia ao telefone. Tendo o doutor um laboratório de análises (ele interessava-se pelo sangue), as pessoas entravam, bebiam uma droga; estendidas em pequenas camas, adormeciam. Uma delas teve uma astúcia notável: depois de ter absorvido o produto oficial, tomou um veneno e entrou em coma. O médico chamava a isso uma vileza. Ressuscitou-a e «fez queixa» contra esse sono fraudulento. Que sorte! Esse doente, parece-me, merecia mais.

Embora com a vista apenas diminuída, caminhava na rua como um caranguejo, apoiando-me firmemente nos muros e, desde que os largava, a vertigem à volta dos meus passos. Nesses muros, via muitas vezes o mesmo cartaz, um cartaz modesto, mas com letras bastante grandes: *Até tu queres*. Com certeza, eu queria, e todas as vezes que encontrava essas palavras consideráveis, eu queria.

No entanto qualquer coisa em mim deixava bastante depressa de querer. Ler dava-me um grande cansaço. Ler não me cansava menos do que falar, e a menor palavra verdadeira exigia de mim não sei que força que me faltava. Diziam-me: Você põe complacência nas suas dificuldades. Esse dito espantava-me. Aos vinte anos, na mesma condição, ninguém me teria notado. Aos quarenta, um pouco pobre, tornava-me miserável. E de onde vinha esta desagradável aparência? A meu ver, eu apanhava-a na rua. As ruas não me enriqueciam como deveriam tê-lo razoavelmente feito. Pelo contrário, ao seguir pelos passeios, ao afundar-me na claridade do metropolitano, ao passar pelas admiráveis avenidas onde a cidade raiava soberbamente, ficava extremamente baço, modesto e cansado e, recolhendo uma parte excessiva da ruína anónima, eu atraía em seguida tantos mais olhares quanto ela não fora feita para mim, além de que me transformava em qualquer coisa de vago e de informe; mas também



ela parecia afectada, ostensível. A miséria tem isso de aborrecido quando a vemos, e os que vêem pensam: Eis que me acusam; quem me ataca? Ora eu não desejava de maneira nenhuma trazer a justiça nas minhas roupas.

Diziam-me (algumas vezes o médico, outras vezes as enfermeiras): Você é instruído, tem capacidades; ao deixar sem emprego aptidões que, repartidas por dez pessoas que delas carecem, lhes permitiriam viver, você priva-as do que elas não possuem, e a sua penúria que poderia ser evitada é uma ofensa às suas necessidades. Eu perguntava: Porquê esses sermões? É o meu cargo que eu roubo? Fiquem com ele de novo. Via-me rodeado de pensamentos injustos e de raciocínios malevolentes. E quem levantavam contra mim? Um saber invisível de que ninguém tinha provas e que eu próprio procurava em vão. Eu era instruído! Mas não o era talvez sempre. Capaz? Onde estavam elas, essas capacidades que punham a falar como juízes de toga sentados na madeira e prontos a condenarem-me dia e noite?

Gostava bastante dos médicos, não me sentia diminuído pelas suas dúvidas. O aborrecido é que a autoridade deles aumentava de hora para hora. Não nos apercebemos disso, mas são reis. Abrindo os meus aposentos, diziam: Tudo o que está aqui nos pertence. Lançavam-se sobre as minhas aparas de pensamento: Isto é nosso. Interpelavam a minha história: Fala, e ela punha-se ao seu serviço. À pressa, eu despojava-me de mim mesmo. Distribuíam-me o meu sangue, a minha intimidade, emprestavam-me o universo, dava-lhes o dia. Sob os seus olhos em nada espantados, transformava-me numa gota de água, numa nódoa de tinta. Reduzia-me a eles

próprios, passava inteirinho à sua vista, e quando, enfim, não tendo presente mais que a minha perfeita nulidade, e não tendo mais nada que ver, eles deixavam de me ver, muito irritados levantavam-se a gritar: Pois bem, onde está você? Onde se esconde? Esconder-se é proibido, é uma falta, etc.

Atrás das suas costas, divisava a silhueta da lei. Não da lei que se conhece, que é rigorosa e pouco agradável: esta era outra. Longe de cair debaixo da sua ameaça, era eu que parecia amedrontá-la. A acreditar nela, o meu olhar era o raio e as minhas mãos ocasiões de percer. Além disso, ela atribuía-me ridículamente todos os poderes, declarava-se perpetuamente a meus joelhos. Mas ela não me deixava perguntar nada e quando me reconheceu o direito de estar em todos os lugares, isso significava que eu não tinha lugar em parte nenhuma. Quando ela me punha acima das autoridades, isso queria dizer: não estás autorizado para nada. Se ela se humilhava: não me respeitas.

Sabia que um dos seus objectivos era obrigar-me a «fazer justiça». Diziam-me: «Agora és um ser à parte; ninguém pode fazer nada contra ti. Podes falar, nada te compromete; os juramentos não te vinculam mais; teus actos permanecem sem consequência. Pisas-me com os pés, e eis-me para sempre tua serva.» Uma serva? Não o queria a nenhum preço.

Dizia-me: «Tu amas a justiça. — Sim, parece-me. — Porque deixas ofender a justiça na tua pessoa tão notável? — Mas a minha pessoa não é notável para mim. — Se a justiça enfraquece em ti, ela torna-se fraca nos outros que vão sofrer com isso. — Mas este assunto não lhe diz respeito. — Tudo lhe diz respeito. — Mas disseste-me há

pouco que era um ser à parte. — À parte, se agires; nunca, se deixas os outros agir.»

Acabava com palavras fúteis: «A verdade é que não nos podemos mais separar. Seguir-te-ei por toda a parte, viverei debaixo do teu tecto, teremos o mesmo sono.»

Tinha aceite deixar-me internar. Momentaneamente, diziam-me. Certo, momentaneamente. Durante as horas ao ar livre, um outro residente, velhote de barba branca, saltava-me aos ombros e gesticulava por cima da minha cabeça. Diziam-me: «Então tu és Tolstoi?» O médico julgava-me, por causa disso, um pouco louco. Finalmente passeava toda a gente às costas, um nó de seres estreitamente enlaçados, uma sociedade de homens maduros, atraídos para o alto por um vão desejo de dominar, por uma infantilidade infeliz, e quando caía (porque eu apesar de tudo não era um cavalo), a maior parte dos meus camaradas, tombados também eles, enchiam-me de porrada. Eram alegres momentos.

A lei criticava vivamente o meu comportamento: «Outrora conheci-te bastante diferente. — Diferente? — Não trocavam de ti impunemente. Ver-te custava a vida. Amar-te significava a morte. Os homens escavavam fossas e enterravam-se para escapar à tua vista. Diziam entre eles: Já passou? Bendita a terra que nos esconde. — Receavam-me até esse ponto? — O receio não te bastava, nem os elogios do fundo do coração, nem uma vida recta, nem a humildade na poeira. E sobretudo que não me interrogassem. Quem ousa pensar até mim?»

Ela excitava-se singularmente. Exaltava-me, mas para se elevar atrás de

mim: «És a fome, a discórdia, o homicídio, a destruição. — Porquê tudo isso? — Porque eu sou o anjo da discórdia, do homicídio e do fim. — Pois bem, dizia-lhe eu, há mais do que o necessário para nos internarem aos dois.» A verdade é que ela me agradava. Era nesse lugar sobrepovoado de homens o único elemento feminino. Tinha-me uma vez deixado tocar no seu joelho: uma impressão bizarra. Tinha-lho declarado: Não sou homem para me contentar com um joelho. A resposta dela: Seria asqueroso!

Eis um dos seus jogos. Mostrava-me uma porção de espaço, entre o cimo da janela e o tecto: «Concentra-te», dizia-me. Eu olhava esse ponto com intensidade. «Já estás?» Olhava-o com todo o meu poder. «Então?» Sentia saltarem as cicatrizes do meu olhar, minha vista ficava uma chaga, minha cabeça um buraco, um touro esventrado. De súbito, ela exclamava: «Ah, vejo o dia, ah, Deus», etc. Eu protestava dizendo que esse jogo me cansava enormemente, mas ela era insaciável da minha glória.

Quem lhe lançou vidro à cara? Esta pergunta reaparecia em todas as perguntas. Não ma faziam já directamente, mas ela era a encruzilhada onde conduziavam todos os caminhos. Deram a entender que a minha resposta não descobria nada, pois já há muito tempo tudo tinha sido descoberto. «Maior razão para não falar. — Vejamos, você é instruído, sabe que o silêncio chama a atenção. O seu mutismo atraí-lo-o da maneira mais desrazoável.» Respondia-lhes: «Mas o meu silêncio é verdadeiro. Se eu o escondesse, vocês achá-lo-iam um pouco mais longe. Se ele me atraí, tanto melhor para vocês, ele serve-os, e tanto melhor para mim que vocês declaram servir.» Era-lhes pois necessário mover céus e terra para se saírem bem.

Tinha-me interessado pela sua investigação. Éramos todos como que caçadores mascarados. Quem era interrogado? Quem respondia? Um transformava-se no outro. As palavras falavam sozinhas. O silêncio entrava nelas, refúgio excelente, pois ninguém, a não ser eu, se apercebia disso.

Tinha-me pedido: Conte-nos como as coisas se passaram «na verdade». — Uma narrativa? Comecei: Não sou nem sábio nem ignorante. Conheci algumas alegrias. É muito pouco dizer. Conte-lhes a história inteira que eles escutavam, parece-me, com interesse, pelo menos no começo. Mas o fim foi para nós uma surpresa comum. «Depois deste começo, diziam eles, acabará por chegar aos factos.» Como assim! A narrativa estava terminada.

Tive que reconhecer que não era capaz de formar uma narrativa com esses acontecimentos. Tinha perdido o sentido da história, isso acontece em muitas doenças. Mas essa explicação só os tornou mais exigentes. Reparei então pela primeira vez que eles eram dois, que esta entorse ao método tradicional, embora se explicando pelo facto de um ser o técnico da vista, o outro um especialista de doenças mentais, dava constantemente à nossa conversa o carácter de um interrogatório autoritário, vigiado e controlado por um regulamento estrito. Nem um nem outro, certamente, era o comissário de polícia. Mas, sendo dois, por causa disso eram três, e este terceiro estava plenamente convencido, estou certo, de que um escritor, um homem que fala e que raciocina com distinção, é sempre capaz de contar os factos de que se recorda.

Uma narrativa? Não, nada de narrativas, nunca mais.

[Nota: «La Folie du Jour» foi publicada em 1975 pelas edições FATA MORGENA Quatro Elementos Editores, col. Fim de Citação (n.º 2), 1982 (Trad. Silva Carvalho).

Acabados de Chegar

■ A Corte do Norte, Agustina Bessa-Luís, Guimarães ed.

Na origem deste novo romance de Agustina está uma viagem à Madeira, durante quinze dias, e, depois, vários meses de trabalho sobre documentos, livros, memórias, fotos antigas, não abemos se correspondências. De tudo isso resulta algo de comparável ao que só um estrangeiro apaixonado vê em Lisboa: a reconstituição, eidética, de um tempo, um auge, uma época. No caso, trata-se do curto período da viagem que Sissi fez à ilha e do que essa visita parece ter engendrado de comportamentos femininos, pelo menos. O ritmo lento e burguês do Funchal de meados do século passado, onde ainda brilham refulgências dos conflitos continentais, uma natureza devorante que penetra a arquitectura, principal indício de civilização, e um estalar de risos por casinos e mansões, são o pano de fundo para o drama de Rosalina, baronesa de Madalena do Mar, que depois da partida de Sissi foge de tudo e todos e se torna estranha, isolando-se na «Corte da Aldeia», até morrer de queda nos penhascos. Outros percursos femininos se esboçam livro fora. A figura do protagonista é partilhada, com efeito, entre a ilha propriamente dita e um limitado número de mulheres. «A Corte do Norte» não será o melhor romance de Agustina, mas tem o mérito exemplar de devolver ao sonho, ao imaginário, à ficção, uma realidade sepultada há mais de um século, sem nunca correr o risco de assumir o perfil intragável dos romances históricos que actualmente há quem publique, entre nós. Para quem não quer falhar os livros significativos que vão marcando o itinerário da ficção portuguesa, nestes anos 80, esta «Corte do Norte» é, indiscutivelmente, um livro a não esquecer.

■ Enciclopédia Einaudi, vol. 11, Oral/Escreito, Argumentação, ed. Imprensa Nacional/Casa da Moeda

O esperado volume 11 da Einaudi corresponde à expectativa que gerou: Jean-Loup Rivière escreve sobre o gesto, Roland Barthes e Eric Marty sobre a dicotomia oral/escreito, Corrado Bologna sobre a voz, Gino Barata sobre o ritmo, de novo Barthes e François Flahaut sobre a

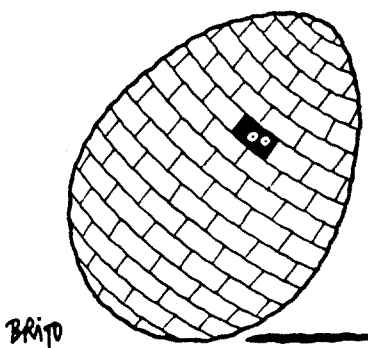
palavra, Barthes ainda, respectivamente com Patrick Mauriès e Charles Thomas, sobre Escuta e escrita. Outros temas do volume são o alfabeto, a leitura, as duas figuras de analogia e metáfora, a interpretação, a argumentação e o lugar-comum. Fugindo à habitual organização alfabética, a Enciclopédia da Einaudi preferiu uma sequência temática que multiplica enfoques próximos, cúmplices e complementares, sem se aundar na interdisciplinaridade que se transformou, por obra e graça da fraqueza universitária, numa liturgia obrigada e obrigante, e geradora da mais equívoca auto-satisfação. A importância e a ousadia do cometimento está expressa volume após volume. É um trabalho notável, que se dirige a um público semi-especializado, mas que convida igualmente os não especialistas a uma reflexão dispersante e aberta, sem a qual não existe, hoje, verdadeiramente, cultura.

■ A canção das otárias, Inês O'Zarco, ilustrações de Pedro Moraes, ed. Rolim

Até hoje não há, entre nós, heróis para adolescentes que vivam sem cão as suas aventuras. Assim para Elsa e Celso. Mas atenção: literatura juvenil não é um género fácil, e Inês O'Zarco não é uma escritora ingénua.

Duas palavras sobre ela, que ajudarão os pais a comprarem (para os filhos?) este seu livro: nascida em 1940, inicia licenciatura em Letras em Coimbra, mas acaba por terminar o curso, virando-se para a Antropologia, em Budapeste, com Lazlo Gabor. Trabalho de campo na Amazónia durante anos, do qual sai

uma qualificação pós-licenciatura na Sorbonne. Trabalhos para o Musée de l'Homme, do Trocadéro, e, ainda no Brasil, 12 títulos na colecção juvenil «Tupi-Mirim», de uma editora de Manaus. Volta para Portugal em 1970 e passa a viver no Grande Hotel da Torre, na Foz do Arelho. É autora de *Jefferson Lopes e os Caçadores de Cabeças*, *O Regresso dos Caçadores de Cabeças* e *A Vingança de Jefferson Lopes*, uma trilogia. Além disso fundou o grupo «Os Amigos do Arelho», que edita um mensário, «Eco da Lagoa». A Rolim anuncia para breve outra ficção sua, na mesma colecção.



■ Truques de Magia, Wilhelm Widenmann, Col. Tempos Livres, Ed. Presença

A transmissão de pensamentos, os «truques» com moedas e cartas, e outros números de magia, integram este «manual» de passatempos, em cujo prefácio o autor recorda que «há mais coisas no céu e na terra do que a escola nos ensina»...

■ Grafologia, Peter West, Col. Iniciação às Ciências Ocultas, Ed. Estampa

«Enviar 'curriculum vitae' manuscrito»: eis uma indicação frequente em anúncios de ofertas de emprego. Quanto mais não seja, o livro «Grafologia» pode-lhe dar indicações sobre os «erros» a evitar nas respostas àqueles anúncios.

■ D. Filipa de Lencastre, Col. História Junior, Ed. Asa

Dirigida por Alain Plessis, esta colecção pretende divulgar, pelo texto e a imagem, informações sobre figuras e acontecimentos que fizeram história.

■ As Lojas de Canela, Bruno Schulz, Col. Imaginário, Ed. Assírio & Alvim

Romance autobiográfico de um pintor que escrevia e que nas palavras e desenhos fazia emergir a «face dupla de um mesmo compêndio de mitos, de um universo de mulheres dominadoras e homens submissos fortemente impregnados pela volúpia do fracasso».

■ Sete Contos Góticos — Vol. II, Karen Blixen, col. Biblioteca de Bolso, Publicações Dom Quixote

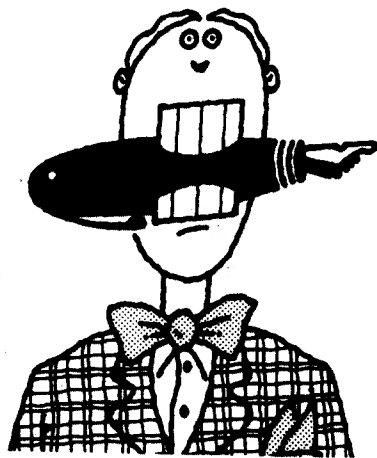
Autora de «África Minha», Karen Blixen, já aqui o dissemos, é indubitavelmente uma escritora do Norte. Estes seus «Contos Góticos» têm o sabor da ancestralidade, do tempo em que as histórias se contavam para entreter à noite.

■ A Magia de Rubik — Os Três Anéis Mágicos, Cristoph Banelov, Col. Tempos Livres, Ed. Presença

Rubik ficou célebre com um Cubo que ganhou o seu nome e que vendeu mais de cem milhões de exemplares em todo o mundo. Agora lançou a «Magia Rubik» que, à semelhança do Cubo, passa por um truque de construção. O presente livro explica os passos a dar para desvendar o que está por detrás da «Magia».

■ Como Entrevistar e Ser Entrevistado, Michèle Brown e Gyles Brandreth, Biblioteca de Gestão Moderna, Ed. Presença

Um livro que visa ensiná-lo sobre o modo de proceder no decurso de uma entrevista com vista a um futuro emprego. Mas a «lição» visa também os entrevistadores, sugerindo-lhes perguntas e métodos de avaliação.



O eu nos outros

O cão andava pelos plátanos do passeio exterior da vivenda, ora pára aqui, ora pára ali, a viver as primeiras horas de uma claríssima manhã de Verão. «Olha o 'Catrapum'» — disse para si o recém-chegado, ainda dentro do automóvel, de colarinho aberto. Ficou-se depois a olhar para a vivenda adormecida, os estores verdes corridos, o pequeno portão fechado.

As tantas, viu no pára-brisas as patas dianteiras do cão, a língua pendente, os olhos castanhos com um grande brilho. «O tipo reconheceu-me» — comoveu-se o recém-chegado.

Saiu do automóvel, aceitou o abraço do animal, a

carícia da língua húmida pelas mãos.

— Então, então... — disse.

O cão começou a rodopiar, ora estava à frente, ora aos lados, ora atrás — e também o sol, erguendo-se cada vez mais no azul, parecia executar um rodopio sobre as casas, sobre a paisagem, sobre o cão e o recém-chegado. «Estou é com tonturas» — pensou. Lembrou-se que não tinha ainda tomado o pequeno-almoço, onde é que poderia beber um café àquela hora, um biscoito seco, um...

«Catrapum» começara a ladrar, tocando-o sempre com as patas — e, às tantas, muito devagar, ainda com sono, um estore foi-se erguendo na cal branca da vivenda. Por

detrás dos vidros, um cabelo loiro de mulher caído sobre os ombros de um robe branco — e logo o recém-chegado num grande grito:

— Ruth!

O estore, lentamente, foi descendo — e só o cão continuava num grande festejo, num rodopio constante, ladrando de alegria, de alegria ladrando, e de maneira nenhuma sabendo que entre as pessoas há histórias que, ou a bem ou a mal, acabam sempre num ponto final.

Pedro Alvim

Os cães não têm ponto final